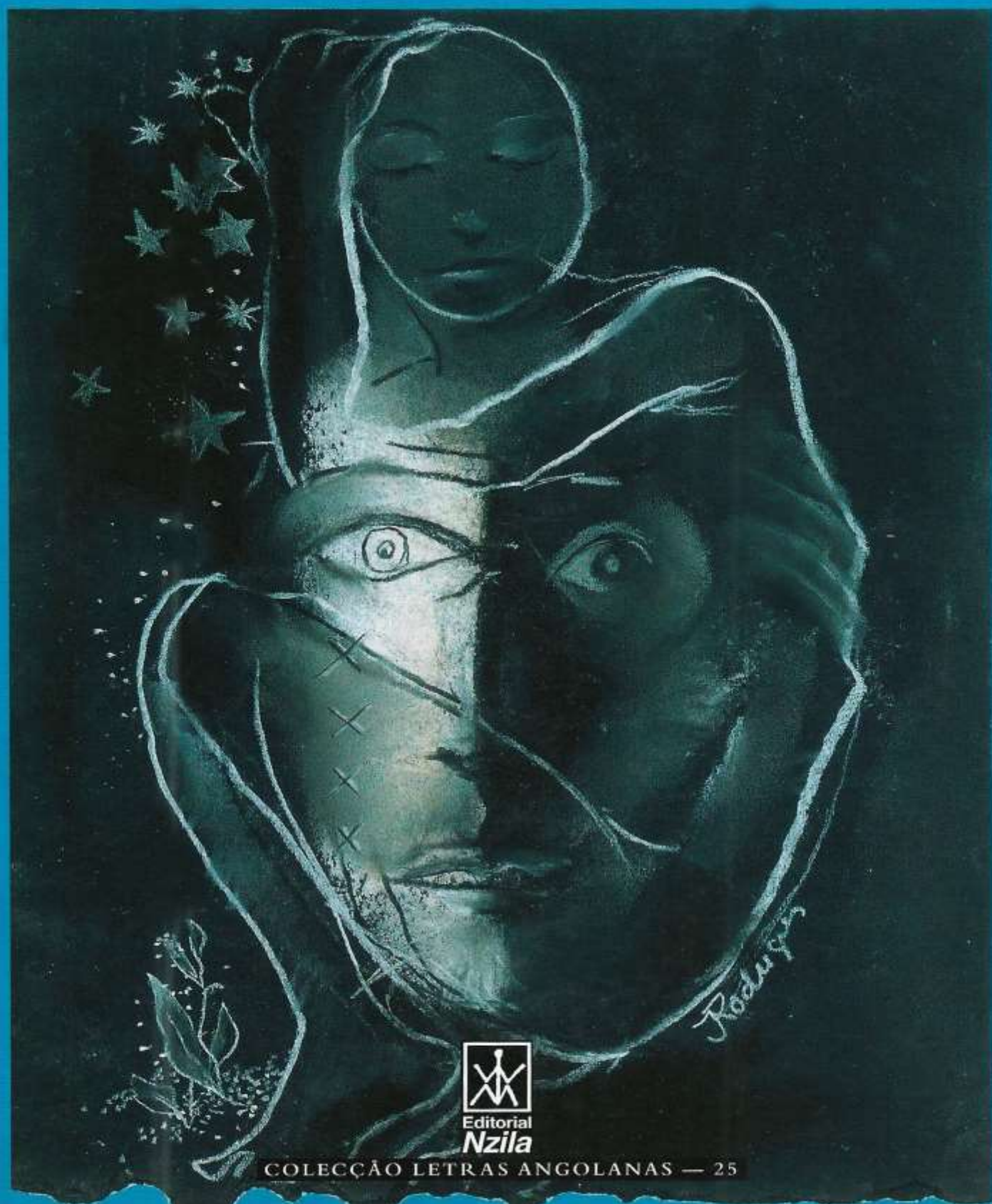


Henrique Abranches

GENTE QUE ANDA POR AÍ




Editorial
Nzila

COLEÇÃO LETRAS ANGOLANAS — 25



Esta obra foi concebida e escrita com a intenção de dar à nossa juventude leitora outras fontes da cultura e da linguagem nos vários níveis académicos em que ela se bate pela vida e onde adquire alguma informação mais enriquecedora do que aquela que as actuais deficientes circunstâncias que a rodeiam lhe permite. Mas foi também concebida para que funcionasse como um contributo que a afaste de uma tendência que parece querer considerar «Literatura Angolana» apenas o que se passa em Luanda, o que é redutor da cultura de Angola. Por isso a obra tem três partes: a primeira feita a partir de sonhos que o autor sonhou e julgou serem realidade angolana, mesmo quando se passavam em Paris ou em Havana; a segunda contendo várias maneiras de ficcionar em torno da realidade; e a terceira constituída por contos tradicionais que foram contados ao autor — ou cantados — no estilo próprio do narrador tradicional, ou mesmo totalmente por aquele fantasiados. Em suma, este trabalho representa um esforço para globalizar diversos vectores da cultura. Justamente à procura da atrás mencionada «Cultura Nacional».

H. A.

90000

Criolo de ariz

01/2005

048
/

GENTE QUE ANDA
POR AÍ

Do Autor

Bibliografia sumária

Ficção:

Konkava de Feti (romance), UEA, Luanda — Prémio Nacional de Literatura 1981.

Kissoko de Guerra (romance), UEA, Luanda, 1989 (2 vols.).

O Clã de Novembrino (romance), UEA — Prémio Nacional de Literatura 1989 (3 vols.).

Titânia (novelas — ficção científica), UEA, Luanda, 1993.

Misericórdia para o Reino do Kongo (romance), Dom Quixote, Lisboa, 1996.

Os Senhores do Areal (romance), Campo das Letras, Porto, 1998, e Direcção Provincial da Cultura de Luanda, 1999 — Prémio Cidade de Luanda 1997.

Ciclo «As Marés de Bacilon»:

I — *O Ovo Magentino* (romance — ficção científica), Executive Center, Luanda, 2000, e Novo Imbondeiro, Lisboa, 2001.

II — *A Balada de Kaloy Bura* (romance — ficção científica), Executive Center, Luanda, 2001, e Novo Imbondeiro, Lisboa, 2001.

NSanta Madiya habitou entre nós (novela), Chá de Caxinde, Luanda, 2003.

Poesia:

Sobre as Colinas de Colomboloca, UEA, Luanda, 1987.

Cântico Barroco, UEA, Luanda, 1987.

O Elogio do Paradoxo, 2.º Prémio Chá de Caxinde, Luanda, 1998.

Teatro:

Diálogos, CEI, Lisboa, 1962.

Diálogo, UEA, Luanda, 1987.

Ensaio:

História de Angola (com Pepetela e Adolfo Maria), Alger, 1965.

Sobre o Feiticismo, UEA, Luanda, 1978.

Manual de Museologia, INALD, Luanda, 1979.

Sobre as Culturas Regionais Angolanas, UEA, Luanda, 1979.

Reflexões sobre a Cultura Nacional, UEA, Luanda, 1980.

Identidade Y Patrimonio Cultural, Editora Ciencias Sociales, Havana, 1988.

Identidade e Património Cultural, UEA, Luanda, 1989.

Sobre os Bassolongo — Arqueologia da Tradição Oral, Ed. Luxo, Fina, Luanda, 1991.

Tem também algumas obras de banda desenhada, principalmente com a participação dos seus alunos.

HENRIQUE ABRANCHES

GENTE QUE ANDA
POR AÍ

Contos



Editorial
Nzila

COLECÇÃO LETRAS ANGOLANAS – 25

MAIO, 2004

LUANDA

GENTE QUE ANDA POR AÍ

Autor: Henrique Abranches

Edição: Editorial Nzila, Lda.

Rua Ndunduma, n.º 308, 2 — Esquerdo

Caixa Postal 3462 — Luanda-Angola

Telefax: + 244 2 430 731

E-mail: nzila@ebonet.net

© Henrique Abranches e Editorial Nzila, Lda., Luanda — 2004

Colecção: Letras Angolanas — 25

Design gráfico: José Serrão

Ilustração da capa: desenho de José Rodrigues

Tiragem: 1500 exemplares

Pré-impressão: Editorial Caminho, SA, Lisboa

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, L^{da} — Portugal

1.ª edição: Luanda, Junho de 2004

Depósito legal n.º 2086/03

ISBN 972-8823-53-3

Índice

CONTOS DIVAGANTES

<i>Elvina</i>	11
Diálogo de Mana Balbina e Padre Joaquim	23
O rapto das cidades	31
Diálogo no cume da montanha	37
A venda de antiguidades	41
Uma tarde em Havana	45
O leão de Karapurkar	49
Caminho longo	53

AS PALAVRAS TÊM DONO

O predador	59
O último dia do pintor	69
O canhangulo do Avô Ndalo	75
Escombros	85
Seis pés de matebeira	91
Amor e morte	107
Era uma vez uma órfã	117
O segredo de Tchimbaya	133
A panela mágica	145
À MANEIRA DE POST FACIO	153
Glossário	161

Contos divagantes

Elvina

Edson caminha lenta e pesadamente avenida acima porque leva uma carga de amargura no seu karma e porque nem dinheiro tem para apanhar o autocarro. Outras pessoas seguem o mesmo caminho ou em sentido contrário, passam por ele e não se apercebem de que ele vem «diferente». Ou será que não é diferente mas igual a toda a gente, na medida em que cada um é diferente de cada outro?

O barulho é infernal naquela via pública. O Grupo União Ilha vem a descer a avenida no mais animado dos Carnavais. Consta que ganhou o primeiro prémio e vai receber um bom cabaz. Amontoados de gente suada e alegre acompanha o desfile em aplausos e cantares desencontrados. Atrás, uma fila de viaturas deixou de buzinar e encheu-se de paciência rolando ao mesmo ritmo. Na primeira travessa desviarão e lançar-se-ão como virotes de besta para descarregar o incómodo. Um bom bocado mais acima, lá por onde o pobre Edson vai ter que passar ainda, adivinha-se já o escarcéu que faz o Kaboko Meu com a sua marcha saltitante e suas mímicas expressionistas.

No ar, uma equipa de pára-quedistas que não caem no chão nem são levados pelo vento completamente ausente parece desfilar também, com certeza a caminho do Campo dos Coqueiros. Nem me pergunto onde é que foram arranjar força locomotiva, Carnaval é Carnaval, é a festa do impossível onde a alegria, como um bom e violento vinho, faz todos os milagres.

Menos os que o Edson precisa de imediato, chegar ao aeroporto inteiro e a tempo.

Continua caminhando no seu ritmo, nem mesmo foi tentado pela euforia geral e pelo ritmo que domina tudo e absorve todas as vontades. Caminha lenta e pesadamente, como disse na primeira linha, agora menos pesadamente porque deixou de pensar no seu estatuto já enquistado de desempregado, operação mental em que, de resto, é já um perito desde que tomou a «grande decisão», isto é, a fabricação dum avião, gastou as últimas notas verdes da caixinha secreta da Elvina, e comprou ferramentas, vendeu a tv e comprou mais ferramentas, vendeu a aparelhagem, mais ferramentas, a geleira contra mais ferramentas, a mobília de sala pobre mas honesta (e inútil. Para quê? Nunca se sentava por lá), ferramentas, a mobília de jantar (igualmente inútil: o pouco que encontrava para comer não dava para pôr a mesa), novas ferramentas. Desviou pois a atenção do desemprego, da tristeza hostil da Elvina, a esposa, que acabou por dar o fora para casa da família, da desconfiança irritada e irritante do Milton e do Wilson, os filhos, que emigraram com a mãe, ou da malícia do cunhado e seus parentes estúpidos que o culpavam de tudo, e pôs à frente dos seus olhos a imagem sedutora da oficina, aquela velha garagem, repleta de ferramentas, tábuas, traves, ferros, chapas de alumínio, caixas de parafu-

sos de todos os tamanhos, colas e betumes, cheirando a metal, e fazendo poeira de serradura; e cercado por tudo isso a única riqueza, que faz parte de si, do seu ser atormentado, tal como os filhos e a esposa apesar de ausentes com tantas e tão pessoais razões que nem dá para lhes chamar desertores, numa palavra o avião — que por sinal até se chama *Elvina* (portanto é uma avioa) ao passo que as rodas se chamam Milton e Wilson, a primeira ligeiramente maior que a outra, porque é a mais velha, diferença aliás insignificante para o equilíbrio da aeronave que ficava ligeiramente descambada, mas não inclinada, como quem repousa o corpo sobre o pé esquerdo, ou como ele próprio que manca um quase nada desde que caiu do berço na sua terna infância. Um avião, sim, não se espantem, a *Elvina* voadora fabricada pelas suas mãos, pela cabeça e mais que tudo pelo coração, pois nessa forma brilhante e sedutora, indiscutivelmente feminina, pusera todo o seu amor, e pusera-o como sempre o tinha posto, isto é, na *Elvina* mulher. E mãe. E tão bem fizera esse investimento amoroso que o velho motor de VW, afinado à minúcia, apenas ronronaria como o ressonar nocturno da *Elvina*-mulher quando levantasse a *Elvina*-voadora nos altos céus de Luanda, para o espanto de todo o mundo e principalmente dos imbecis a começar pelo ex-patrão e todos os da sua laia e a acabar no ex-cunhado e a sua tribo de apaches em pé de guerra.

Agora, quando o Carnaval vem avenida abaixo, lá vai o Edson avenida acima quase a chegar ao Kinaxixe, a caminho do aeroporto onde o esperam os técnicos da torre de controlo que acederam a controlar o seu voo, lá vai ele, carregando apenas o *walkie-talkie* que aqueles bons amigos da torre lhe emprestaram, liberto da carga de tormentos que de vez em

quando lhe perturbam o encanto dessa hora não por causa do Carnaval mas sim pelo voo.

E conforme caminha, controlando-se para não apressar o passo movido pelo entusiasmo a fim de que o amor de Elvina não encontre forças negativas para virar paixão, pois a paixão é uma doença do amor naquele estado em que o amor luta contra o ódio e não se sabe quem ganha no final, vai recordando os antecedentes onde tudo se forjou, a esperança nasceu e ganhou vida vencendo todas as frustrações. Primeiro foi a cafeteira eléctrica que ainda funcionou mais de seis meses e fez pelo menos duzentos cafés. Nesse tempo ainda trabalhava, e porque quem trabalha não tem dinheiro para ferramentas porque está submetido a uma economia doméstica, nem tem tomates para sair das regras porque está ameaçado pelo desemprego e pelo controlo da família, a oficina oferecia apenas o material para um principiante, coisa natural, de resto, porque estava justamente a principiar, a descobrir e libertar a vocação. Ainda antes de arranjar o emprego com que se amarrou mais tarde, e com poucos cobres, regalara a Elvina com um espremedor, o armário de ferro da cozinha e começara o projecto maravilhoso do fogão, apenas o projecto porque logo a seguir arranajara aquele trabalho no porto que o absorvera demasiado. O projecto enferrujou e os materiais preparados para ele onde faltava ainda muita coisa cobriram-se de uma miserável poeira lá na oficina, mas tanto fazia, já não se podia ocupar deles porque chegava a casa diariamente cansado, embora com dinheiro no bolso ao fim do mês, por sinal nada mau, e porque se entretinha também diariamente com uma revista de aeromodelismo que lhe caíra nas mãos por mero acaso e lendo-a uma, duas, três vezes, despertara nele o gosto por aquela

actividade, que nunca chegou a exercer. Por fim até os filhos perguntavam, sem muito interesse porque não gostavam nada de serralharia e carpintaria, o seu gosto todo virado para o basquete, «Como é, pai, nunca mais faz nada na oficina?», e a mulher acrescentava, «bem podias fabricar aquele fogão, Edson. O meu está podre e assim evitávamos a despesa de um novo».

Essa espécie de interesse simpático, e até objectivo por parte da Elvina, dera-lhe uma nova coragem para voltar ao seu trabalho preferido e ao projecto enfeijado, embora na cabeça lhe voasse já um modelo reduzido de avião que tinha como única nota de desencanto o facto de ser reduzido, de ser um brinquedo, duas qualidades que não satisfaziam as suas apetências.

O fogão estava quase pronto no dia em que o despediram por razões de contenção de despesas, e agora, com mais tempo livre, naquele meio ano em que andou desesperada e baldadamente à procura de outro emprego, o trabalho do fogão prosseguiu e com bem mais vigor do que antes. Era uma beleza de utensílio, o fogão que, uma vez pronto e pintado, deveria ser entregue à Elvina, coitada, a quem o fogão podre rebentara de vez, e só dispunha de um fogareiro a petróleo velho, primitivo, degradante.

Quando Edson consegue romper a barreira do Grupo União Kabetula que segue na cauda do Carnaval, já no Kinaxixe, essa praça que lembra uma puta desleixada e mal tratada apesar de ser tão bonita, onde os prédios caem segundo a síndrome de Luanda como diz o Pepetela e onde sub-habita uma kyan-da caprichosa como diz muita gente, depois de evitar a avalanche da manada de vacas sagradas das quintas do Arcebispado que, sem nenhuma intenção malévolá, note-se, pois não passam de vacas embora

sagradas, saindo da praça mergulham de cabeça, avenida abaixo, que aliás se chama Rua da Missão, razão por que, suponho, as vacas sagradas se transumam tão determinadamente atrás do povo eufórico que persegue o Grupo União Kabetula, onde participam quitandeiras tradicionais, quinguilas informais, os habituais professores em greve e tantos outros tipos pitorescos desta cidade, quando consegue, enfim, respirar fundo e recuperar o seu ritmo todo interior, só então retoma o fio à meada dos pensamentos e revê o fogão pronto e pintado como uma jóia de cozinha, enlutada porque é todo preto com retoques de coqueteria niquelada e esmaltada arranjados sabe deus aonde. Mas o fogão não foi entregue à Elvina como se previra. Em casa, o dinheiro disponível estava tão reduzido, apesar das despesas terem sido barbaramente contraídas, que acharam melhor vendê-lo na própria rua onde moravam continuando a cozinhar no fogareiro revoltante de que Elvina se vinha servindo, tanto mais que a pobre lá se ia habituando. E a bela jóia de cozinha, que afinal talvez não fosse assim tão bela, passava o dia à porta da casa com um pequeno letreiro onde estava escrito «vender-se», que algumas pessoas liam pelo hábito de ler indicações públicas, sem contudo um único candidato se apresentar a perguntar o preço. Depois de mudarem o letreiro acrescentando-lhe «... por 200 dólares» e em letras pequeninas «ou equivalente em Kzr», o que significava uma baixa no preço inicial, tornaram a mudá-lo, «150 dólares», e mais uma vez para o pôr a 100, depois a 80, até que quinze dias depois o fogão preto acabou vendido por 20 dólares, não a um cliente que por ali passava mas sim à vizinha do lado, generosamente compadecida com a situação da Elvina e dos filhos, mas não com a dele que só fazia

barulho e confusão martelando todo o dia na garagem.

Sim, Edson tem saudades do fogão preto, claro, foi um trabalho bem feito e com muito gosto, para presentear a Elvina, que acabou não no lixo mas nalgum canto obscuro da garagem da vizinha. Contudo, esquecer a má sorte é uma das suas qualidades, de resto se não fosse não estava agora ali a subir essa rua estafa-peões que é a Avenida dos Combatentes, com a alegria de se aproximar do aeroporto onde vai fazer o voo inaugural da *Elvina* voadora, e até tem olhos para reparar não só no relativo sossego à sua volta a contrastar com o holocausto da Rua da Missão e com o charivari do Largo do Kinaxixe, como também no facto provavelmente nunca visto de que a Avenida começa a desinclinarse, atinge com suavidade o plano horizontal para inverter a posição inicial de forma que tudo o que subia penosamente está agora a descer, cada vez mais, as pessoas a tentarem deter-se, as viaturas a engatarem a segunda ou a primeira, sacos, quindas e algumas criaturas mais gordinhas a rebolarem por ali abaixo, outras a esmagarem-se debaixo dos carros que se descontrolam enquanto outros chocam entre si com um estardalhaço inesperado a desmentir o sossego inicial, ao mesmo tempo que vários contentores correm à disparada nas suas quatro rodinhas até se virarem e transbordarem uma nuvem de lixo que se põe a voar por ali fora. Edson é apanhado pela catarata de pessoas e objectos, principalmente por um polícia desorientado que em vez de apitar para regular tão anárquico trânsito lhe deita uma mão às costas da camisa gritando «Ajuda-me!».

Meu deus! Que este Carnaval é mesmo invulgar!

E quando o ângulo daquela descida ultrapassa de longe o que fora antes o da subida, tudo e todos se

precipitam nos seus diversos destinos, as pessoas nas casas, nas lojas, nos serviços ou nalguma transversal mais equilibrada, o lixo a mergulhar numa poderosa recicladora situada algures, as viaturas (a maior parte) nas oficinas da cidade que nesse dia realizaram os lucros de um mês, Edson aterra em plena aeroporto, o que não é para admirar pois é num aeroporto que geralmente se aterra, embora não exactamente quando se vem de escantilhão por uma avenida abaixo. Sacode a poeira e os restos de lixo que aderiram ao seu coçado fato, pois vem de fato cinzento — o único que lhe resta das vendas a granel para suprir a carência de porcas e parafusos — devido à solenidade a que o obriga o voo inaugural do seu próprio avião, e de repente sente fome, pela primeira vez em três semanas de trabalho intensivo e de escassa alimentação, sente uma fome dos diabos. O melhor é nem pensar nela e apelar para toda a sua coragem a fim de chegar ao termo daquele trajecto e, por último, à satisfação de se ver no ar, na *Elvina*, cruzando direcções festivas sobre os céus de Luanda, cá em baixo toda a gente a esquecer o Carnaval, com o espanto e a glória do seu espectáculo aéreo. Sulcaria o azul impecável daquela manhã para cá e para lá durante muito tempo, por cima da cidade, mas à frente, bem à frente da sua própria e triste história passada, porque construindo um avião edificara também o seu próprio destino sem se ralar com as condicionantes e os limitativos deste mundo. Milagre da mecânica doméstica, *Elvina* voadora, avião ou avioa, leve pluma de flamingo branco bailando no céu como folha outonal dourada pelo tempo e embalada pelo vento.

Um dos técnicos do aeroporto acompanha Edson até à *Elvina* que rebrilha ao sol do meio dia em plena pista, aguardando-o e dir-se-ia que ansiosamente

como um cavalo nervoso à hora da corrida. «Você vai mesmo levantar com isso?» «Isso nem se pergunta, já estou quase no ar. A menos que a pista seja demasiado curta para o meu motor. Não é lá muito forte...», «Ora essa! Aterram aqui os grandes jactos das carreiras aéreas de todo o mundo, porque é que a pista havia de ser pequena para a sua borboleta?»

Borboleta! Ele há cada um...

«Está com medo, homem? Já lhe disse que a pista é boa», insistiu o técnico, «você vai levantar na pista nova. Boa sorte, amigo. Estamos todos consigo». «Medo não!», retrucou Edson, o piloto, «mas sinto uma certa inquietação. Igual à primeira noite com a Elvina...»

Sim, era exactamente isso que sentia ao ver a *Elvina* a brilhar na pista tal como brilhara na cama, de pernas abertas, chamando-o, ajudando-o a vencer a hesitação dos primeiros minutos, não porque fosse tímido ou frouxo mas sim porque era um *gentleman* e não quisera chocá-la com qualquer precipitação, coisas que um homem educado sabe fazer. Desta vez era um pouco pior, porque se a primeira noite com a Elvina fora um acto de privacidade e intimidade, na penumbra do quarto, este primeiro voo na *Elvina* tornara-se quase um acto público. Algumas centenas de pessoas rodeavam a pista nos locais próprios e Edson percebeu que tinham conhecimento do seu empreendimento e estavam ali por causa dele, ou talvez julgassem que o voo da *Elvina* fosse mais uma mascarada do Carnaval.

Mesmo assim, sentiu-se mais seguro. Acomodou-se no lugar do piloto, com o capacete de motociclista do Wilson que reservara para aquele momento. Nas vésperas tinham-lhe proposto um pára-quedas. Mas recusara quase ofendido, era bom que a *Elvina* nem se apercebesse da oferta. É verdade que os aviões não

têm essa capacidade, mas aquele era «outro», era uma avioa e era a Elvina, senão em carne e osso, pelo menos em chapa e estrutura. As instruções chegaram-lhe da torre de controlo pelo *walkie-talkie*, indicando-lhe a pista e os dados para a largada, tinha já o motor bem aquecido ronronando suavemente. Des-travou e o avião estremeceu, fez quanto pôde para se lançar na pista mas sem resultado imediato. Edson ficou perturbado por momentos, mas apenas um minuto depois sentiu o movimento da partida, sem poder reparar que um magote de povo correria para o avião e o empurrara com força suficiente para vencer a inércia, porque não tinha retrovisor nem coragem para olhar para trás.

E aí vai ele!

Rolando pela pista primeiro lentamente, o motor a roncar com toda a sua energia, depois mais depressa, mais ainda, a toda a velocidade! Ó *Elvina*, avioa do meu coração, levanta as patas desse chão de cola, meu amor! Como se o ouvissem, o Milton primeiro e o Wilson logo a seguir descolaram do solo e a máquina ergueu-se alguns centímetros mas tornou a pousar. A sua vez ainda não tinha chegado.

Edson pensava ter corrido já meia pista, o que lhe dava ainda muito espaço para acelerar a velocidade, embora lhe parecesse notar agora uma folga qualquer ao nível das asas a fazer crat-crat cada vez que as rodas encontravam um grão de poeira maior que uma ervilha. Talvez um parafuso desapertado, uma coisa insignificante que, com o voo, iria ao lugar. Olhou para o fundo da pista lá muito distante ainda. Pelo menos foi assim que o julgou até ao momento em que uma inesperada falésia, com algumas árvores, matibeiras, capim e um coelho apavorado lhe aparece abrindo um vazio à frente do nariz da *Elvina*.

Passa entre dois cajueiros, ainda por cima velhos, e precipita-se no vazio, tomando exacta consciência do que acaba de lhe acontecer. Antes de mergulhar nas barrocas e esparramar-se lá em baixo ao lado do destroço de uma camioneta há muito ali acidentada, já ferrugenta e carcomida, ocorre-lhe que aquela falésia não é dali mas do Km 30... e depois Crash! (Impacto.)

Enfim, tudo é possível no Carnaval de Luanda.

Lá em cima em volta da pista, as centenas de pessoas que assistiram ao mergulho admiram o arrojo, batem palmas e seguem rua abaixo pela Avenida Revolução de Outubro cantando animadamente:

«Cidráááália arde em todo o mundo...»

Diálogo de Mana Balbina e Padre Joaquim (1)

O padre limpou a boca com a manga da sotaina já bastante surrada de nódoas de várias origens. Mas tal gesto era apenas uma maneira de não limpar os olhos húmidos onde as lágrimas do bebé balofo que ele era afluavam impudicamente. Depois os lábios tremaram-lhe sob o efeito de uma emoção descontrolada. Para disfarçar, para se recompor, emborcou o copo e verteu pela goela abaixo o que lhe restava do bom rum cubano.

Suspirou mais sossegado e preparou-se para encher outro copo, mas a Mana Balbina intersectou-lhe o movimento, murmurando entredentes, meio enojada:

— Já chega, Joaquim! Já bebeste que chega... até metes nojo!

— Lá vens tu! — queixou-se o gordo sacerdote. — ... Estava aqui a faltar o teu sermão.

(1) Editado na revista *Lavra & Oficina* da UEA, em 1995, com alterações.

— Não me lixes, mano! Estás cada vez mais emporcalhado! Raio de padre que Deus deitou ao mundo...

Depois, Mana Balbina continuou, em pensamento, a pisar e a repisar as mesmas e fatais lembranças como bagos de milho debaixo do pilão da fuba, tal como já o fizera a falecida mamã Chica, antes de morrer, antes de Balbina assumir as tarefas mais comuns da velhota. Que Deus me perdoe, mas tens, pela certa, pacto com o demónio. Depois de tanta malandrice lá pela sacristia, e nas casas dos paroquianos, acabaste por me dar um garoto ao mundo, feito à socapa, debaixo da sotaina, com a puta da Domingas da lavandaria! Deixaste-o crescer na merda e nem sequer lhe escondeste o pecado da sua origem. Sem vergonha nenhuma! Lhe obrigaste a te chamar de padrinho para disfarçar, mas só lá fora, porque aqui dentro com ele, bem que te importava isso! Lhe consumiste à pancada da cabeça aos pés sempre que o garoto saiu dos eixos, mas nem nunca lhe deste conta que tu é que andavas por caminhos trocados. Sim senhor, meu safado mano! Lhe bateste como quem malha em tapete, só porque o garoto era o teu pecado mortal, era a prova contra ti que te vai valer um bilhete pr'o inferno! Afinal. Quando rapaz te basou com um corpinho todo marcado e a alma empedernida, à procura doutros pecados só para ele, te puseste a chorar baba e ranho, que nem a Madalena arrependida! Bonito, Joaquim! Nem pareces filho do nosso falecido pai Apolinário!

E aí, Balbina pronunciou a sentença:

— Ah, meu Deus! Que até tenho vergonha de dizer que tu é que és o meu irmão menor. Vá! Limpa essa cara e vai embora!

— Sim, Deus do Céu! Tens com certeza razão, Mana Balbina... Às vezes eu sinto que sou quase a en-

carnação do pecado. Mas é principalmente este aperto aqui no coração que me consome todo. É o meu Quim... a morder-me cá por dentro... Sei lá onde é que ele anda, o coitadinho, o que é que ele faz, quais são os pecados dele, como tu costumavas dizer, Mana Balbina! Sei lá! Sei lá...

— Agora é que lhe dá pr'a chorar, o raio do homem sem vergonha! Vamos! Limpa esse ranho e vai-te embora, Joaquim! E cala essa boca que não consegues me comover, nem por um segundo. O mano Simeão, que Deus tenha, ele é que devia ter sido o vigário da família, afinal, que era essa a vocação do coitado! Nosso falecido pai se enganou, trocou tudo. Pôs um diabo no caminho do Céu, e o finado Simeão, que esse é que era o anjo, sim! O nosso Simeão, que se lixe a martelar os dedos na oficina do tio Roberto, que nem jeito tinha para o ofício! Todo ele era preces e orações, até que engoliu o tal parafuso e se foi desta pr'a melhor!... Olha que o coitado precisou quarenta anos para chegar a mestre carpinteiro! Quarenta anos, Joaquim! Lá nisso foste muito mais rápido.

O padre levantou o corpanzil com dificuldade, mas com um meio sorriso, e murmurou, como quem se sente aliviado:

— Lá nisso fui...

— Pois é, seu devasso! Levaste só cinco anos para fazer a primeira barriga, lembra-te bem, malvado! O aborto da desavergonhada da Fátima! E depois andaste a correr até chegares a ser o pecador que tu querias mesmo ser.

— Eh, Mana Balbina! Tás sempre a atirar contra mim o finado mano Simeão! Assim tanto, também não! Sabes muito bem que foi aquela maldita Domingas, Deus me perdoe!, que me virou do avesso.

E com a decisão do homem seguro, em dois passos, o Padre Joaquim chegou-se ao armário onde a irmã guardara o resto da garrafa, voltou a encher o copo quase até à borda, com ar de quem não admite discussão sobre essa matéria, esforçando-se, ao mesmo tempo, por fechar os ouvidos ao discurso agressivo da Mana Balbina.

— Ora, ora! Antes da Domingas foi um rosário de putas, homem, que Deus me perdoe! Primeiro foi a Fátima e depois foi a Joana e depois não sei quem mais. E mesmo no tempo da Domingas, quando não estivesses debaixo das saias dela, havia de ser com a Fortunata ou com a Dona Miguelina, a «santinha», como lhe chamam, que eu sei a missa toda. Sempre tiveste que cavalgar em cima duma Maria qualquer, pois então! E eu a ver. E eu a chorar de vergonha.

Vencido, por fim, o Padre Joaquim baixou a cabeça engrossando o papo suado que parecia inchado. Semicerrou os olhos e pôs-se a recordar, com piedade de si mesmo, mas não só — era mais forte do que ele essa coisa de relembrar as pudendas em cima de quem já «cavalgara», a Fortunata, a Miguelina, tantas outras, e até meia dúzia de cus de belos rapazinhos a cumprir secretas penitências. Mas a Fortunata sim, que mulher! Que Deus me perdoe, mas que mulheraça, farta, generosa, pintelhuda! Aquela língua de mineira, mineira de minete, está vista, aquelas coxas de gata em cio, aquele cu... Enfim, que Jesus Cristo me valha na sua imensa compreensão! Já cá não está quem falou. São coisas do passado, madalenas arrependidas que desfilaram pelas minhas mãos como a outra, a Santa, desfilou pelas mãos de Jesus. Pecados da juventude... da juventude o tanas! Do tempo em que ainda tinha força na verga, assim é que é. Porque

agora só me resta o rum e as ternas lembranças dumas tantas redondezas que já me aqueceram a vida.

E o pobre Padre Joaquim verteu duas lágrimas, muito mais pela saudade dessas carnes fofas e desses tempos sublimes, agora nos domínios do tragicamente revoluto, do que pelo sentimento de contrição que lhe provocavam, que de resto o moía e lhe criava no espírito a constante confusão entre a punheta e o remorso.

— Então, Joaquim? — atirou a bessangana por fim condoída. — E agora? Que vai ser daquele malandro de garoto filho do Diabo que...

— Cruzes, Mana Balbina! Que linguagem desbravada! Em nome do Pai, do Filho...

— Isso, mano Joaquim! Te benze e reza como pudeses, mas só se te valer o Espírito Santo, porque tudo quanto é Pai e Filho anda, pela certa, assanhado contigo.

Deus me dê paciência. Esta minha mana tem uma língua de surukuku! Eu por aqui à rasca com o peso dos meus pecados e com a saudade do meu Quinito e ela não me larga a braguilha... Haka! Deus me valha, que esta minha língua também tem cá um currículo!... E o Quinito? O meu Quinzinho? Por onde é que anda esse Diabo do Quim? Onde é que foi se plantar essa maçã-de-adão que trago atravessada na garganta como um soluço? Oh, Quinito, meu danado filho e filho dum danado, para onde é que tu foste que deixaste o teu velho a chafurdar na merda dum pecado sem remissão? E tão bonito que ele era, ainda por cima, encanto dos meus olhos, como um anjinho! Um anjinho do Inferno — se é que há por lá anjinhos — de tão malandro que ele era. Dezassete anos de beleza celestial, saído do pincel de Murilo. E quando lhe chegava a roupa ao pêlo, o diabo do kan-

dengue acabava sempre por me lembrar as imagens consagradas do S. Sebastião amarrado ao poste e furado de setas por todo o corpo — como um paliteiro...

— E agora, Joaquim? — tornava a Balbina a querer meter a conversa no seu lugar. — Mais de cem vezes já te perguntei, não vais lhe procurar, esse diabinho? Se não vais, homem, um dia ele é que te procura, e então está-se a ver, se o pecado que trazes contigo é do teu tamanho o dele vai ficar tamanho dum prédio, por tua culpa. Não se admira, não, se o rapaz já anda metido com tudo quanto é gata de Luanda, mais os bandidos da capital e a fumar liamba. Com os modos que lhe puseste e o teu exemplo, quem sabe se ele não anda também a se fazer cavalgar pelos cooperantes estrangeiros. Ai não? Achas que ele não é desses, heim?

— Nem tão-pouco, Mana Balbina! O Quinto nesses propósitos? Nem tão-pouco, minha irmã. Eu lhe conheço, o rapaz. É malandro, é... é muita coisa, sim, mas isso não é com ele, pode ficar descansada!

— Descansada, eu?! Com aquele meu sobrinho atirado sozinho no mundo do demónio! Ele que não tem dois dedos de juízo! Ele que não tem vergonha na cara, tal pai tal filho! Quantas vezes é que tu lhe marcaste os costados, coitadinho, como se tivesse roubado a esmola da igreja, mas só para ele estudar um katitinho, só pouco, até na oitava? Essa oitava que não fez nem com a cunha do director, teu compadre do rum e de outros pecados. Quantas vezes fui lá eu buscá-lo no Alto de São João, lá no mercado, onde se punha a dançar quase em pelota e em público, para quem quisesse lhe ver e pensar o pior e para depois cobrar a dobrar? Não se lembra, Joaquim?

— Santa Mãe de Deus! Eu queria esquecer tudo isso. Queria me lembrar só dele, o meu filho!

— Filho do pecado é pecador, como o pai e mais a puta da mãe juntos!

— Cala-te, Mana Balbina!

— Não adianta que me cale. O que está feito está feito e foste tu que o fizeste!

— Sundu ya menye!... Cala essa boca, Balbina!

— Hás-de me ouvir! Hei-de falar, seu ordinário! Hei-de...

Mas a bessangana não falou mais. Guinchou com a tremenda bofetada que lhe apanhou a cara bolachuda, desarvorou porta fora em desenfreada gritaria a comunicar com toda a vizinhança.

As últimas lágrimas do Padre Joaquim escorreram pelo balofo das faces, pingando-lhe a batina. Acabava de colher mais um pecado para a consciência onde já quase não havia lugar vazio. Bater na Mana Balbina, que Jesus Cristo me valha, essa santinha da minha irmã que ficou para tia só por minha causa. Estou mesmo a me arrastar na lama. Se a falecida mamã Chica soubesse, se tivesse visto tudo lá do Céu... Melhor mesmo era ir já meter mais uma prece na Nossa Senhora dos Aflitos, acender-lhe mais umas velas, apesar do esterco de estearina e cera que quase tapava a peanha da Santa. E depois aguardar com paciência de um devoto o castigo da Providência.

Mas como entretanto o castigo divino não estava à vista, o pobre sacerdote, colarinho amolecido pelo suor, a sotaina esticada pelas banhas da cintura, encheu de novo o copo — o meio copo, não havia mais. Tenho de pedir outra ao companheiro Valdez — e levou-o à boca. O sabor era reconfortante e forte. O pecado da bofetada na Mana Balbina volatilizou-se prontamente e partiu com os vapores que lhe saíram num gostoso arrote.

Esquecido numa parede azul-marinha atenuada pela modesta luz do entardecer, o velho relógio de pêndulo badalou dezoito vezes, violando o silêncio que se fizera, como se estivesse excitado. Mas não com as cenas que acabava de ritmar à sua maneira insensível. Estava na hora.

— Seis da tarde, meu Deus! Estou atrasado. Aquela pecadora da Dona Mercedes já deve estar farta de esperar no confessionário. Que não se vá embora. Que espere por mim, c'os diabos! Com tanto pecado na alma como é que vai ganhar o Paraíso se eu não a encaminhar para lá?

Trôpego e apressado, o Padre Joaquim levantou-se e ensaiou alguns passos a caminho do rectângulo de luz na porta aberta para o fim do dia. Ziguezagou um bocado, endireitou o rumo, esticou a sotaina amarrotada e lá foi, com as ideias novamente claras, cochichando no seu próprio ouvido esquerdo — que é o ouvido maroto:

— Que nádegas, que fofura! E que sorvedouro naquela língua molhadinha e quente, quando ela reza para mim o seu mais profundo acto de contrição!

O Padre Joaquim benzeu-se imediatamente arrependido. E até o Espírito Santo, padroeiro das histórias discretas, que nunca o abandonava apesar do descrédito que já granjeara lá na corte celeste, pôde constatar a pureza dos seus sentimentos ao vê-lo integrar-se no vetusto silêncio da Igreja, apenas perturbado pelos suspiros de devota súplica dum acto de contrição rezado no confessionário.

O rapto das cidades

Eu andava lentamente, com uma atenção concentrada, procurando fazer tudo para não dar nas vistas. Mas o enorme saco com as cidades que me pendia do ombro contrariava todos os meus esforços. Todavia, olhando para esquerda e para a direita, lá fui andando ao longo dos labirínticos corredores do edifício, que de resto me eram totalmente desconhecidos. Tinha a ideia de que se tratava de uma construção térrea prefabricada que lembrava um instituto de pesquisas.

Algumas pessoas, inimigos, evidentemente, apareciam aqui e ali e olhavam para mim um tanto surpreendidas, mas a sua curiosidade não as levava mais longe. Portanto consegui avançar sem que o perigo chegasse a criar uma crise.

Encontrei uma porta aberta. Havia outros inimigos lá dentro que me olharam sem muito interesse. Ninguém, até esse momento, dera uma palavra e eu tão-pouco. Voltei a sair prosseguindo pelo mesmo corredor. Mas agora havia ali um tipo com um ar diferente. Imediatamente me ocorreu que, tal como eu, ele estava a tentar fugir.

— Olá. Onde vais? — perguntou ele mais por cortesia do que por outra coisa.

— Vou por aí... — respondi evasivo.

— Vou contigo.

Mau!, pensei. Mas ao mesmo tempo senti-me melhor, acompanhado.

— Queres que leve o saco? — continuou ele, solícito.

— Não, obrigado. De resto tenho de o deixar em qualquer lado. Atrai a atenção.

— Sem dúvida. Deixa-o naquele canto.

— Talvez. Mas tenho de levar alguma coisa. É uma carga preciosa.

— O que é que levas no saco?

— Cidades — respondi tranquilamente. — Vou levar pelo menos uma.

E foi exactamente o que fiz. Tendo encontrado numa parede um cacifo meio aberto, despejei as cidades lá dentro — todas menos uma —, fechei o cacifo, meti a chave ao bolso e convidei:

— Vamos embora.

Proseguimos o caminho lado a lado, eu com o saco da cidade ao ombro. Estava bastante aborrecido por abandonar as outras cidades.

Saímos do edifício e aparecemos num belo jardim. Aqui e ali, árvores frondosas. Um pouco por todo o lado, várias pessoas caminhando ou descansando. Mas agora olhavam-nos com mais atenção. Obviamente o meu companheiro e eu tínhamos o ar de pessoas em fuga. Mas como isso não estava escrito com todas as letras nem fora dado nenhum alarme, ninguém nos incomodou.

Chegámos ao limite do jardim. O limite era uma grade de ferro feita de bandas largas verticais colocadas em viés com um espaço entre elas, largo mas in-

suficiente para passarmos entre duas bandas. Segurei uma delas e constatei que rodava. Ótimo, alarguei o espaço e pareceu-me que, apesar de eu não ser nada magrinho, com um esforço conseguiria passar. O meu companheiro, um pouco afastado, já estava a tentá-lo.

De súbito, atrás de nós e à saída do edifício, apareceu um tipo de óculos a dar ordens numa vozinha rouca e infeliz. Reconheci-o logo. Era o Jorge Bombwalanganja, um dos líderes deles. A situação estava portanto mais perigosa porque esse homem não era um peão qualquer. Lembrava-me dele, na juventude. Já fora um garoto pretensioso que frequentava a minha casa e que eu eduquei no Lubango pelos anos cinquenta.

Olhou para mim e não disse nada, nem me reconheceu, mas avançou uns passos. Acho que apesar dos óculos permanecia míope.

Mais apressado tentei passar pelas bandas e consegui. O saco com a cidade deu-me mais trabalho. De modo algum eu o deixaria ali. Lembrei-me da caça aos macacos em que se põe uma jaula com uma banana lá dentro. O macaco mete a mão, apanha a banana e depois não consegue tirar a mão porque por nada deste mundo abandona a banana. Eu estava a ser caçado da mesma maneira. O tal Bombwalanganja vinha já na minha direcção. Com certeza achou que não era normal o que eu estava a fazer. E claro que tinha razão. Foi um momento difícil, mas quando ele chegou eu tinha conseguido retirar o saco. Uf! O homem olhou para mim silencioso. Tive vontade de lhe dizer «tchau!» mas pareceu-me vulgar de mais.

Agora sim, estava em território livre, mas havia ali uma data de gente. Perguntei-me o que é que fazia lá um edifício da «outra parte» com um ar pouco militar.

Talvez fosse garantido por algum daqueles acordos de paz que já assinámos com eles.

Montes de gente por todo o lado! Claro. Havia um comício. Fui andando com o meu saco ao ombro. O companheiro de fuga disseminara-se na multidão. Depois comecei a reconhecer pessoas. Sim, pessoas, a minha gente, céus! Amigos por todo o lado. Num comício, como antigamente. Melhor do que antigamente porque não estavam na tribuna. De resto não vi nenhuma tribuna. Talvez não fosse um comício. Na verdade aquilo tudo tinha o ar de um picadeiro. Encontrei logo a Balbina Nunes, a escritora. Ouvi vozes daqui e dali dizendo: «É o Álvaro! Oh! Mas ele não morreu? Não tinha sido apanhado?», «Parece que sim, mas está ali.» Por fim encontrei-me rodeado de gente acarinhando-me. O meu reaparecimento estava a espantar todo o mundo. Alguém me perguntou:

— E esse saco? O que é que trazes aí?

Abri o saco e mostrei.

— Uma cidade?! Porreiro!

— Sim — respondi. — Antioquia!

Ficaram todos admirados, a ver a cidade dentro do meu saco, brilhando ainda todas as luzes acesas como se fosse de noite — era normal, de resto, dentro do saco a minha cidade não se apercebera da luz do dia.

— Deixei lá ficar as outras. Não podia trazê-las. Mas agora estou com vontade de ir lá buscá-las.

— Nem penses nisso, pá! — ralhou a Balbina. — Deixa lá as cidades. Estás aqui, estás livre e são, e ainda por cima com Antioquia! Deixa lá o resto.

— Não posso. Tenho de lá ir.

— Nem penses! Não vais nada.

E não me deixaram ir! Foi uma pena. Era um verdadeiro tesouro que eu abandonava para «os outros».

Lembro-me muito bem de que uma dessas cidades era Ndalatando com toda a população lá dentro.

Confesso que fiquei triste. Felizmente para ele o Governador tinha fugido de lá a tempo. Mas para toda a gente o importante era que eu tinha conseguido escapar recuperando Antioquia.

Diálogo no cume da montanha

— E agora?

— Agora esperamos que aconteça o inevitável.

— Vai acontecer?

— Se é inevitável...

— Talvez seja, mas que diabo!...

— Não te aflijas. Vai ser de uma beleza estonteante. Já imaginaste?...

— Como é que eu posso? É tão... tão festivo! Horripelmente festivo!

— É isso mesmo: festivo! E horrível!

«Lá em baixo, na cidade de Bethlehem, o braseiro será desencadeado no madeirame dos estaleiros. Agora imagina o resto. Um rastilho gigantesco de chamas vermelhas, gritantes e nervosas, como uma minhoca devoradora, trepando pela montanha acima em ziguezague, comendo tudo e todos pelo caminho, dando à noite escura uma coloração e uma luz que só existem no inferno, ao que parece. Tudo o que é vegetal vai sofrer o horror de se transformar em carvão sem poder opor a mínima resistência. As pedras ficarão negras e baças como a escuridão dum túmulo. Todos

os ratos da montanha serão paridos ao mesmo tempo, num parto em explosão, como se tivessem sido chamados pelo flautista de Hameln. E as pessoas... as pessoas hão-de ser o motivo central do incêndio.

— Se houver incêndio...

— Já disse que é inevitável.

— Pois sim! Já vi absurdos e paradoxos que acontecem. O incêndio pode ser um inevitável que acontece.

— Nem por sombras. Não sentes o cheiro aqui onde estamos?

— Qual cheiro? Aqui, cheira apenas a erva fresca, orvalho e sonhos nocturnos.

— Abre bem as ventas. Não há mais nenhum cheiro?

— Parece que sim, com efeito. Cheira a gás!

— Exacto! A torneira do gás está totalmente aberta, lá em baixo, em Bethlehem. Escancarada! O mecanismo entrou em funcionamento, o gás rodopiou por aí acima, seguiu o caminho para o cume da montanha e marcou a rota das chamas, não percebes?

— É isso... mas quem abriu a torneira do mecanismo?

— Foram eles. Um general que deu a ordem «Abrir torneiras!». Depois ignorou, por princípio, a ordem de fechar.

— O estúpido!

— Estúpido? Não acho. Não há generais estúpidos. Não podes pedir à aranha que deixe de segregar veneno, ao mosquito que não apareça infectado, à onça que desinfecte as unhas... agora basta um cidadão qualquer ter vontade de fumar! Fuint! Rebenta o incêndio nos estaleiros de Bethlehem e aí vai ele pelo caminho do gás! Garanto-te que o mecanismo é duma exactidão impecável.

— E que é que vais fazer depois com esse mecanismo?

— Qual? O de Bethlehem?

— Sim, claro! Esse mecanismo que está aí em baixo!

— Vou comprá-lo. Nem que tenha que vender o meu palhabote.

— Para quê?

— Para pôr noutra cidade, obviamente.

— E tens a certeza que nessa outra cidade tem lá um general?

— Em todo o lado há sempre um general disponível.

A venda de antiguidades

Paris desfila à minha frente como todos os dias. Mas o que eu não sabia é que esta formidável Avenida da Liberdade de antes do metro, onde a minha bela venda ocupa um lugar privilegiado bem à saída do Pombal, se situava em Paris.

Pouco importa. O que me preocupa é que não estou tranquilo. Faz um frio de rachar, sinto-me oprimido e talvez seja por isso que pego no pequeno revólver, examino-o e enfio-o na cintura mal disfarçado pelo blusão e pronto a ser sacado com rapidez.

Há razões para isso. A velha questão dos que se sentiram mal com o 11 de Novembro e deram o fora rabo entre as pernas e consciência pesada volta ao de cima, tal como eles voltam à terra. Mas ninguém lhes queria mal, não muito mal, pelo menos. Não na altura, não entre nós, os da mata. Nem mesmo àquela medonha gorda da venda de móveis que deitou fogo à venda como quem nem o seu lixo deixa ao novo inquilino. Mulata anafada e próspera, orgulhosa e remelenta, cega pela ambição, que nem sequer compreendeu como tudo se acamou e muita coisa mudou.

Mas o impossível acontece. Lá vem ela!

A partir de agora vai ser o pandemônio na Avenida. Tenho que ser mais rápido que ela. Levanto-me imediatamente e em passadas largas deixo o belo ambiente da minha venda de antiguidades, provocando o espanto de alguns passantes, que contudo sabem que o problema não é com eles. Aí vou eu! Três passos e alcanço-a. Sim, não foi ela que me alcançou! Fui eu que a atingi quando menos ela esperava, pois sempre ouvi dizer que a ofensiva é a melhor defesa. Saco o revólver com a prontidão de um cauboi e a ponta atrevida do cano aparece debaixo da papeira dela. Uf! Um alívio.

Primo o gatilho sem piedade. Não devia permitir-me esse desvario, claro. Mas a situação é quase maniqueísta. Ou ela, ou eu! O pior é que o tiro não sai! Bolas! Recuo e constato que o estupor da arma está na segurança. Tarde de mais. Mas talvez seja melhor assim.

Há agora naquele húmido cimo da Avenida a maior das confusões. Ela corre, mas não sei se me persegue ou se sou eu que a persigo.

Agora sim, sei que sou eu a persegui-la e lá vai ela, gorda, imensa, nua, um rabo monumental a esfregar-se em si mesmo até fazer fumo, correndo por ali abaixo, eu atrás de revólver apontado. A imagem daquele corpo de proporções estranhas, duma sensualidade vil e obscena, treme como um reflexo na água esverdeada duma lagoa, ou talvez dum vidro molhado. Parece uma encarnação ou uma caricatura da teoria dos quanta, oh!, quanto grotesca! É isso. É impossível acabar com ela.

Corro mais depressa e esbarro com uma caixa cheia de placas de vidro fino (seco). A caixa tomba na calçada com um tintalido de alarme e os vidros des-

fazem-se em estilhas festivas como uma chuva de lan-
tejoulas de circo. Mas ela continua.

E desaparece!

Que pena. Pelo menos consegui esconjurar a ac-
tual ameaça. Posso preparar-me para a próxima edi-
ção, uma oitava acima. Posso voltar à beleza subtil da
minha venda de antiguidades no cimo da Avenida
da Liberdade. Em Paris, claro...

Uma tarde em Havana

As janelas do meu carro estão bem fechadas. Há um mar de gente, com ondas e tudo, à nossa volta, muito barulho e uma tensão que quase se apalpa. Andamos a passo de boi.

Uma breje aberta e o carro avança mais uns metros. De súbito estamos no meio de um desfile qualquer. Passam por nós, dos dois lados, pessoas com estranhos uniformes, em passo de funeral. Parecem mais a vistosa fanfarra de um circo do que uma parada oficial. Calçam botas pretas muito brilhantes, envergam casacas vermelhas com listas de cores diversas e na cabeça toda a espécie de chapéus a que nunca falta um agitado penacho. Ao fundo distingue-se a alvura de uma fachada alta e nobre. É a Sé.

Por onde andarão os meus amigos? Continuo à procura, metro a metro, e não encontro ninguém. Nem sei se estão neste cortejo ou se permanecem fechados nas suas casas. Mas quais são as suas casas? Tenho aqui o tabuleiro do mecanismo em que cada quadrado é um botão que dá acesso, ou melhor, que

«desencadeia» uma das residências, mas eu não ousou premir os botões à toa.

De súbito uma mão — amistosa — entra-me pela janela do carro, apesar de o vidro estar fechado. Assusto-me mas recomponho-me depressa.

— Então, companheiro?! — diz o dono da mão.

Olho para eles porque são dois. Mas olha quem são! Dois amigos, dois daqueles altos quadros do partido com quem muito lidei e que me deixaram excelentes recordações. Não me lembro dos nomes, mas sei que são das Relações Exteriores. Um deles, de fato e gravata, tem um ar muito distinto e tenho a certeza de que o conheço bem. Mas ele parece adivinhar a minha dúvida, e pergunta em bom portunhol:

— Não te lembras? E o Alvarado, lembra?...

Ai! Esse nome deixa-me todo arrepiado. Não é uma boa recordação, mas agora sei que eles são da esfera do Alvarado, esse... esse «Chefe» com C grande, esse político terrível e manhoso, militante, ortodoxo com os outros, liberal consigo mesmo. Disseram-me há tempos que deixou a mulher e casou com aquele estupor de secretária de meia-idade e rabo grande que nos acorrentava a todos os do «Projecto» nos seus esquemas de segurança insuportáveis.

— Caramba! — exclamo. — Vocês!? Como vai o Alvarado?

— Bem, companheiro. Que fazes por aqui?

— Isso pergunto eu! Que fazem vocês, companheiros, num cortejo religioso?

— Boff! Viemos da missa.

— Funeral importante?

— Não. Um baptismo. Um nababo do petróleo da Arábia Saudita.

Não tenho comentários. Não entendo isso dum muçulmano a baptizar-se na Sé, se não for pelo me-

nos o Leão, o Africano. Não percebo o que fazem aqueles dois num tal espectáculo. Mas eles lá sabem. O que me interessa é encontrar as casas dos meus amigos. Suspeito que devam estar trancados lá dentro para escapar à enorme confusão arrumadinha que há por todo o lado. Tenho que me servir do tabuleiro.

Quando ponho o tabuleiro no colo, estou longe daquele bulício, do baptismo, da Sé, da multidão e dos dois companheiros das Relações Exteriores. À minha volta há uma paisagem verdejante e quase fresca. As casas estão todas lá mas são mais de mil. Como é que eu vou encontrar as que me interessam?

É questão de premir um botão e ver o resultado, se não for a casa do Valdez, o antropólogo, nem a do bom Armando, o sociólogo, nem a do Sílvio, o linguista, nem a da Alda, a historiadora, ou de qualquer dos outros menos chegados, bom... paciência. Tornarei a experimentar.

Primo o primeiro botão. O quadrado entra no seu encaixe, mas à volta sai uma secreção leitosa um pouco esquisita e nada atraente. Em todo o caso, falhei. Gaita! Nunca acerto. Não vale a pena. Preciso de encontrar o botão da minha casa em Luanda. O resto já não me interessa.

Qual será o meu botão?...

O leão de Karapurkar

Uma serenidade carregada de poesia domina a paisagem que se estende a perder de vista. É uma chana interminável onde vários tons de verde fresco se debatem com os acastanhados da terra fértil a despontar aqui e ali, com um longínquo bosque a oeste, e o perfil da cidade a norte esbatido numa bruma violácea onde parecem residir todos os mistérios. Connosco segue o batalhão de segurança, «os Tigres de Bengala», disciplinados, silenciosos, turbantes, bigodes e fardamentos de artista de circo em marcha ritmada por uma harmonia quase ritual que, contudo, esconde o imprevisível. Salman Rushdi segue ao meu lado, mudo e pensativo.

Assim nos aproximamos da cidade. A mancha torturada do palácio com longas galerias recortadas, minaretes e cúpulas douradas aparece com a sua grandeza milenária.

Os «Tigres de Bengala» instalaram-se com a mesma ordem impecável que traziam, mas algum tanto estranhamente. Estão agora escarranchados, de pernas abertas sobre o ornamento saliente em forma de gran-

de parafuso do magnífico portão de bronze, sob o qual se lê em sânscrito, e gravado em mármore, «Aqui, em Heiderabade, residem a surpresa e a morte». O palácio zumba seus pequenos ruídos da gente que nele fervilha ao serviço de algum rajá mais rico do que Crasso. Não sei exactamente porque estamos ali nem o que vamos fazer e sinto-me a mais.

Nesse momento ouve-se um poderoso ronco que soa como uma ameaça escondida nalgum daqueles corredores forrados de azulejos e mármore.

— Um tigre! — exclamo assustado.

— Não é um tigre — rectifica Rushdi —, é o leão.

— Só pode ser um tigre, que diabo!

— Mas é o leão. O tal — torna Rushdi com aquele seu sorriso um pouco malévolos. — E não te aflijas que está longe. Deve estar na «axila» oriental do Indostão. Levará tempo a chegar aqui.

— Seja como for, é-nos destinado.

— O destino é uma treta.

— E como é que se pode iludir essa treta?

— Fazendo com que seja ele a pensar que nós é que lhe somos destinados. Também está certo, de resto.

Talvez fosse verdade, mas se era o leão do Karapurkar, posto na Índia pelos artifícios da sua maldita feitiçaria, andava mesmo na nossa peugada, para nos caçar, para nos comer em pedacinhos, sem cozinhado nem temperos. E acabaria por nos encontrar.

— Não sejas tão assustadiço, homem! — exclamou Rushdi. — Há sempre uma maneira de escapar a um leão. O palácio é uma maravilha feita para o prazer desenfreado dos rajás, onde um leão pode muito bem perder-se no labirinto de corredores e salões. Além disso temos os «Tigres de Bengala».

— Escarranchados num ornamento do portão.

— Puro disfarce.

— Que todos os Deuses da Índia te ouçam, Rushdi! Senão amaldiçoo-te, a ti e à Índia!

— Não serias o primeiro...

Não sei se era de desdém ou de conformismo, o sorriso que brilhava nos seus olhos. Tive porém a inexplicável sensação de que de facto o destino é uma treta, mesmo que se trate da fatalidade de enfrentar aquele leão. Não me deu confiança, mas fiquei a pensar que só se pode vencer aquilo que se enfrenta. Que venha, pois, o Leão de Karapurkar!

Caminho longo

Um pesado calor abatera-se sobre a cidade àquela hora pouco concorrida. Mas eu estava impaciente por regressar ao COL e retomar o contacto com a complicadíssima problemática que ali se vivia hora a hora, mesmo às horas pouco concorridas. Nada era previsível, ou melhor, previa-se, sim, um ataque a qualquer momento com forças muito superiores às nossas e a minha gente não tinha a preparação necessária para enfrentar a ameaça.

Nas ruas da Vila Alice não passava quase ninguém. Estacionei o carro em frente da base e com pressa peguei na papelada que me tinham enfiado para as mãos, apalpei a pistola, peguei na AK e saltei para fora, começando logo por reparar que lá dentro havia uma certa agitação. Diacho! O que é que há?

O Comandante Palma veio logo ao meu encontro com as sobrancelhas franzidas.

— Ainda bem que você veio, Comissário. Há uma trapalhada ali em baixo. Está um dos nossos no cruzamento a fazer bué de disparates. Fogo à toa para todo o lado. Ele está a varrer todos os carros que chegam

ao seu alcance sem razão nenhuma, caramba! Eu já fui lá ver se o acalmava e chamava à razão e nem cheguei ao pé dele. A vinte passos o gajo colocou-me ⁽¹⁾ furioso e ameaçando furar-me a tiro.

— Quem é ele? O que é que lhe deu?

— Não me lembro da cara dele mas dizem que é um tal Caminho Longo! O homem...

O Caminho Longo! O que teria acontecido com esse pobre rapaz? Eu lembrava-me perfeitamente dele, se era quem eu pensava, no Mayombe. Um combatente bastante antigo, das bandas de Malongo Nzau. Tínhamos participado juntos numa missão, meses atrás. Era um guerrilheiro calmo e decidido, de poucas falas e quase analfabeto. Ficámos juntos de guarda em plena floresta, na escuridão húmida daquela natureza luxuosa, uma noite que precedera o combate, enquanto o resto da malta, deitada nas suas lonas suspensas das árvores ou espalhada pelo chão, dormia tranquilamente. Para espantar o sono tínhamos ficado a fumar a minha última beata e a conversar. A conversa dele era curiosamente fragmentada, cortada por pausas tão eloquentes como as palavras, e nunca respondia directamente às minhas propostas, como se o que eu não dissera, ou o que eu evocara vagamente, fosse bem mais importante do que o papo que eu estava a pôr. E ao mesmo tempo que falava mudava constantemente de posição enroscando-se no tronco derrubado onde nos havíamos sentado, roçando-se nele, cavalgando-o, deitando-se em cima do pau e apertando-o com os braços numa posse de macho. Ele e o tronco eram uma só criatura, ambos cheiravam a resina e reflectiam na escuridão

⁽¹⁾ Apontou-me a arma.

da noite e da sua própria cor pequenos laivos esverdeados que lhes vinham da folhagem cobrindo tudo como uma cúpula. No solo brilhavam, feericamente iluminados, os pequenos fogos do húmus velho que reveste o chão da floresta e que pareciam estar ali como as luzes da ribalta.

Não hesitei mais tempo, porque de súbito me dera uma forte saudade dele, da sua verdura, da sua conversa como lufadas de brisa sabiamente sopradas, e fui ao seu encontro, com os meus camaradas atrás.

Era mesmo ele, o meu Caminho Longo, companheiro de guerrilha. Parecia um louco furibundo no meio do cruzamento gesticulando e blasfemando, todo contraído como um gorila em cólera, a *AK* numa das mãos a acompanhar os gestos e a encaminhar ameaças em todas as direcções. No fundo da rua principal do cruzamento, nas duas direcções, alguns carros tinham parado e aguardavam que o combatente enfurecido se acalmasse e entrasse em si, coisa de que não dera, por enquanto, nenhum sinal.

Ainda no passeio chamei-o com a voz mais suave e amistosa que encontrei. Ele virou-se com a rapidez um pouco pesada de um peão cansado, hesitou apenas um segundo, abriu os braços e gritou-me «Kalungo-Lungo! Meu irmão!», mas ficou onde se encontrava, talvez receando que eu não fosse eu, o «eu» que ele queria que eu fosse. Avancei sem pressa e o guerrilheiro entrou prontamente em pose de combate, sobranceiras franzidas, mas ainda desorientado. A imagem com que me via entrava em choque com o feitiço que lhe agarrava a mente, a hostilidade que o dominava desfazia-se pouco a pouco. Diante dele, dei-lhe um bom sorriso que era verdadeiro e não apenas clínico.

«Caminho Longo», disse eu, como já lhe dissera tempos atrás, «você pode descansar agora. Venho te render.»

Sem luta recebi-lhe a arma e depois passei-lhe um braço sobre os ombros. Ele caiu na solidariedade do meu abraço, apertou-me com força, e enquanto tudo serenava à nossa volta e os carros voltavam a ronronar, prontos a seguir os seus rumos através do cruzamento, o guerrilheiro disse-me ao ouvido, chorando todo o seu desespero:

— Não sei o que foi, Comissário, deu-me qualquer coisa... estas casas enormes que parecem penedos, estes barulhos de motor por aí... ai, meu irmão, quem me dera as minhas matas... as árvores do Mayombe!... Me leva para lá!

As palavras têm dono

O predador (1)

Lento, roído por uma fome que o acompanha há demasiados dias pondo-lhe os ossos a chocalhar miseravelmente, o leão entranha-se na chana amarelada pela longa seca. Mas, mesmo na chana, a sua chana, para onde caminhara balançado por uma esperança, como se fosse uma fé, ele não vê, não ouve, não fareja o mínimo naco de carne viva, palpitando o seu apelo ao predador. O leão detém-se um instante e olha, olha longamente até à orla da floresta, para um lado, para o outro, para a frente. E nada. Apenas vagas lembranças de festins anteriores e o leve roçar da brisa pelo capim alto, trazendo sons e odores pobres. Até o céu manda um azul-pálido, esfaimado de nuvens.

Ele sente agora a fome como uma dor que corre no seu corpo, roendo-lhe as entranhas, minando-lhe a segurança de grande senhor da chana. Está cansado e o seu olhar é triste e mais triste seria se pudes-

(1) Editado no boletim da Chá de Caxinde.

se contemplar a sua própria carcaça. Contudo, ainda é cedo e a sua chana nunca o traiu. Por isso, muito devagar lhe volta a consciência de que sobreviverá, de que encontrará o que necessita porque esse é um tributo da natureza à sua soberania, à sua condição de predador.

Mas além do sofrimento da fome, o leão sofre também da ansiedade por uma fêmea que cresce nele como acontece todos os anos. Porém, não lhe chega pelo ar que respira qualquer sinal que lhe estimule o cio. É evidente que não anda por perto nenhuma leoa com quem acasalar, nem sequer outro leão com quem se bater — mesmo para morrer, tão fraco está — ou com quem estabelecer pacto de bando. A chana parece um território maldito de que não valia a pena ter tomado posse. Ele não sabe que a última fêmea se encontra, carente como ele, a várias centenas de quilômetros, mas sente-o de uma maneira instintiva. Portanto prepara-se para uma longa viagem — se conseguir fazer a refeição que lhe falta mais do que qualquer outra coisa.

Algures, na cidade distante, a rádio local repercute a notícia que anda agora em todas as antenas: a espécie leonina, em estado de desesperado extermínio, está reduzida a dois animais, um macho e uma fêmea que, para maior infelicidade, não coabitam as mesmas matas. É urgente ajudá-los!

Na vida quotidiana da cidade distante e de outras como ela, o caso do leão e da leoa solitários torna-se rapidamente o assunto do dia. Toda a gente o conhece, toda a gente o comenta, toda a gente lastima e acha que acordámos tarde de mais. E mesmo aquelas pessoas que nunca deram grande importância a leões

sentem-se como que defraudadas. Como é isto?! África sem leões? Já nos tiraram milhões de pessoas para levar para a América, toda a espécie de matérias-primas e as mais notáveis obras da nossa arte, já poluíram a nossa gente com a sífilis, a tuberculose, a SIDA, o racismo, o tribalismo e outras doenças, todas sociais, já instituíram nos nossos países a miséria endêmica e o subdesenvolvimento, taxas de natalidade e de mortalidade inconcebíveis, tudo numa formidável herança colonial. E agora exterminam os nossos leões, o símbolo da nossa imponência que uma História de sofrimento ridicularizou através dos séculos! Até mesmo no Museu de História Natural toma corpo uma certa inquietação: «É o último leão... se for abatido...», diz um técnico. «Temos de o recolher e embalsamar. É um *unicat*», responde o conservador.

A notícia e os comentários que a dramatizam percorrem longas distâncias, vão até ao mais pequeno radiozinho de pilhas que entretém as gentes da aldeia perdida lá no cimo da montanha ou na lonjura da planície.

Entretanto, sobre a chana do leão e sobre as matas que a cercam como uma muralha de impossibilidades, caiu pesadamente a noite, uma noite escura, sem lua nem estrelas, boa para as flutuações do espírito pelo mundo invisível. Na buala, os velhos, piscando os olhos, sentam-se em redor da fogueira dessa noite e falam pouco. De vez em quando um deles espevita as brasas e distribui-as melhor. Mas por muito que façam, a escuridão que os rodeia e a fragilidade doméstica do fogo evocam sempre a solidão do leão que anda na chana. Eles ouviram-no rosnar docemente. Era um som invulgar, ao mesmo tempo ameaça de predador esfomeado e lamento de uma alma solitária. Sim, os velhos sentem a solidão do

senhor da chana. Também eles, como toda a gente, sabem que é o último leão, e por isso se perguntam sem formular as palavras «O que será de nós quando acabarem todos os leões? Em que é que estamos a tornar-nos?».

— Linguêmbwe ainda não entrou? — pergunta um deles, fora do assunto, talvez inquieto.

— Foi à caça. Anda pela mata — responde outro, após um momento.

— Não virá antes do fim da manhã — acrescenta um terceiro.

— Na casa dele nunca há fome — diz um último. Sim, ele é um bom caçador, pensam todos.

Linguêmbwe, o jovem caçador, anda, de facto, pelas matas e não virá antes de ter dado o seu melhor para apanhar qualquer pequeno animal, uma impala, um javali ou mesmo uma cabra do mato. A família não espera dele outra coisa. Daqui a poucas horas, Katumbo, a sua mulher, estará de pé a soprar na fogueira e a preparar o funji. Depois virá o pequeno Ntoni ainda ensonado, a pestanejar, de braços apertados no peito por causa do frio, sentar-se ao lado da mãe. Tem fome, mas não chora, e a mãe não lhe dá a mama porque acha que ele já é homem. Só tem cinco anos, o miúdo, e não é nada homem. Há-de ser, sim! Melhor do que o pai. Há-de ter uma profissão a sério, não a de caçador, canhango às costas, sozinho pelas matas. Não! Ntoni irá para a escola e no fim sairá doutor, ou piloto, ou coronel, enfim, uma dessas profissões modernas e que dão boa vida. Agricultura, caça, vida no kimbo, é talvez para o que vem aí já na barriga da mãe.

Linguêmbwe, o caçador, não anda longe da chana do leão solitário. Em momentos anteriores ele já o encontrou algumas vezes, ou já o ouviu suficientemente

perto para lhe prestar toda a atenção. Mas Linguêmbwe nunca gostou de matar leões, sobretudo leões de ventre satisfeito que urram de uma forma quase prazenteira, para quem sabe o suficiente sobre vozes de leão, que foi sempre a maneira como esse leão lhe apareceu ou se lhe manifestou. Teme-o, é claro, é um animal perigoso, forte, caprichoso, e nem sempre corajoso. Mas sabe perfeitamente dominar o seu medo e, tal como Linguêmbwe, ele próprio toma todas as precauções quando se aproxima, como agora, do seu território de predador. Por isso, a sua maneira natural de andar pelas matas é sempre a de alguém que quer ver antes de ser visto, ouvir antes de ser ouvido. Além disso Linguêmbwe está sobretudo inquieto porque ainda não encontrou nenhuma pista das que procura para a sua caçada. Dir-se-ia que a mata que o rodeia e a chana onde vai penetrar dentro de uma hora, talvez, estão sob o efeito mágico de um encantamento que as esvaziou. E Linguêmbwe dá mais uns passos em direcção à mancha amarelada que já se divisa por momentos entre as ramagens da floresta.

O leão solitário parece não acreditar que a chana possa estar tão terrivelmente despovoada. O Sol já nasceu. A sua luz matinal e fresca, quase juvenil, começa a aparecer claramente por sobre as árvores para onde o animal se encaminha devagar e a pausar frequentemente, sobre o outro lado da imensa mancha de capim seco, dourando aquele território que sempre foi — sempre, mas não hoje — o seu tesouro de caça. As suas ventas fremem com toda a atenção dos instintos concentrada nos odores que lhe chegam, vindos da floresta à sua frente nos limites da mancha amarela. Então julga sentir qualquer coisa de

diferente. E urra com toda a força da sua insuportável fome.

Linguêmbwe estaca subitamente. Ouviu o urro do leão, o senhor daquela chana, e não é o urro de predador satisfeito que ele já conhece. Este vem numa onda hostil, perpassada de angústia, saída duma fome que reclama os seus direitos. Linguêmbwe segura o canhangulo com mais firmeza. Ele não tem medo do leão, mas algum sentimento mal identificado lhe atrapalha a capacidade de raciocínio frio. Em todo o caso sabe que o leão solitário pode lhe aparecer de repente esfomeado de mais para ceder à prudência e afastar-se.

O leão solitário sente agora o desejo de acção a crescer nele e avança para identificar melhor a presa que a natureza parece oferecer-lhe. Por fim percebe do que se trata. Às suas narinas chega o odor inconfundível do homem e... sim! Lá está ele! Mas cuidado, a sua longa experiência diz-lhe que tipo de homem é. É o caçador, isto é, o homem que mata à distância com uma arma terrível. Não é o homem que foge nem aquele que aguarda em pânico o ataque do predador, nem é cria ou fêmea de fácil captura. É um caçador! Se não tivesse tanta fome, o leão afastar-se-ia prudentemente até conseguir a vantagem da distância ou pelo menos duma boa posição de ataque. De qualquer forma há na sua mente confusa uma luta de instintos, de forças interiores que tantos o impelem para a fuga como para o ataque. Atacar um caçador é loucura e só é possível como acto de desespero motivado pela fome. Mas ele está justamente louco de fome e não quer recuar. Avalia a situação e parece-lhe a pior possível para o ataque ao homem que mata à distância. Entre ele e o homem há alguns muxitos que o impedem de atingi-lo com dois ou três saltos. Terá

de correr para a sua presa. Mas os muxitos não impedem o homem de o atingir de longe, sem dar um passo. Porém o caçador está imóvel e a arma assassina está inerte. Ele está estranhamente inerte.

Nesse momento, os olhos presos na silhueta de Linguêmbwe, o leão escuta um ruído novo, bem conhecido e aterrador.

Também Linguêmbwe o ouve e sabe imediatamente que há um carro que vem atravessando a chana, um carro com gente, muito provavelmente ignorando o confronto que está ali a desenhar-se. Mas talvez não venha para ali. Sim, parece que o ruído se afasta. O leão aproxima-se, com toda a cautela porém, e de súbito o caçador vê o animal, ainda longe, mas já todo contraído. Reconhece nele os sintomas duma enorme fraqueza, que talvez o ponha em fuga quando perceber bem o inimigo que tem pela frente. Ou talvez não. A fome é uma mestra que se instala no ventre de um leão, que tanto o enfraquece como o enlouquece. O caçador, se quer sobreviver, não pode perder nenhuma oportunidade.

Linguêmbwe arma o canhango e leva a arma à cara, procurando o vulto do leão por entre as bispas. Mas o predador vê-lhe a silhueta e sente-lhe a presença com precisão. Logo se apercebe de que o caçador começa o seu ataque com aquele ligeiro movimento. Os olhos vivos de Linguêmbwe distinguem também a sua presa e a arma desloca-se uns centímetros apontando-lhe para a cabeçorra de dentuça arreganhada. Basta puxar o gatilho e o leão pode ser morto de um só tiro, ou ficar tão atingido que o segundo tiro será facilitado.

Mas Linguêmbwe não puxou o gatilho. Ficou estático no seu lugar, olhar absorto em si mesmo, a mente gincando imprecisamente às voltas com uma

ideia inquietante. Matar aquele animal? O último leão? Impossível. Poupá-lo? Isso é expor-se. Mas a verdade é que não o anima a sanha assassina que costuma tomar conta do caçador diante da sua presa. Não, Linguêmbwe não pode matar o último leão. Por isso Linguêmbwe não puxou o gatilho.

Os caçadores pararam o jipe quando ouviram o urro furioso e triunfante da fera, ali a dois passos. Não eram homens afeitos a essas peripécias, mas em conjunto — eram três — não temiam leão algum, nem mesmo aquele que atroara os ares com tamanho urro. Contudo devia ser um leão esfaimado, desesperado, muito perigoso. Saltaram do carro com ligeireza e correram sem pensar muito na direcção para onde estavam a ser atraídos. Na verdade, como caçadores, não passavam daquela espécie furtiva e mal preparada, com um gatilho em pânico e uma pontaria atabalhoada. Mesmo sendo três podiam ser chacinados com as suas desajeitadas balas a assobiarem em todas as direcções menos na do alvo, porque o alvo, esse sim, tinha a precisão do predador experimentado.

Os caçadores não tiveram sorte, e as suas balas perderam-se na paisagem despertando a natureza doente, em sobressalto. Os três homens puseram-se em fuga no seu carro barulhento, levando uma história para contar, devidamente recomposta para salvar a face. Mas ainda puderam contemplar de longe o drama do seu fracasso, o triunfo do predador onde os seus olhos que não vêem as coisas invisíveis não perceberam que o urro de triunfo era também um canto de agonia, a agonia do animal que sobrevive porque a sua presa lhe presenteou a vida.

Os caçadores não tiveram muita sorte.

Mas Linguêmbwe teve um destino digno da fera que o atacou, do parceiro *unicat* na fome pairando

hoje na natureza doente. O seu espírito saiu do corpo morto e estraçalhado pelo predador e voou para a chana juntamente com o espírito do leão apesar de tudo sobrevivente e sabendo que agora tinha que esperar. Esperar para acasalar. Lado a lado, como companheiros do mesmo destino, os dois espíritos voando a baixa altura, tomaram posse da mancha dourada de capim seco e depois foram para longe, à procura da leoa, a última leoa para lhes dar protecção e o nkissi do leão ia contente, porque o seu corpo não morrera nem na luta nem de fome ou de humilhação. Apenas ficara aguardando.

Os caçadores furtivos, confusos e dominados por uma dúvida perturbadora, fugiram para mais longe e aí beberam uma garrafa de *whisky* inteira, depois, muito depois, voltaram e meteram na carrinha os restos mortos e estropiados da vítima, Linguêmbwe, o jovem caçador que não puxou o gatilho.

— Que pena não termos chegado a tempo de salvar o pobre rapaz — diziam eles entre si. E voltaram à cidade com o seu testemunho ilegível.

O último dia do pintor

Mal entrou em casa o nariz de Pedro Mbala foi atacado pelo cheiro do ambiente que assim tão subitamente nem soube identificar. Mas logo em seguida começou a ler tudo, a apalpar com o mais fundo da alma. Prontamente empunhou o caderno e a lapiseira e começou a esboçar, primeiro a medo, depois febrilmente, com traços rápidos, soltos, quase inconscientes. Só depois do respectivo rabisco feito no papel se apercebia do que estava a representar, a caterva de jovens concentrados em volta da tv, como um grupo coral silencioso, atenção amarrada ao melodrama mexicano que o ecrã ia desenrolando sem vergonha nenhuma. Um dos rapazes, escarranchado no braço do velho e amoroso cadeirão de veludo almofadado com uma fofura de muitos anos de relaxe e convívio, apoiava o braço na mesa de pé de galo, cotovelo estorvando a segurança da jarrinha de faiança de Meissen; a miúda dele (ou talvez não fosse) roçava a vasta cabeleira em jimi pelo cravo morto há muitos meses que jazia ainda na jarrinha como um destroço abandonado que não se repugna da sua própria história.

Outro jovem, no lado oposto, braço apoiado num companheiro que se pusera em paralelo com ele, sentava-se no tampo aberto da escrivaninha antiga, o qual cedia a tanto peso e ameaçava cair de vez. Por cima de ambos a bela estatueta do Buda feliz em marfim bem patinado fora deslocada até à bordinha da sua peanha pendurada na parede; mais um toque e o Buda cairia no tampo da escrivaninha que deveria por sua vez precipitar-se no tapete, por sinal cheio de lama, com os rapazes por cima de tudo e de patas para o ar, certamente uma sapatilha voando em direcção ao frágil e muito bonito quebra-luz do candeeiro de pé. A aguarela de Alberto Sousa pendendo para a direita contracenava desagradavelmente com a gravura de Banza Kongo que pendia para a esquerda, aqui os pobres habitantes precipitando-se pela falésia abaixo e mergulhando no rio Lelunga com grande estardalhaço, na aguarela, a mãe e a criança que estavam sentadas numa das portinhas do Mosteiro dos Jerónimos, cambalhotando contra a bela árvore que sombreia o quadro do lado direito. Sobre a mesa de centro uma trapalhada indescritível repousava negligente, deixando perceber cadernos, um *walkman*, cinzeiros com cinza por dentro e sobretudo por fora, saquinhas de mulher, copos sujos, garrafas de cerveja vazias, sacos de plástico com objectos ignorados, revistas envelhecidas pelos dedos e dobradas na página que interessa e que mais sei eu!...

Sem reparar na desordem e desenhando sempre, Pedro Mbala deu um passo em frente, tentando respirar e passar sem grandes perdas no meio daqueles espectros de gente, de móveis desalinhados, de sons e vapores irritantes de fumo, não apenas do fumo de cigarros mas também de chaminés fabris, de navios pachorrentos e velhos, de incêndios nos palheiros das

quintas, de explosões num paiol de munições de brumas oníricas da adolescência e deu com o seu próprio quadro pintado há mais de seis anos onde uma família muito pobre e reduzida seguia atrás dum lastimoso caixão de criança imaculadamente branco com adornos de fita carregado por dois homens, vergados não ao peso do féretro mas sim ao do desgosto. Os homens iam silenciosos, uma jovem soluçava discretamente e as duas velhas, já cansadas de tanto prantejar, murmuravam ainda uma ladainha de choro que deixava no ar uma nota de tristeza. A rua sombria em que o funeral passava parecia habituada ao cerimonial, estava igualmente silenciosa e até desabitada, naquela noite clara mas condolente, compondo um ambiente de comiseração. E de súbito o que ia à frente com a jovem disse para ela «pára de chorar, Geninha, me fatigaste. Não consigo mais pensar como é que vou pagar esta despesa toda». «É por isso que ainda estou a chorar...», respondeu ela entre soluços.

E esboçando, riscando, sombreando, quase com frenesim, sofrendo cotoveladas e apertos, suores e encontrões dos manifestantes que, por baixo da varanda do velho palácio do Governo onde os mwatas engravatados permaneciam na atitude solene e plena de quem dispõe do poder e sabe usá-lo, berravam justamente contra esse poder ou pelo menos contra o mau uso que dele faziam os figurantes da varanda. Pedro Mbala receou pela sua segurança pois lembrava-se muito bem que quando pintara esse outro quadro e o expusera no Palácio dos Congressos tinha podido constatar que os mwatas engravatados estavam lá percorrendo a galeria e vendo tudo, mèneando as cabeças em aprovação de uma maneira tão formal que assustaria qualquer um; ou eram uma cambada de ignorantes e de olhos fechados, ou me-

neavam aprovações escondendo uma inquietação vingativa. Mas logo que os desenhou a abanar a cabeça diante dos seus quadros, Pedro Mbala tomou posse deles e sentiu-se mais forte, embora com vontade de tossir, como se tivesse sido envolvido por uma nuvem de poeira. Com efeito, ao chegar à porta da sala de jantar cuja cortina estava enrolada, enrodilhada, retorcida e aberta como se tivesse sido rasgada, encontrou a explicação: logo à entrada exibia-se em tons de secura dourada o quadro que um dia fizera e a que chamara *A Seca*. Uma atmosfera dourada pelo sol, mas um sol artista plástico, capaz de pintar a natureza com uma reverberação quase alucinante estendendo-se por uma larga planura com vestígios de lama, poupando as montanhas ao longe, dum tom violáceo embaciado pela luz ambiente; um vigoroso e sombrio camponês levando ao ombro a machadinha tradicional. O homem olha para Pedro Mbala com um olhar perscrutador que parece perguntar, «fazes parte desta cena?». O pintor responde-lhe que está só de passagem e bastante apressado. E esboça, esboça furiosamente debaixo do impacto agressivo do calor abrasante da tarde, e interroga o camponês sobre o desastre que deve envolver e encarquilhar o seu pedaço de terra, terrorizar os seus, comprimir-lhes a todos as esperanças de vida. Aproveita ainda para lhe perguntar como se sente com aquele público desconcertante e abandalhado. O homem olha para ele novamente mudo segurando com mais força o cabo da minúscula e ridícula machadinha e não encontra resposta nenhuma para lhe dar, já porque a resposta certa é tão óbvia, tão evidente que dispensa ser formulada, permitindo até ao atarantado Pedro Mbala mais uma mancha e uns rabiscos no papel a representarem a situação com trágica fidelida-

de. Por fim o camponês articula uma praga num tom de revolta concentrada fervilhando no cérebro aquecido pelo sol: «Se eu encontrar o artista que criou este dourado Inferno e convidou esse mundo de macacos para nos ver, corto-lhe os tomates. É um perverso aquele que romantiza esta grande seca dos Gambos e se compraz com o espectáculo. Aqui só há terra, pedra e a agonia das gentes. Aí onde está ainda é pior. Só há invólucros de forma humana.» Pedro Mbala olha para o machadinho, o provável instrumento do massacre prometido, e sente um arrepio pela espinha acima que prefigura uma dor insuportável. A afiada lâmina é tão pequena que para cortar um par de tomates sadios são precisas duas ou três machadadas.

E fugiu desse espectáculo mergulhando quase de cabeça no ambiente faine da sua sala, onde a tampa da velha escrivaninha ainda não caiu — se aguentou com dois séculos de passado porque é que não há-de aguentar com dois rapazes do presente? —, o Buda Feliz de marfim patinado se debruça sobre os fragmentos do seu futuro próximo que se espalharão pelo chão e deixarão de ser o que ele é, um pedaço de solenidade oriental. E os olhos acabam acariciando um óleo amarelado — quase tanto com a sua antiga moldura — e sentindo memórias esquecidas da velha cidade de Luanda do século XVIII de autor anónimo. Lá está o que já não está, o Palácio de Dona Ana Joaquina derrubado por um bando de predadores urbanos que talvez sejam esses rapazes que abandaram o seu pequeno mundo de sensações sábias. Mas ali, nesse velho quadro, ele está inteiro e glorioso antes de ser a belíssima ruína do passado que ainda se patinava de mais tempo e mais glória há não mais de 15 dias.

Deus do céu! Quem teve a triste ideia de pintar aquilo que já nem é uma ruína do passado mas sim o passado arruinado?

Subo ao primeiro andar? Ao meu cantinho quase secreto onde costumo vitaminar-me de novas coragens para amanhã? Não. Não me atrevo, pensou o pobre pintor. Chega! Chega por hoje. Chega para sempre... E apanhando novamente de passagem o funeral pobre, integrou o pequeno grupo de vítimas que sobreviveram, perguntando posso acompanhar?, vendo as cabeças menearem afirmativamente e acabando por desaparecer depois da esquina onde morriam glifos traçados a carvão, da patética história da cidade. E desapareceu com eles como se fosse o seu próprio funeral.

O canhangulo do Avô Ndalo

A noite estava escura como sempre a conhecera. E o rapazito não estranhava porque nunca tinha visto estrelas no céu, nem mesmo a lua. Ouvira muitas vezes as pessoas a queixarem-se daquela escuridão absoluta a que a aldeia parecia condenada, noite após noite. Mas isso era conversa dos velhos que nada lhe dizia. O que o entristecia era a morte que nessa noite deveria vir buscar o Avô Ndalo. Por isso foi a casa dele com o coração apertado.

— Toma, meu neto — disse o moribundo, o Velho caçador há muito retido na sua tarimba por uma doença desconhecida, estendendo ao rapazito um canhangulo que brilhava como se fosse limpo e oleado todos os dias e com marcas misteriosas na coroa. Kassongo, o jovem neto, pegou-lhe com todo o respeito, encantado com a sua beleza, acariciou-o como se ele fosse o próprio avô que estava ali deitado para morrer.

— Mataste muitas pacaças com ele, avô?

— Nenhuma — respondeu o moribundo.

— Ou muitas palancas?

— Nem uma só — disse o velho fechando já os olhos.

— Elefantes?... — perguntou, a medo, o miúdo.

— Nunca levantei a arma contra eles, meu neto.

— Olongos?...

— Nada.

— Nunces? Bois-cavalos... impalas... macacos... javalis... galinhas do mato?...

— Nada disso, meu neto.

— Então... talvez guerreiros inimigos?

— Também não, rapaz.

— Me explica, avô, para que te serviu tão lindo canhangulo! E como é que nunca faltou carne na nossa casa, em toda a sanzala, se não caçavas nada? Me explica, meu avô...

A voz do velho era já um cochicho quando disse:

— Aprenderás sozinho, Kassongo, meu neto. Agora adeus. Vou visitar o meu filho Kambinda, o guerreiro que morreu na guerra e que foi teu pai, assim como todos os nossos antepassados que repousam na corte de Kalunga.

O velho piscou ainda os olhos, soprou a sua vida num suspiro e morreu. Kassongo foi-se dali, com o inútil e brilhante canhangulo nas mãos.

Oh, maravilha! Na noite seguinte o céu estava coberto de estrelas e a lua parecia dançar uma dança de alegria e não de óbito como devia ser. Era a noite mais linda que alguma vez vira e toda a sanzala estava em festa.

Passaram vários anos. Kassongo cresceu com a linda arma nas mãos, contemplando, de vez em quando, o seu arquinho de flechas infantil com o sorriso de quem se tolera a si próprio. E se enquanto criança ia atirando aos pássaros e aos pequenos coelhos com as suas flechinhas de ponta de pau, ia também polindo

e limpando o canhangulo com o secreto desejo de chegar à idade de ser caçador.

O tempo não se demorou pelo caminho, e essa idade chegou. Quando foi à caça pela primeira vez, todo ele era alegria e murmúrios de súplica, «Ajuda-me avô para não falhar os meus tiros como tu falhaste sempre. Não há carne na nossa casa nem na sanzala».

E foi entre duas súplicas que Kassongo viu o seu primeiro alvo, uma elegante palanca cujos cornos faziam um arco de que as pontas coçavam os quartos traseiros. O coração de Kassongo bombeava-lhe energia, os seus lábios não conseguiram resistir ao sorriso que neles nascia e por dentro dele formava-se um pensamento que lhe cochichava no ouvido: «Eu, Kassongo Kakehele, filho de Kambinda, o guerreiro que morreu na guerra, neto de Ndalo, o mágico que nada caçou mas alimentou toda a nossa sanzala, estou aqui para ti, irmã, e para iniciar a minha carreira de caçador.» Então, conforme a tradição, achou por bem falar primeiro ao animal parado à sua frente, numa voz interior que não se ouvia mas se fazia sentir: «Desculpa, irmã Palanca, vou ter de te matar para o alimento da nossa casa.» E com extremo cuidado, levantou o canhangulo muito devagar, apontou a arma previamente carregada com todo o rigor e puxou o gatilho.

«Plik!», foi mais ou menos assim o ruído que saiu pela ponta do cano com fumo e um zagalote a tracejar o caminho a uma velocidade que o tornava invisível. E logo em seguida fez «plok», um ruído frouxo, quando o chumbo bateu nos lombos do animal e caiu para o chão. A palanca não fugiu. Olhou para o rapaz com um olhar que feria mas não tinha ódio, soltou um breve balido como quem diz «eu não sou o teu alvo» e foi-se embora tranquilamente com uma passada de

grande senhor. Kassongo ficou ali parado, a olhar sem compreender. Triste, voltou para casa, canhangulo nas mãos, um peso indefinível na alma ofendida de caçador que era a sua.

E aguardou vários dias em silêncio, contemplando a bela arma inútil. Primeiro sentou-se à sombra da mulembeira da sua casa e ali ficou meditando. Vieram os parentes, cumprimentaram e perguntaram porque estava tão tristonho. E depois interrogaram-no ainda sobre os resultados da sua primeira caçada, da noite anterior, e ele respondeu que não apanhara nada. Quando os parentes saíram, para não ser incomodado de novo com aquela ou outras perguntas, Kassongo levantou-se e, sempre com a arma nas mãos donde não conseguia tirar o olhar perturbado, encaminhou-se para a lagoa que margina a sanzala, procurou um lugar isolado e foi ali que prosseguiu com a sua meditação até quase de madrugada. Durante a noite o céu encheu-se de estrelas que piscavam atrevidamente como se fizessem troça dele e o rapaz começou a ficar nervoso. De repente passou na abóbada negra da noite o trilho reluzente de uma estrela-cadente e, quase por instinto, o caçador frustrado que tinha o canhangulo armado tal como o trouxera da caçada levantou a arma com maravilhosa prontidão e disparou apontando à luzinha que corria ainda o céu. Não houve «plik» nem «plok», desta vez. Houve, sim, a explosão natural dum tiro e um estoíro lá no alto, a estrela luminosa apagando-se instantaneamente. Claro que o rapaz não acreditou que tivesse matado a estrela, mas achou graça àquela situação, e ao mesmo tempo constatava que afinal o canhangulo disparava bem e certo como qualquer outro.

No entardecer do dia seguinte, tendo concluído que a pólvora que usara no zagalote destinado à

palanca estava estragada, decidiu-se a quebrar o mistério e disse para si mesmo: «Avô, eu estou de novo a caminho da mata e vou à caça. Ajuda-me, avô!» Equipou-se convenientemente, examinou a limpeza do cano do seu canhango, cada uma das cargas de pólvora e dos zagalotes e, satisfeito, achou que estava pronto para o sucesso que desejava.

Custou um pouco a encontrar o seu alvo, mas por fim deu com o incauto olongo, o mais belo e o maior daquelas matas. O coração pulou no peito e a arma parecia que lhe queimava as mãos. Pediu socorro aos antepassados, acalmou-se, armou a velha espingarda, apontou cuidadosamente, e depois de pedir desculpa ao esplêndido animal disparou.

Como da vez anterior, o tiro, cujo coice no seu ombro ainda jovem não deixava dúvidas sobre a força que levava, fez «plik» ao sair e «plok» quando atingiu o antílope no sítio mais mortal, lá onde mora o coração, lá onde se guarda a vida de todos os animais e por isso é uma das portas de entrada da morte. O olongo sentiu o zagalote a tocar-lhe vagamente na pele e a cair para o chão, como se não fosse mais que a pedrinha duma fisga de criança. Olhou para o rapaz, baliu complacente num murmúrio que dizia «devias brincar com uma fisga, meu filho, não com essa arma dos Espíritos que andam com o vento», e foi-se embora devagar, nem magoado nem ofendido.

Magoado ou ofendido ficou o jovem Kassongo com o canhango fumegante nas mãos e a maior das frustrações no tal coração onde mora a vida. Ali ficou, pois, sentado num tronco caído, durante longas horas a curtir o fracasso e depois, sem coragem para regressar a casa de mãos a abanar, trepou à montanha que se elevava muito acima das árvores, não longe dali. Chegando ao cume com a noite já instalada nas alturas

e escurecendo o mundo real à sua volta, sentou-se numa pedra, olhou para o céu e ficou a contemplar o belo espectáculo das estrelas que aos milhares davam vida à escuridão, piscando animadamente suas misteriosas mensagens.

Sim, havia vida naquele cintilar nocturno, e com toda a certeza as estrelas trocavam mensagens.. Algumas horas passadas, surgiu no espaço negro mas palpitante daquela noite, como na noite anterior, uma estrela-cadente. Um risco luminoso atravessando o céu com tal rapidez que custa a acreditar que Kassongo tivesse o mesmo reflexo da véspera e disparasse o canhangulo com um sucesso inesperado. A pequena estrela em voo explodiu no espaço espalhando seus fragmentos num festival de luz. E Kassongo esperou outra estrela incauta com a arma na posição correcta. Com efeito, pouco tempo depois novo traço luminoso desafiava o seu instinto, mas o jovem, antes de puxar o gatilho, sentiu uma estranha companhia por ali e inibiu-se. O tiro não partiu e a arma repousou-lhe nos joelhos. Ao seu lado havia um vago ente cuja presença se insinuava mais do que se fazia ver, um ser do além, do céu estrelado, descido à terra talvez com um dos fragmentos da luz que fora o seu alvo.

— Quem és tu, caçador de estrelas? — perguntou o Espírito que viera com o estilhaço.

O rapaz ficou transido de medo ou de atrapalhação. Que estória era essa de um Espírito vindo das estrelas a chamar-lhe o que lhe chamara? Sentiu o perigo, e fosse ele Espírito ou não, prudentemente segurou com mais gana e prontidão a velha espingarda. Por fim disse num desafio, já que com a arma pronta se sentiu mais forte:

— Sou Kassongo Kakehele, o caçador de estrelas, filho de Kambinda que morreu na guerra, neto de

Ndalo, o que nunca caçou mas alimentou toda a sanzala.

— Quem te deu esse canhangulo feito nas estrelas, ó desgraçado? E o que andas aqui a fazer, disparando como um louco para onde calha? Foste enfeitado? Te mandaram caçar estrelas?

— Não entendo nada do que estás a dizer, tata. Mas eu posso matar estrelas já que não consigo apanhar nenhum animal. Queres ver?

Kassongo levantou a arma e apontou a uma estrela. Mas o Espírito deu um berro que parecia um trovão, um «NÃO! ESSA NÃO!», a arma do rapaz quase lhe saltando das mãos.

— Essa é nossa! — continuou o Espírito, agora mais calmo, apontando para o céu com a sua vaga e estranha bengala. — Olha, vês aquela ali?

— Vejo — disse o rapaz.

— E aquela outra? E mais aquela? E além a pequena estrela azul? E a verde mais para lá?

— Sim, vejo todas elas.

— Essas, sim. Podes matá-las com o teu canhangulo mágico.

— E o que é que eu ganho com isso? Com as estrelas mortas? Alimento com elas a minha casa e toda a sanzala?

O Espírito olhou-o sobranceiro e respondeu em tom muwático:

— Assim fazia o teu Avô Ndalo.

— Ah! Então é isso? E porque é que eu hei-de matar aquelas que me indicaste e não as outras?

— São inimigas! Mata-as!

— Inimigas de quem?

— Minhas e dos meus. Elas querem brilhar mais que nós e mandam raios fortes para nos cegar e nos matar. Eu sou uma estrela morta nessa guerra. Agora

vou virar nkissi, apagado, invisível, cheio de sofrimento. Mata as minhas inimigas e terás carne em casa todos os dias.

— Mas elas não são minhas inimigas. E já percebi, tata, que se mato as estrelas como me ordenaste, elas fogem do céu — tornou o rapaz com o seu coração quase dividido em dois.

— Claro! Elas fugirão todas. E nós podemos então descansar também, e apagamo-nos em apenas um ou dois milénios.

— E as noites ficarão escuras, sem lua nem estrelas?...

— Naturalmente!

Kassongo pensou, pensou, olhou para o Espírito apagado e não disse nada. Depois levantou-se, decidido, pôs a arma ao ombro, virou as costas ao Espírito e começou a descer a encosta, deixando o Espírito apagado a chamá-lo, a suplicar, a ameaçar, até que a sua voz se perdeu na noite cada vez mais diminuída.

Chegou à margem da lagoa que banha a sanzala. Com um gesto ritual pegou o canhangulo pelo cano e pela coronha, debruçou-se sobre as águas adormecidas e deixou-o cair. A bela arma afundou-se. Saiu da sua vida. Mas ele continuava a ser, conforme se sentia, Kassongo Kakehele, o caçador da aldeia, filho de Kambinda que morreu na guerra, neto de Ndalo que nunca caçou nada, mas abastecia de boa carne a aldeia tendo espantado as estrelas para outro céu. E sem saber se estava contente ou desagradado, voltou para casa. Como fazer?

Na madrugada seguinte Kassongo voltou da caça vergado ao peso de um javali e arrastando uma bela impala, cada uma dessas boas presas trazendo ainda a sua flecha atravessada na porta de entrada da morte. O arco e a aljava que haviam sido do seu pai pen-

diam do ombro livre e o suor escorria-lhe pelo rosto, deslizava pelo pescoço indo formigar-lhe nas costas e no peito.

Sim, ele era mesmo Kassongo Kakehele, o caçador da aldeia, que trouxera as estrelas de volta ao céu, servindo-se apenas do seu arco e das respectivas flechas, como costumavam fazer os caçadores antigos.

Escombros (1)

Como vocês ainda não me conhecem, o melhor é mesmo começar por me apresentar: Eu sou o Marco Lucas, mais conhecido pelo Marco Muxima. Mas não é tudo. Normalmente as pessoas identificam-se pela família a que pertencem, filho de Fulano e de Sicrana, etc., com outras informações à mistura. Eu sou diferente. Não devo ser filho de nenhuma criatura humana pois nasci na banda desenhada, essa linguagem maravilhosa que faz desfilar o mundo diante dos nossos olhos com passos seleccionados de um *ballet* pictórico, sobre os quais, como em nenhuma outra narração, nos podemos demorar, saborear, cogitar e transformar os nossos sentimentos.

Como tenho trilhado muitas estradas por esse mundo, um dia, quase sem a intervenção da minha vontade

(1) Esta estória e o seu narrador nasceram realmente nos «escombros» do álbum de BD «Fragmentos Angolanos 2», da *IMAGEM*, ViP, em Luanda, 1997, da autoria de H. Abranches e Sérgio Piçarra.

de, mas com a força subconsciente de uma aspiração, os meus passos puseram-me a caminho da cidade do Huambo, num dos mais trágicos momentos da sua vida bélica, quase moribunda, destruída, em escombros, praticamente deserta, ao que me pareceu.

Logo que cheguei senti, diria até que ouvi e cheirei, a morte e os seus característicos dejectos. À minha volta, uma bruma cinzenta de pó, terra, cimento ou argila, ondulava à brisa da tarde e fazia lentamente voltear em forma e em cor as construções arruinadas, as árvores frustradas, os pisos esburacados e os complicados restos que já foram coisas nossas, com as marcas humanas de um ontem cheio de vida. Curiosamente não havia cadáveres à vista desarmada. As pessoas fugiram e levaram os seus falecidos desde que deles restasse o suficiente para o funeral. A única vida que se atrevia a circular por ali era a de alguns furtivos ratos, um gato num resto de telhado, um cão que perdeu o dono e uiva algures, não à lua como é costume mas sim à bruma, como nunca se viu.

Agora sabia o que queria daquela formosa ruína.

Meti por uma rua com a cabeça cheia duma ideia a formar-se, um ideia a tomar forma de pessoa e da respectiva saudade dela. Uma ideia bonita, um pouco triste.

Um quadro de janela sem vidros de um primeiro andar batia ao de leve e ao ritmo da brisa à minha frente. Fui andando com a atenção fixada na obstinação daquela janela, janela de um quarto, talvez, de alguma jovem que tinha sonhos, e fugiu com eles para bem longe da cidade morta. O ruído da janela foi passando para trás de mim, eu fingindo que não o ouvira nem vira as tabuinhas batendo e chocalhando como se chamassem a menina dos sonhos. Vagarosamente, acendi um cigarro e adensei um pouco mais a bruma cinzenta com o meu primeiro bafo de fumo.

E de súbito, um bom bocado depois de passar uma travessa, ouviu um chamado mal definido. Devia ser engano. Isso não quadrava com o ambiente. Mas o chamado repetiu-se, desta vez com toda a clareza, atrás de mim: «Marco!» Muito perto.

Detive-me sob o efeito de um espanto sincero e o chamado repetiu-se numa voz que me era familiar. Voltei-me e vi um homem, ou antes os restos de um homem, sem uma perna, apoiado numa muleta. A sua imagem entrou-me pelos olhos adentro como quem entra em casa dum velho amigo e a voz insistia: Marco! Aproximei-me dele e reparei no seu sorriso bom e também um pouco trocista, quase alegre, e vi o seu único olho aberto — o outro rasgado e inutilizado por uma cicatriz que se estendia até à orelha. A outra orelha estava tapada pela posição da boina militar posta na cabeça e puxada para a direita. Era um rosto cheio de vida que de algum modo pertencia ao meu passado. Mas quem? Não tenho nenhum amigo estropiado, que eu saiba. E daí... pelos caminhos que já andei vi tanta gente e fiz amizade com tantos...

Cheguei ao pé dele e senti-me bem, não sei se por via do encontro ou pelo facto de a cidade não estar tão morta como eu temera. Fiquei a olhá-lo, a interrogar-me e o estropiado abriu mais o sorriso e disse como se fosse um comentário: «Marco Muxima... o vagabundo inquieto... quem diria?» Olhou-me com incómoda insistência sem dizer mais nada, enquanto eu o procurava por todos os cantos da memória, porque algo nele me era realmente familiar. E aquele modo de pôr a boina verde e a mão livre na cintura comunicava-lhe um à-vontade de quem sabe bem com quem está a falar. Por fim disse:

— Mas vejo nos teus olhos que não me reconheces. Se é que não me esqueceste — acrescentou quase em surdina enquanto o sorriso lhe morria nos lábios.

— Talvez a memória se recuse a ajudar-me, amigo.

— Talvez...

Mas logo em seguida ergueu o olhar um pouco para o céu, para lado nenhum, para outro tempo, outro lugar e disse:

— Mas talvez ainda te lembres daquele *Ford-V8* do mano Van Haff que nos salvou numa noite muito perigosa.

E de repente a lembrança veio à tona e com ela uma espécie de enorme satisfação de quem encontra a chave perdida do baú onde se guardam velhas recordações. Exclamei um pouco pateticamente:

— Samuel! Samuel, c'os diabos! — e o abraço que trocámos estava carregado de estórias, de amizade e de saudade. Sempre o julgara morto. — Nesse estado, meu velho! Como querias que te reconhecesse, eu que te julgava debaixo da terra?

Lentamente, sorriso recuperado, acendeu um cigarro cujo fumo se misturou com o do meu.

— De facto — murmurou. — Mas tu por aqui? À procura de quê? Ou de quem?

— Suponho que de um fantasma — dei-lhe o braço e começámos a andar e pude reparar que a cidade parecia menos morta, a bruma cinzenta desaparecia. E Samuel continuou:

— Alguém que te era muito querido, imagino.

— Podes dizê-lo. Vivemos momentos inesquecíveis, Samuel.

— Uma mulher?

Fiquei calado um momento. Não me era fácil falar dela ali, naqueles escombros, ao lado dum velho amigo que eu conhecera como um belo rapaz e agora era ele próprio um «escombros», mas depois acalmei e cochichei entre mim e ele:

— Susana Fundanga. Conheces?

Tirou uma longa fumaça, fechou os olhos e comentou em surdina: «Era muito conhecida a Susana, meu deus!»

Um pouco mais ansioso, temendo o pior, perguntei:

— Onde está ela?

— Pergunta às ruínas, meu.

Andámos mais uns passos fumando em silêncio mas a minha inquietação, a minha ignorância do paradeiro dela e da sua estória eram demasiadas para mim sozinho.

— Não queres dizer mais nada sobre ela, mano?

Então passou-me um braço sobre os ombros arrastando-me para um beco e dizendo «Sim... vem comigo». Embrenhámo-nos no beco que conduzia ao que fora uma área suburbana, tão arruinada como o resto, e em destaque sobressaíam os restos de uma casa em duro mas relativamente pobre.

— Cá estamos, Marco.

— A casa dela...

— Sim, era essa mesmo.

Senti um nó na garganta e os meus olhos pestanejaram de desorientação. O olho único de Samuel olhava-me e parecia lamentar o que via no meu rosto. Pôs-me uma mão num ombro tentando acalmar-me e deslocou-se em direcção à ruína dizendo:

— Espera um momento, Marco, meu camba.

Depois desapareceu no interior escuro e fiquei a ouvi-lo mexer por aqui e por ali, tirar tábuas queimadas, empurrar um resto de chapa de zinco, praguejar contra uma ratazana, obviamente procurando alguma coisa.

Fumei outro cigarro quase inteiro enquanto o esperava, pensando que não devia entrar porque não me interessava saber como desaparecera a Susana, no meio daquela tralha abandonada e cheirando ainda a morte. Apenas queria saber dela e matar as minhas saudades com uma informação breve e exacta.

Finalmente Samuel saiu lá de dentro com o mesmo ar de amigão, trazendo na mão uma fotografia emoldurada e bastante estragada. Mas na sua cara havia um traço de desgosto como uma nova cicatriz. Entregou-me a fotografia, afastou-se e caminhou para longe enquanto eu estudava a foto acastanhada pelo fumo e pelo calor da fogueira que houvera naquela casa: um casal de noivos de braço dado, ela ainda com a flor branca de laranjeira, ele de fato e gravata. Acima da cabeça da noiva estava cuidadosamente escrito à mão «Susana»; sobre a cabeça dele lia-se na mesma escrita «Samuel», e no canto em baixo uma frase quase ilegível onde pude ler: «Unidos para sempre.»

O meu desalento dissolveu-se como se a Susana Fundanga tivesse reaparecido com toda a sua graça, todo o seu encanto, e o seu par permanecesse aquele rapaz inteiro e simpático de antigamente, meu companheiro de algumas tremendas aventuras. Procurei o Samuel que já ia longe, estropiado, caminhando aos solavancos agarrado à sua muleta e ouvi-o dizer-me sem se voltar:

— Estamos juntos, amigo. Espero-te para o jantar no Santo António. Me encontrarás facilmente. Tchau...

Seis pés de matebeira

A primeira vez que Tito Castelbranco levou ao editor o seu manuscrito, deixou o homem abrir o grosso pacote e depois, sem dizer uma palavra, extasiado, folhear o volume durante várias páginas para afinal perguntar:

— Muito bem, e que bela caligrafia, meu caro. Está entregue e vou editá-lo. Mas diga-me uma coisa: porque é que você escreve à mão, ao que parece com uma caneta de aparo, no século dos computadores?

— Porque tenho o tinteiro dos meus avós, do meu pai, em prata e cristal, que me conquistou. O que eu escrevo, forma-se na minha cabeça, passa para as mãos e daí para o papel, sem admitir qualquer transformação, nem mesmo em letra dactilografada. O texto vai para o papel tal como o vejo aqui — e batia levemente na testa — e até a cor azul da escrita se lhe torna indispensável —, e fez um sorriso como quem pede desculpa duma excentricidade inevitável, um capricho de mais-velho.

Tito Castelbranco voltou para casa. Tinha mais que fazer.

O silêncio é profundo à sua volta, como uma cortina de bruma insonora. Não porque seja surdo nem porque não haja sons, mas apenas porque os que acontecem são os sons correntes, suaves, que parecem exprimir que há em todo o lado sinais de vida humana infiltrando-se pela janela aberta, um bocado de movimento lá fora que se diria agitado se não entrasse ali tão pezinhos de lã. Mas esse não é o seu movimento. Tudo isso se passa sem ele e fora dele. Dentro de si está somente o fluxo de pensamentos ligados à sua mão hábil, armada de uma preciosa caneta de aparo molhado no tinteiro, transformando-o em palavras escritas sobre uma página reservada para elas. As pausas são preenchidas por breves reflexões: devo escrever «contaram-lhe» ou «lhe contaram», ou ainda, «contaram para ele»? Devo escrever «graciosidade» ou «graça»? E este «conscienciosa»? Que palavra mais feia, mais sibilada!, cien-ciosa! Oh-não! Parece um silvo de serpente, pobre consciência serpentária! E aqui, «torrente de palavras» ou «corrente de palavras»? O melhor será «palavras correndo», porque não?

E Tito Castelbranco escreve devagar, o dedo indicador da mão esquerda seguindo de perto o aparo. Os olhos fechados porque há muitos anos a sua função foi substituída pela visão interior e pelo tacto daquele dedo. Tito Castelbranco é cego e contudo é famoso no nosso meio como escritor de alta craveira. Alguns levianos detractores acusam-no até — entre sorrisos de complacência — de descrever de mais, ignorando que o prisioneiro fala de liberdade como um perito, o doente fala de saúde como um médico e Beethoven, o compositor surdo, compôs o *Hino da Alegria*.

Às vezes as palavras correndo pelo seu texto criam-lhe uma intensidade dramática que dói como

um desgosto antigo vindo súbita e inesperadamente ao de cima. E então a pausa é mais longa. A caneta repousa no tinteiro, o dedo da mão esquerda sobre a última palavra escrita. A mente a recuperar vagarosa e a sair do desgosto. O escritor a retomar o tranquilo domínio da narração.

Não pára de escrever quando a inspiração lhe vem, o que lhe acontece com frequência. Página atrás de página. Ansiedade atrás da angústia, logo seguida por uma paz de espírito que lhe permite respirar, repousar a caneta no velho tinteiro de cristal e prata que foi herança de venerandas tradições, esfregar as mãos cansadas do exercício de apalpar o papel guiando o aparo num alinhamento perfeito que os seus olhos cegos não podem ver mas que ele lê, apesar disso, apalpando os vincos da escrita e sorrindo satisfeito, ou até insatisfeito, quase com o mesmo à-vontade de quem lê com os olhos. Quase. Mas de uma maneira suficiente. O hábito reconciliara-o com esse recurso que até parece mágico, o tacto-leitor, como nele pensa, e lhe pusera quase em surdina o desgosto da cegueira. Quase, também. Em todo o caso, é sempre uma luta quotidiana, em muitos aspectos da sua vida que fica num resguardo secretista para não dar nas vistas, para não chatear ou comover quem quer que seja.

Portanto escreve com a sua bela caneta de aparo, só consentindo um verdadeiro intervalo no fim da página, para tornar mais fácil a operação com que luta. Tenta afastar-se um pouco do assunto para esfriar as emoções que lhe atrapalham a criatividade. Levanta-se, dá dois passos pela sala recordando o tema mas visto agora por fora. Mais frio, mais objectivo, volta para o seu lugar, pausa um pouco inspirando o ar puro que lhe entra a jorros pela janela com o odor

suave e amoroso das acácias do jardim, e memoriza o assunto daquela página, às vezes até certas linhas ou palavras que talvez fosse conveniente rever. Retoma a caneta e coloca o dedo no princípio da página, totalmente entregue à sua função de tacto-leitor, e vai percorrendo os vincos da escrita no papel, corrigindo aqui ou acolá. Dando-se por satisfeito, vira a página ao contrário e coloca-a sobre as antecedentes, na gaveta. Concentra-se de novo sobre a próxima página ainda em branco, e por fim retoma o fio à meada, aquela escrita cadenciada por um ritmo pessoal ligado à cantiga das palavras e aos sustentidos do drama, aparo no tinteiro e depois no papel — gesto vagaroso e profundamente atento —, à frente do dedo indicador esquerdo que ali se colocara justamente a indicar. E pronto, aí vai mais uma página do seu romance.

Logo pela manhã, acolhe a empregada que lhe traz o pequeno-almoço. Ela entra-lhe no escritório com seus passinhos de pantufa e com o café da manhã. Bom dia, Senhor Castelbranco, dormiu bem? Bem obrigado, Joana. E você como passou? Assim assim... sempre aquela dorzinha no ombro. Mas olhe, trago-lhe aqui o seu mata-bicho. Está em cima da mesa de vidro. Quando quiser pode servir-se. Ótimo, menina. Está tudo no seu lugar, não é? É sim, tudo no seu lugar. Depois a rapariga fazia o serviço todo, melhor que isso, punha o pequeno mundo do escritório à sua maneira, completamente funcional. Cada coisa no seu lugar. Embora fosse uma empregada nova (a antiga reformara-se, e agora, por razões especiais, Tito comprazia-se a pensar que se ela não tinha razão para virar matebeira, virara, pela certa, mulemba secular), sentia nela a minúcia e o amor do bom desempenho, e sorrindo de si próprio dizia-se,

«quanto era bela a sua empregada». É claro que muito se ficava a dever à Anita, a sobrinha, que vinha amiúde visitar o tio, explicar tudo à nova governanta e cuidar daquilo que ultrapassava a competência dela.

Entretanto, tacteando o tapete, contornando os móveis, Tito dirige-se à mesa indicada e senta-se na velha poltrona. Bebe então o café e come o seu biscoito vagarosamente, gostosamente, enquanto um novo fôlego criativo se lhe forma na consciência. Por fim limpa os dedos e a boca ao guardanapo e sente-se mais forte, mais senhor de si. Dirige-se de novo à secretária. Apalpa a folha ainda virgem do próximo trecho e sente perfeitamente a lisura muda do papel em branco. Inicia então uma nova página, depois mais outra página, e outra... e muitas, muitas outras, todos os dias, meses de trabalho que apesar do rigor ritual nunca são iguais a si mesmas.

Há anos que escreve assim. Há anos que publica o que escreveu, ganhando fama, e embora toda a gente saiba que é cego nunca ninguém se inquietou muito — nem ousou perguntar-lhe — como é que os textos aparecem escritos, numa caligrafia muito segura, em linhas que, contudo, apresentam às vezes uma estranha ondulação (quando se dá conta de que o papel não está na posição exacta e o arruma melhor). Há quem pense que essa ondulação é um capricho seu. Só a sua sobrinha Anita — que pela tarde lhe vem ler este ou aquele livro ou artigo —, a criada que já o deve ter visto, um ou dois amigos do peito, desses que vêm, calam, não fazem perguntas, e o editor, o Rodrigo, só esses sabem que é ele próprio a escrever. Mas não sabem tudo. Apenas ele mesmo sabe tudo. Mas sabe também que é uma pena não conseguir aplicar aos livros editados o tacto-leitor. É uma pena, sim. Às vezes sente que também é uma

pena só poder imaginar as cores das paisagens, o azul do céu, o cinzento prateado das madrugadas brumosas, a luz dourada dos rápidos poentes, as púrpuras do anoitecer e até as feições de cada um, principalmente quando falam com ele. Só mesmo a Anita e o Anacleto têm um rosto exacto (assim o pensa pelo menos), o rosto que tinham antes da sua cegueira (ela era uma criança e eles dois, vizinhos e companheiros de juventude, uns rapazotes), acrescentados, num acto criativo muito seu, de umas rugas uns traços umas linhas de maturidade, dos vinte anos que passaram pela escuridão dos seus olhos, da sua vida. Mas enfim, lá estão eles, rostos que condizem com as vozes e com a alma.

Um dia o escritor cego telefona ao editor e diz-lhe que tem mais uma obra. O editor já sabe que é um bom trabalho e antegoza o prazer de o publicar e de presidir ao lançamento com um discurso simples e desapassionado que agrada ao escritor, agrada a toda a gente.

Mas agora está perante uma situação nova que ecoa no seu coração com o brônzeo som do triunfo literário. Irrita-se com isso. Desperta nele um sentimento rigoroso de prudência e humildade.

De qualquer modo é realmente uma situação nova, prémio do seu trabalho de muitos anos: o editor mais habitual fora visitá-lo, quisera vê-lo a escrever, e depois, sem hesitar um segundo, encomendara-lhe um romance dedicado aos deslocados de guerra.

— Você acha que pode, Tito?

Tito Castelbranco pensou um longo momento perguntando-se o que havia nisso de diferente em relação ao que costuma fazer. E havia algo, sim, se conseguisse seria como habitualmente, se não conseguisse seria então uma perda considerável, um golpe

na sua autoconfiança, talvez a reforma do romancista embora lhe restasse, certamente, o contista que também era.

— Acho que posso — respondeu por fim. — Mas porquê esse tema em especial, Rodrigo? — e de súbito lembra-se de que o Rodrigo é um benemérito generoso, clássico, na luta contra a pobreza e faz quanto pode para arranjar meios de vida para quem deles carece e está ao seu alcance. Talvez esse romance abra vias novas e melhores às práticas habituais de doação, talvez...

— Bom, você conhece estas coisas...

— Desculpe. A minha pergunta é ingénuas. Compreendo muito bem e sinto-me comovido.

Durante uns largos dias a estória encomendada toma na sua mente a forma de um sussurro, ainda vago, um comboio de factos e situações em si, ainda à espera numa estação, não atrelados nem ordenados.

Mas não pode esperar muito. Tito aguarda, impaciente, a visita da sobrinha Anita. Ela chega à hora habitual, cumprimenta o tio, dá uma olhada por todos os objectos da secretária e em geral do escritório, descer a janela que se abre de par em par e murmura, «Está tudo bem, tio».

— Anita... — diz o escritor.

E revela-lhe o segredo da estória encomendada. Anita ouve com atenção. Uma atenção cada vez mais concentrada, conforme a família deslocada vinda do Huambo que é o centro da estória, e da qual o escritor vai falando com sereno carinho primeiro, depois com paixão, começa a tomar forma na sua consciência, como se também ela a conhecesse pessoalmente, e acaba por se sentir conquistada.

— Meu tiozinho, que estória mais triste — diz ela.
— Precisa que o ajude nalguma coisa?

Então, nos dias seguintes, com a ajuda da sobrinha que trata dos seus assuntos, Tito Castelbranco organiza algumas visitas, na companhia de Anita, a campos de deslocados, faz entrevistas, «lê» a documentação disponível, tudo isso enquanto se entristece gradualmente. A realidade é forte de mais e nenhuma fabulação a representará como é de facto, e o escritor sente um sussurro na mente, como uma alucinação auditiva. Por fim escolhe uma família de cinco pessoas: pai, mãe, filha mais velha (mamas a despontar carregadas de mistério), filho mais esperto que vê e ouve e sente tudo mas só começa a falar como quem está a aprender de novo e o bebé, doentio, febril, a morte a bater-lhe docemente à porta. Desde o princípio sente a pobreza que limita essa família, a criar-lhe um modo de vida. Visita-a longamente e começa a ser tolerado mas não mais do que isso. Velho cego com uma senhora que vem trazê-lo e buscá-lo não dá motivação. Por fim, nessas visitas ao campo de deslocados, acaba por saber que a família da sua escolha anda agora pela cidade à procura de outras saídas. Mas ele — e a sobrinha — já está a sentir-se dominado pelo espectáculo alucinante que se lhe depara. Por fim, o escritor vence a batalha que fora engajada, o sussurro faz nascer o romance, um tanto maquiavélico, do tema que lhe foi encomendado. Procuram ambos pela cidade a família em questão e um dia encontram-na no asfalto. Moram num abrigo de cartão e outros materiais de emergência indigente que encontraram abandonado. Souberam pelos vizinhos que dos quatro miúdos que o tinham feito e coabitado, dois já morreram e os outros foram para outras paragens. Mas Tito vê, conhece já essa família de desloca-

dos perdida na cidade hostil, sem acesso à «fartura» que adivinha por todo o lado, definhando, definhando, até se transformar numa família ressequida de matebeiras enraizadas numa barroca do Benfica com vista para o mar e com o sol da tarde em face, como já o dissera o próprio pai de família, seu hálito cheirando ainda a álcool.

E escrevendo com a lentidão do costume, com a paciência de sempre, mas com o drama a roer-lhe as ideias, avança ao longo do primeiro capítulo. Pára de vez em quando, cruza os dedos sobre a secretária lançando no papel onde já escreveu uma sombra de pasmo, pensando, como será virar matebeira?

Assim era a vida quotidiana de Tito Castelbranco, o escritor cego. Há muito que dominou o sentimento de solidão que o avassalara com a cegueira. De quando em vez aparecia um dos seus amigos, muito especialmente o Anacleto De-Nome-Pomposo (chamava-se Pompílio Pompeu; devia ser o último rebento de tão histórica família, mas infelizmente — ou não — não era escritor nem jornalista, mas sim comerciante que viajava por todo o mundo em negócios, gastando quanto ganhava). Esse já conhecia o escritor havia muitos anos. Amigos de infância, de antes da sua cegueira. Anacleto conhecia-lhe caprichos e qualidades inigualáveis, quase inconcebíveis — a extraordinária sensibilidade da ponta dos dedos do escritor onde parecia ter olhos. Por isso dava-se ao prazer de oferecer ao amigo, no regresso das suas viagens, alguns mimos, tais como pequenas peças de arte oriental verdadeiras e às vezes até antigas, que o amigo recebia e tateava longamente murmurando depois, «Que beleza! Que maravilha de formas. Um homem que

sabe trabalhar assim o marfim e dar-lhe esta figura de Buda, tem uma longa história a contar. Olha-me o amor, com um traçozinho de escárnio, que passa no sorriso deste Buda. Não sei porquê, faz-me lembrar uma oração que uma vez aprendi numa publicação franciscana e que dizia assim: “Senhor, dá-me coragem para mudar aquilo que deve ser mudado. Dá-me serenidade para suportar aquilo que não se pode mudar. Dá-me sabedoria para distinguir uma coisa da outra”. Não é, Anacleto?» E Anacleto ria com todo o rosto e via o sorriso do amigo, admirava então o fino e bondoso sarcasmo daquele Buda, coisa que não vira antes.

Um dia Anacleto veio decidido a pedir a Tito esclarecimentos — nunca falavam da cegueira, que era quase como se não existisse de tanto a suportarem ambos com «franciscana serenidade» — sobre alguns dos seus estranhos procedimentos. Foi encontrá-lo mergulhado num deles, em que passava muito lentamente um dedo sobre uma folha escrita, página de algum romance, talvez — a encomenda do editor era um segredo que Tito guardaria até ao fim —, os olhos fixos na luz intensa que se entornava pela janela e inundava de brilhos o pequeno mundo do escritório. Anacleto olhou por um longo momento aquele exercício que não sabia chamar-se «tacto-leitor», e por fim perguntou:

— Que diabo estás a fazer passando o dedo dessa maneira por uma folha escrita à mão? Isso não é braille, que eu saiba.

— Estou a ler o que escrevi.

O espanto de Anacleto Pompílio Pompeu engrossou.

— A ler?! Com os dedos? Não acredito.

— Queres ter a certeza? Vou ler em voz alta. Vê se estou a ler bem.

E Tito continuou o seu trabalho soletrando na sua voz branda o que os dedos apanhavam, por vezes com uma ou outra dificuldade que acabava vencendo. Chegado a um certo ponto, deteve-se quase em sobressalto e disse «Não, não! Isto não está bem. Repara nesta frase: “os ventos cochichavam-lhe...”, que horror. Este “lhe” mata o “cochichar” do vento. Tem que ser “os ventos lhe cochichavam”, não achas?». Tito não esperou a resposta. Passou cuidadosamente o dedo pela frase e depois molhou o aparo no tinteiro e traçou o sinal que punha o «lhe» antes do cochicho dos ventos.

Anacleto ficou mudo de comoção enquanto na mente se dizia (ou dizia-se? Agora já não sei...) «deus do céu! os vincos do aparo no papel são suficientes para os seus dedos lerem...».

Quando Anacleto saiu, Tito Castelbranco, ainda no primeiro capítulo da obra encomendada, retomou a escrita, relendo com o tacto-leitor, e era como se sentisse as ideias fluírem para os dedos em modo de torrente e na verificação voltarem ao cérebro com uma nova carga de sabedoria para dar origem a novas ideias. Porém não o alegra essa seca navegação pela vida duma família deslocada onde as únicas alegrias eram o amor um tanto selvagem que guiava as relações de cada um com cada outro, o pai, o Sr. Domingos Kahondjo, sem trabalho, vagueando às vezes pelos bares com companheiros de exílio, a mãe, a Don'Augusta, sem leite para o bebé e com uma dor no peito que crescia diariamente, a menina mais velha, a Avozinha olhando o pai com olhos de leoa ferida quando este chegava bêbado que nem um cacho,

os dois rapazes, João e Chiquinho, para quem tanto faz assim como assado que vem a dar sempre na mesma fome, na mesma alegria desprovida de objecto, e o bebé minguado que sofria e chorava todo o dia sem perceber porque é que sofria.

Depois parou e pôs-se a reflectir.

Tito, levado pela sobrinha, visitava-os com frequência e levava-lhes até algumas vitualhas da sua despensa e mesmo, uma vez ou outra, leite para o bebé ou cigarros para o Sr. Domingos. A sobrinha repartia para os seus afazeres e o escritor ali ficava, ou deslocava-se pelas redondezas acompanhado do chefe da família quando este dormia em casa, ou pelo Chiquinho, um grande falador que se tornara o seu companheiro habitual e que lhe «mostrava» o bairro contando as estórias que, apesar da sua pouca idade, já tinha vivido, calejando com elas o seu corpinho infantil, vivificando o seu espírito inquieto sem contudo lhe ferir o coração e com ele um sentimento que Tito acabou explicando-lhe chamar-se esperança. Comia com eles o que tivesse trazido ou o que arranjassem no caminho, e à tardinha Anita voltava ao *acartonamento*, para apanhar o tio e levá-lo a casa. Pelo caminho Tito falava, contava o que ouvira e o que adivinhara ou imaginara quase como se cantasse, e Anita constatava quanto ele estava em ebulição confusa, entre uma grande alegria e uma quase indomável vontade de chorar.

Com o andar do tempo, Domingos Kahondjo que procurava emprego, depois de se convencer de que não podia informar as pessoas da sua qualidade anatemática de chefe de uma família de deslocados, conseguiu um trabalho de jardineiro — a única coisa que sabia fazer era as tarefas do camponês. Podia bem tentar a jardinagem, porque não? — pago a um preço

que só dava para beber um copo, mas em breve se viu despedido por irregularidade e incompetência. Por excesso de leviandade. Por ser diferente, de categoria social inferior, bom apenas para alimentar a caridade dos devotos dessa piedade cristã (e televisível).

E enquanto Domingos andava um pouco pelas Administrações à espera que lhe dessem um terreno, sementes e artefactos para fazer pelo menos uma lavra sem nenhum resultado, o bebé adoeceu gravemente. Don'Augusta bem que rezava a todos os santos e o bebé berrava seu choro cada vez mais debilmente, Chiquinho andava triste e falava menos e Tito tinha o coração partido aos pedaços. Ele próprio se meteu no caso esperando que o seu prestígio fosse boa moeda de troca. Com efeito, conseguiu um lugar para o bebé num hospital e mesmo informações bem concretas sobre o terreno solicitado por Domingos Kahondjo. Alguém lhe lembrou que talvez com uns escassos duzentos dólares conseguisse algo de positivo. Tito, que andara nesse dia sempre acompanhado pelo Chiquinho, voltou para casa cansado e recomendando que Don'Augusta levasse imediatamente o bebé ao hospital.

Depois sentou-se alguns dias seguidos à sua secretária e escreveu com toda a revolta da sua natureza ofendida, horas e horas seguidas, até que era preciso vir a Anita ou o amigo Anacleto para o obrigarem a deitar-se, dormir e aguardar a possibilidade indispensável de sair de dentro do drama e voltar a ser o escritor que conta uma estória com o seu espírito criador e independente.

Foi, pois, após uma semana, enquanto deixava na gaveta bem guardada a narração dos sete primeiros capítulos, que Tito voltou ao acartonamento de Domingos Kahondjo.

Não havia lá ninguém.

Pelos vizinhos soube que o bebé fora para o hospital e regressara dois dias depois embrulhado numa mortalha por falta de medicação e cuidados adequados. Uma certa noite, toda a família Kahondjo desapareceu do bairro e ninguém sabia para onde haviam ido. Uma senhora que sempre fora um pouco mais acolhedora para com eles disse que o Sr. Domingos tinha falado em mudar-se para uma barroca do Benfica com os seus.

Tito voltou para casa. Com espírito livre e senhor de si, deu ao papel os últimos parágrafos da estória encomendada sobre uma família de deslocados perdida em Luanda. Ele sabia exactamente onde ela estava e o que lhe acontecera. Tinha na sua frente perto de 500 páginas e nos lábios um leve sorriso. O papá Domingos, a mamã Augusta e os meninos, da única maneira que lhes fora possível, viviam ainda com um lugar ao sol. Numa barroca do Benfica, Anacleto Pompeio Pompeu apareceu-lhe oito dias depois. Sobre tudo depois de Tito terminar a última revisão com a ajuda da memória fabulosa com que a natureza o brindara e o tacto-leitor do seu dedo que ele refinara ao longo dos anos tão primorosamente.

Anacleto leu-lhe no rosto a satisfação que transbordava e sentiu-se contaminado, principalmente porque isso era uma recuperação sobre as frustrações que até então haviam vincado aquela face amiga e aquele espírito eloquente.

— Então? — perguntou.

Tito abriu a gaveta e sacou um grosso envelope fechado que apresentou ao velho companheiro e murmurou apenas: «Quinhentas e poucas páginas, Anacleto. Terminado. Estou pronto a entregar o manuscrito ao editor.»

— Os meus parabéns, Tito. Quando é que fazes essa entrega? Gostava de assistir.

— Com muito prazer, amigo.

— E já não há tempo para me mostrares pelo menos uma ou outra passagem do texto, pois não?

— Para dizer a verdade, se pudesse mostrar-te o manuscrito inteiro, valeria certamente a pena. Mas para leres umas passagens... tenho uma ideia melhor. Vou mostrar-te no próprio local o fim do romance. Vamos os dois fazer a última visita à família Kahondjo, no Benfica.

E foram...

No caminho de regresso, perante um Tito Castelbranco silencioso e triste, reservando contudo um sorriso ligado a qualquer ideia, Anacleto murmurou para si mesmo: «É inacreditável, mas verdadeiro. Foi um lugar ao sol o que eles conseguiram.»

— Exactamente — cochichou Tito apenas para si próprio. — Um lugar ao sol.

Os dois amigos prosseguiram o caminho de regresso cogitando sobre o mesmo problema em pontos de vista diferentes, ou melhor, linguagens diferentes, deixando para trás os pés de matebeira que naquela barroca vivem agora, e que se plantaram à si próprios, duma família de deslocados completamente desenraizada, na esperança de encontrar uma nova raiz, ou pelo menos viver seus últimos dias gloriosamente banhada pelo sol da tarde.

Epílogo

Nessa mesma tarde Anacleto acompanhou ao editor um Tito pensativo, carregando o seu manuscrito e os restos de um drama que chegara ao seu termo. Mas

havia outro drama: o volumoso pacote de folhas que foram entregues com um breve «Aqui está» só apresentava as primeiras vinte folhas do primeiro capítulo, a última ficara por metade, obviamente por falta de tinta. Todas as outras quinhentas folhas estavam em branco e deixaram perplexo o director da editora, assombrado o bom Anacleto, e momentaneamente vazio o autor da obra. Os três homens perceberam imediatamente a causa: alguém, talvez por não ter sido previamente advertido, ignorou, pura e simplesmente e de forma definitiva, o acto essencial de pôr tinta no tinteiro. E o escritor, ignorando o facto, foi repetindo com a maior das tranquilidades durante quinhentas páginas o ritual de molhar o aparo e escrever o romance que lhe fervilhava na mente. Nessas páginas, gloriosamente submetidas ao acto criativo e sabotadas pela tirania das pequenas coisas, ficaram apenas os vincos da escrita, isto é, quase nada. Para sempre?...

Só ele, Tito Castelbranco, tem o segredo dessa resposta assim como tem ainda, e com o mesmo amor do começo, o seu rascunho.

Amor e morte ⁽¹⁾

Numa aldeia distante e sossegada vivia uma família de camponeses, cujas lavras eram conhecidas pela sua fidelidade e dedicação aos donos. É verdade. Todos os anos, daquelas terras que um espírito bom havia fecundado um dia abrindo-as às colheitas do milho, do sorgo, das abóboras, de alguma belas mandiocueiras e até de raros mas fartos tufos de jinguba que caprichavam ali naquele terreno pouco habitual, saía mais do que uma simples colheita. Duas a três vezes por ano era uma beleza contemplar, com o sorriso da fartura os molhes de maçarocas de milho, de tubérculos de mandioca, de sorgo e fardos de jinguba que se juntavam nos respectivos silos após as

⁽¹⁾ Inspirado numa lenda recolhida pelo autor pelos anos cinquenta, muito livremente adaptado. O diálogo conserva a forma original. Não é possível desligá-lo dessa forma porquanto esse diálogo é cantado pelo narrador como solista e pelos ouvintes como coro, após um muito breve ensaio comum, antes da narração.

colheitas, e nem os animais predadores se chegavam às lavras.

Mas essa família não era totalmente feliz. Pai e mãe tinham apenas um filho como se toda a fertilidade estivesse na terra e não nas pessoas. Ora esse filho era um rapaz muito bonito, sabendo nós que a beleza não é apenas a forma do corpo ou os traços do rosto mas antes de mais as aspirações da nossa alma. Todavia, se assim se pode dizer, a lenda conta que esse bonito rapaz era corcunda e por isso se chamava Nkelipetamena.

Por ser tão rico e tão bonito, vinham muitas raparigas rondar a casa deles e solicitar o privilégio de desposar Nkelipetamena. Mas por ser este corcunda como era, causa da tristeza e até da vergonha dos pais, vivia escondido nas partes de trás da casa.

Assim, quando as raparigas chegavam em pequenos grupos e expunham a pretensão de cada uma que era afinal a mesma para todas, a mãe do rapaz chamava-o:

— Meu Nkelipetamena. Chegaram as tuas pretendentes...

— Quem são elas, minha mãe? — perguntava o rapaz...

— São as das trancinhas na cabeça, belas como a lua cheia, meu Nkelipetamena...

— E o que me trazem elas?

— Trazem atados de cereal, belos cestos entrançados, panos tecidos à mão que parecem nuvens ao pôr do Sol, cinturas de cabedal curtido a primor com adornos de metal brilhante, e muito mais riquezas que nem posso enumerar, ó meu Nkelipetamena...

Depois de um silêncio que se tornava constrangedor, respondia o jovem corcunda:

— Elas que regressem para donde vieram, minha mãe. Com elas não vem a que será minha noiva.

Tristes, amuadas ou até muito zangadas com o que lhes parecia ser arrogância, as meninas das trancinhas iam-se embora ruminando o seu fracasso. Enquanto isso o pai do rapaz trocava com a mãe meneios de cabeça igualmente tristes, mas com a tristeza de quem vê seu filho a crescer e não a casar-se para gerar família e continuar a linhagem, como fazem todos os homens.

E passado mais algum tempo chegava outro grupo de raparigas, qual delas a mais bonita, qual delas a mais carregada de presentes para o seu pretendido. E a conversa repetia-se tal como sempre acontecia, a mãe do rapaz chamando o seu filho e anunciando-lhe a visita, «Meu Nkelipetamena, chegaram as tuas pretendentes...» e terminando como habitualmente, com o pretendido a mandá-las embora, afirmando não ser nenhuma delas a noiva por quem esperava.

E assim passaram os anos. Os pais envelheciam mas Nkelipetamena permanecia bonito e corcundinha como sempre fora, nas traseiras da casa paterna, recusando todas as raparigas, de tal modo que, pela região e mesmo mais longe, por todo o sobado, enfim, não havia nos clãs aliados mais nenhuma filha de mwata suficientemente rica e nobre para se tornar digna de desposar Nkelipetamena.

Até que numa certa manhã, uma manhã cinzenta de Março, chegou apenas uma rapariga, e essa muito diferente das outras. Foi com alguma repugnância que a velha mãe chamou o seu corcunda e o informou dessa chegada:

— Meu Nkelipetamena. Chegou a tua pretendente...

— Quem é essa visitante, minha mãe, que te faz tremer a voz? — perguntou o rapaz.

— É Onkhana, a «Sarnenta», e toda ela se coça, meu Nkelipetamena!

— O que me trouxe Onkhana?

— Nada trouxe no seu alforge. Nem mesmo uma muda de roupa.

Sem nenhuma hesitação, sem qualquer demora, Nkelipetamena comunicou em voz sonante a sua decisão:

— É ela, Onkhana, a minha noiva. Ela que fique e venha ter comigo às traseiras da vossa casa, meus pais!

Onkhana, olhando sem medo à sua frente, caminhou decidida atrás da velha, logo seguida do pai do rapaz, porque algo ia acontecer.

Chegaram os três e encontraram Nkelipetamena todo vestido e preparado para uma longa viagem. «Vem, Onkhana, abriga-te nos meus braços, porque serás a minha mulher e te prometo que dentro de pouco tempo não haverá em toda esta terra nenhuma outra rapariga, por mais ilustre que seja a sua linhagem, mais bonita do que tu. Tu serás o modelo de todas as recém-casadas, e dar-me-ás filhos perfeitos.»

Mas os velhos pais do corcunda estavam perplexos e decepcionados com a escolha obviamente infeliz do seu filho, esquecendo-se da deformação de que sofria esse filho tal como Onkhana sofria da sarna. E assim acontece sempre que aquilo que parece óbvio é apenas a visão de um coração que não palpita generosamente. Por isso lançaram a terrível maldição:

— Pois então o nosso filho e a sua Onkhana devem partir desta casa e viver a sua vida até que os dois juntos encontrem «Efembi», o camaleão. Nesse momento morrerão e acaba-se a vossa estória e a nossa vergonha. Partam...

Os dois jovens, que apesar da maldição paterna caminhavam de cabeça erguida carregando os seus

haveres e entre eles o seu orgulho, partiram daquele lugar e foram andando guiados pelo instinto. Mas o instinto de ambos estava animado pelo mesmo espírito da terra que tanta fertilidade dera às lavras paternas. O espírito vinha com eles e levava-os para um lugar distante, não longe dum ribeiro onde uma água pura escorregava sobre o cascalho brilhante, cantando uma canção. Em volta daquele lugar só se via uma terra negra cuja fertilidade era tão intensa que tinha um odor próprio. O rapaz subiu o suave declive da margem e encontrando-se quase à beira dum bosque em que a verdura parecia permanente, pousou os seus embrulhos no solo e disse:

— Neste sítio vamos construir o nosso cercado e aqui eu vou curar a tua sarna, Onkhana.

Assim se fez. Trabalhando os dois juntos começaram a erguer uma casota provisória pois o tempo de lavrar a terra estava quase a chegar. A casota ficou pronta num instante e Nkelipetamena começou a tratar a maleita de Onkhana que, em breve, não tinha já no seu corpo o mínimo sinal. Todos os bichos da sarna tinham sido mortos e Onkhana mostrou o que realmente era, não apenas uma trabalhadora incansável que já cavara uma parte considerável do que viria a ser a sua lavra, como tinha o corpo e o rosto mais sedutores que alguma vez foram vistos naquelas paragens. A sua beleza era estonteante e o seu marido não tirava dela os olhos. Sacrificou imediatamente muitas das poucas riquezas que trouxera consigo e foi ao mercado comprar os mais lindos panos e adornos que lá encontrou. E era vê-la, depois, descendo da casota ao ribeiro carregada com a sanga às costas e um muringue na mão para abastecer de água o seu lar! Sim, era vê-la como gingava o tronco e as ancas e como o seu sorriso dançava com os subtis movi-

mentos do corpo, a pele avermelhada, lisa e sã, brilhando ao sol-nascente. Mas não foi só Nkelipetamena que a viu e por momentos se ficou prisioneiro de tanta beleza. Passou gente nesse momento por um caminho próximo que servia vários vizinhos e terminava no mercado, homens e mulheres que abriam os olhos de espanto e de encantamento, que a cumprimentavam com respeito carregado de admiração porque o gingar das ancas e dos seios nus de Onkhana era um movimento casto generosamente oferecido ao prazer dos olhos de toda a gente. Depois levavam por aí fora o relato do que tinham visto, que afinal era a fama da jovem espalhando-se pela terra.

Logo várias vizinhas vieram visitá-los e oferecer os seus préstimos ao jovem casal. Por isso a lavra cresceu, os silos, as novas cubatas e até um forno para a cozedura do barro moldado pelas mãos hábeis de Onkhana surgiram dentro do cercado, quanto, com a ajuda dos homens, os paus do cercado se alinhavam em torno das residências, deixando até tempo livre a Nkelipetamena para ir à caça e trazer para casa alguma carne.

Passaram mais dois anos de plena felicidade que deram lugar a duas crianças no lar do «corcunda» e da «sarnenta» — nomes que agora pareciam apenas curiosas alcunhas — e portanto tudo indicava que o caminho dessa família ali estabelecida, vivendo na maior cordialidade com a natureza e com os vizinhos, era o caminho da prosperidade. Mas mesmo com a protecção do espírito da terra que ali os levara, um espírito amigo e benfazejo, naturalmente, existe sempre o mundo invisível, onde o acaso, os espíritos vingativos e cruéis e as coincidências imprevistas se misturam, se empurram, se batem para conseguir criar os seus obstáculos, as suas vinganças e os seus em-

bustes, porque o mundo invisível permanece insondável, mesmo quando o Soba Grande da Terra capta a simpatia de algum antepassado para a sua gente.

E foi assim, nesse quadro misterioso de «prós» e «contras» que povoam mesmo os caminhos da prosperidade, que uma bela manhã em que Nkelipetamena andava pelos bosques numa das suas caçadas, vinda da ribeira com a sua sanga e o seu muringue de água, Onkhana chegou ao portal da casa, juntamente com outras mulheres dos arredores e algumas até que habitavam já a residência e deteve-se subitamente com os olhos fixos no chão ali ficando imóvel e muda durante demasiado tempo.

E as amigas, que foram depositar suas sangas e voltaram ao portal, ao verem tão estranha atitude na pessoa de Onkhana disseram:

— O que fazes tu aí parada, Onkhana? O que é que te aconteceu? Porque não vais depositar a tua sanga de água no seu lugar?

E Onkhana, de olhos postos no chão como se só existisse dentro de si mesma, respondeu:

— *Otyange mwene...* (2)

E ali ficou mais umas horas. O sol avançou no seu percurso diário. As sombras foram ficando mais curtas. Dentro de casa o bebé mais novo que estava com uma das tias chorou. Mas Onkhana não se mexeu, não disse nada, não ouviu o choro da criança. Voltaram as mulheres e perguntaram de novo:

— Mas então não entras em casa, Onkhana? Essa é a tua casa. Porque não entras?

— *Otyange mwene...* — respondia apenas a bela Onkhana, cujas lágrimas corriam pelo seu belo rosto.

(2) É um assunto meu...

As mulheres decidiram mandar chamar Nkelipetamena que não devia estar muito longe. Mandaram então um rapaz da residência para dizer ao corcunda o que se estava a passar e chamá-lo para que viesse rápido. O rapaz correu pelas matas durante algum tempo, seguindo a pista clara do jovem caçador, até que o encontrou. Afogueado lançou-lhe o apelo das tias: «Vem, meu tio Nkelipetamena! Vem depressa! Onkhana está parada à porta da tua casa desde o nascer do Sol, com a sanga de água às costas, e ninguém consegue fazê-la entrar. Vem, meu tio, porque quando as tias a mandam entrar ela só responde *Otyange mwene* como se não quisesse dizer nada a ninguém.

O coração de Nkelipetamena parou de bater no seu peito e o seu olhar interior projectou-se para longe, até à residência. Logo se virou para o rapaz, e empurrando-o e começando a correr disse: «Vamos, meu filho!»

Em pouco tempo chegaram a casa. O rapaz, um pouco assustado com aquele mistério, fugiu para a casa das tias e Nkelipetamena caminhou lentamente para a sua mulher, há muitas horas ali plantada como se fosse um pau de mutyati. Chegou-se a ela e antes de a alcançar, perguntou ainda:

— O que viste, Onkhana? O que te pôs assim?

— *Otyange mwene...* — disse ela tentando afastar o marido.

Nkelipetamena abraçou a sua adorada esposa, tirou-lhe a sanga que repousava no dorso, suspensa da cabeça, e colocou-a no solo. Depois olhou para o chão e também ele viu «Efembi», o camaleão.

— Viste o camaleão, Onkhana?

Onkhana trocou com o marido um olhar de tristeza e disse:

— Vi, meu amor. Ei-lo...

— Chegou a nossa hora, Onkhana, a nossa maldição — murmurou Nkelipetamena, aquele rapaz tão bonito que era corcundinha.

Abraçados, tombaram os dois no solo, mortos à porta da sua casa.

Dentro da residência soou com limpidez o choro de duas crianças, igual ao pranto de todos os bebês do mundo.

Era uma vez uma órfã

A vida dos homens por estas terras de Suko não é apenas um quotidiano de problemas, com pequenas e grandes contrariedades, fortes e suaves alegrias. Ela tem a sua própria linguagem, a linguagem da vida, que faz as pessoas viverem de uma certa maneira e juntarem-se com as outras exactamente dessa maneira e até de se ensimesmarem e ficarem entorpecidas, estranhamente fora de si mesmas apesar de «ensimesmadas», ou então mudas e quietas, olhares fixados no nada, ou nas irregularidades verticais da casca da grande mangueira de sua casa que parece indicarem um caminho para cima, e contudo contemplativos de forma clara e inteligível. Uma tal linguagem não é a linguagem dos Espíritos nem a de Deus, mas sim a do mundo que nos rodeia, imposta, contudo, pelo mundo invisível, embora seja um verdadeiro reflexo, um dialecto da linguagem de Suko, o nosso velho Deus, sentado no seu banco como um mwata de renome. Por isso eu, que fui ensinado pela vontade dos Espíritos que andam com o vento, não tenho qualquer dificuldade em contar a estória perigosa da menina

Tchilombo, que decorreu há muitos, muitos anos, e terminou como devia terminar para a felicidade de todos, quando a dura morte dos maus e a sobrevivência sapiente dos bons foi a linguagem do invisível que comandou esse momento da vida da pequena órfã de sua mãe.

Tchilombo é, portanto, uma órfã de sua mãe e vive com o pai, o grande caçador da aldeia, cuida dele apesar de ser tão novinha, ao passo que ele, o solitário, lá vai educando sua filha apesar de ser apenas pai.

Mas anda triste, o pai de Tchilombo. Sobretudo quando chega de uma breve caçada ao cair da tarde, guarda na cubata as suas armas, pendura no alpendre da cozinha o corpo morto do pequeno mbambi que foi o seu alvo — Tchilombo há-de encontrá-lo, é claro —, senta-se no seu banco, um tronco, diante da fogueira e enquanto a filha anda por ali, para cá e para lá, cantarolando quase alegre, o caçador, fingindo concentrar a atenção nas brasas já meio apagadas não tira o olhar triste da pequena silhueta da garota, e pensa na mãe dela, tão doce, agora tão distante.

Será ele, o caçador, um solitário do amor? Será ele que não tem a parceira de que precisa e com a qual sonha?

E então descobre que não é verdade. Se alguém ali é solitário, perdeu a sua parceira e vive com uma dolorosa carência que afinal sabe superar com extraordinária maturidade, é a pequena Tchilombo, órfã de sua mãe... Ela sim, ela sofre com a falta daquela mulher sublime que foi sua mãe e esposa de seu pai, e Suko levou para o seu reino que circula por cima das nossas cabeças, agita-se nas ramagens altas, baila com a brisa da tarde e reaparece nos nossos sonhos. E só essa mulher, como uma triste ausência, pesa no coração da menina. Mas a verdade é que também pesa no

seu triste coração de caçador solitário. Como pode a pequena Tchilombo sorrir aquelas lágrimas iguais às que ele chora? O que será dela, dentro de pouco tempo, sozinha em casa, sem mãe?

Enquanto pensa, o rio que saltita bem perto da aldeia pela colina abaixo continua o seu percurso voluptuoso, cheio de segredos, e bem traquina como o filhote dum grande senhor, indiferente aos dramas que o rodeiam e que constituem o seu mundo humano. Ele que se acautele, o riozinho da aldeia, porque assim como nós não podemos viver sem ele, o traquina é nosso filho e não saberia correr sem nós, por essas terras de Suko. É claro, pois, que o riozinho da aldeia não é um órfão como a pequena Tchilombo.

Foi assim que alguns dias passaram enquanto chegava à aldeia uma família deserdada da sorte, um velho pai, uma mãe idosa e uma filha de idade incerta. Nessa família que o povo incorporou nas suas linhagens depois de uma longa conversa com o Soma, o nosso Tata, e naquela jovem de idade intangível, de uma beleza sem par, um rosto redondo e sorridente com um apelo de entrega que está no brilho vermelho da pele, o caçador encontrou uma mulher que logo o atraiu e se juntou com ele. Pouco depois, de facto, a mulher trouxe os seus poucos haveres e instalou-se em casa do nosso caçador.

«Eu tenho finalmente uma nova esposa e Tchilombo tem uma nova mãe», pensou o homem tentando admitir que tudo ia pelo melhor.

Durante algum tempo ele caçou como de costume, mas dir-se-ia que os animais em redor do esparso povoado tinham emigrado para longe; passeou pela aldeia com a sua nova esposa como sempre tinha feito com a falecida, mas, assim parecia, as pessoas olhavam-nos com certa estranheza; comeu as refei-

ções que a esposa lhe preparou, cujo gosto, ele bem o sentiu, era o da comida cozinhada em panela nova que não tem o antecedente de muitos anos de uso; visitou alguns amigos que o olharam pelo canto do olho, como se olha o estrangeiro recém-incorporado na linhagem, que ainda não deu provas de ser, na linhagem, como ainda fora dela havia pretendido; olhou de longe a aldeia como o fazia dantes ao pôr do Sol ao regressar de uma boa caçada e não reconheceu o recorte sombrio da silhueta desenhada na púrpura da noite nascente. Por fim, ao chegar à sua bela residência apercebeu-se de que os cães não o saudaram com seus alegres latidos e mesmo Tchilombo, ajudando sua nova mãe nas lides da casa, o cumprimentou com a leveza distraída de uma nuvem passageira que não traz nem chuva nem bom tempo.

E foi então que o grande caçador, aquele que a nossa gente sempre admirou e a quem sempre agradeceu o alimento que tantas vezes trazia da mata, entregando pessoalmente a cada um os pedaços adequados pela tradição, ficando apenas com a coxa para si e para a sua pequena órfã conforme essa mesma tradição, foi então, como dizia, que se sentou no seu próprio jango tomando os últimos raios do Sol dessa tarde na esperança de que o calor fino e promotor de sonhos que vem nos raios, lhe desse o consolo e as respostas que não encontrava. Mas nessa tarde o sol ignorou o seu jango interpondo uma espessa e única nuvem escura. O caçador olhou o astro da luz e da vida que lhe tinha virado a cara, ou melhor, que tapara o seu rosto com uma mão móvel e fuliginosa não deixando passar o último calor da tarde, e ficou inquieto.

«Haka!», exclamou o homem no seu desespero. «Esta vida que eu levo não é a mesma que eu levei

enquanto cuidei sozinho da pequena Tchilombo. É como se o mundo visível e real me falasse outra linguagem e não a que me foi ensinada desde a infância, não a que vivi com a minha filha durante alguns anos, fazendo-a crescer tão bela e tão estimada dos meus parentes e dos parentes da falecida.»

E as coisas, as vozes, as cores e as visões que todos temos de dia ou de noite passavam por ele com o pesado andar dos terríveis omakissi comedores de gente (de gente, sim, mas de gente incauta) troando como ecos da montanha que desaba. «Ó meu Deus, meu Suko, meu senhor! Que não caia por aí a montanha sagrada de Tango-Tango nem as nossas rochas cinzentas do Mbombo que sombreiam esta aldeia e sobretudo a minha casa! Serei eu um incauto destinado ao ventre borbulhante dos Omakissi?»

O caçador sofria, pois, por ter admitido uma mulher de que as pessoas não gostavam. A família dela chegada à aldeia e agora incorporada nas linhagens locais levantara desconfianças e era como se tivesse estragado o sangue que corre nessas linhagens. Quanto a ele, o pai da pequena Tchilombo, era como se continuasse apenas viúvo, ou solteiro, embora acompanhado por uma mulher que lhe dava tudo o que as mulheres costumam dar aos homens quando o trato entre ambos não é apenas entre o de um homem e uma mulher mas sim entre um grupo de sangue conhecido, uma linhagem local, e outro grupo linhageiro que tenham selado o acto com os devidos ritos e pagamentos. Mas não houvera ritos e pagamentos, e nada apagara o olhar mortífero que o pai e a mãe da mulher lançavam às pessoas nem o odor pestilento que as suas pegadas deixavam na terra quando passavam diante da porta do Soma da nossa aldeia. Nada purificara a linguagem, como um zumbido de vento

infectado, daquelas pessoas recém-chegadas, limpando a poluição que vinha nas verdades distorcidas e mal contadas quando o mais-velho da família se sentava no jango com os outros anciãos e punha as suas conversas, nem quando a mãe palavreava brumosamente com as outras mulheres os seus mexericos de maldade, ou quando a própria esposa chilreava aos ouvidos do caçador os seus apelos de sedução.

E nada sucedeu de razoável e bom quando o Grande Soma em pessoa veio à casa do pai de Tchilombo para lhe dizer «Deixa essa mulher, meu filho. Ela não te merece e não é de boa cepa».

Atônito e incomodado, o homem perguntava «Como sabes, meu Pai?».

«Está nos olhos dela, rapaz, e também no balanço do seu corpo quando anda, ou ainda no desenho misterioso da sua silhueta do lado esquerdo», respondia-lhe a sabedoria do nosso chefe.

E outros velhos vieram ver o pai de Tchilombo para lhe reiterar as mesmas suspeitas e dizer «Ó nosso caçador, não te liguês nem a ela nem a essa família que veio da bruma e se fez gente à porta da nossa aldeia».

«Como o sabeis? Como estais tão certos de tamanha enormidade, ó meus Pais?», interrogava o homem já fora de si, como se os seus pulmões tivessem perdido todo o ar e o coração fizesse o seu canto de morte. Era tão grande, tão sublime, o amor que sentia pela nova esposa! Embora não fosse tão sereno como aquele que sentira pela sua falecida.

Mas os velhos respondiam com a mesma serenidade triste com que contemplavam o céu em busca dum sinal de chuva nunca mais avistado: «Está na insubstância do ser que anima cada um deles. Olha de olhos abertos, ó nosso filho, nosso caçador. Mais sangue e

mais matéria vive no corpinho tenro do mais pequeno dos mbambis que algum dia já caçaste, do que nos daquela família.»

Tanto ia crescendo nele este novo amor como se lhe dissolvendo nas ideias a sabedoria antiga e a clareza das evidências, que o homem não quis ouvir ninguém. Animado por uma determinação que parecia chegar-lhe do interior do mundo donde saem muitas verdades como outras tantas mentiras, plantas comestíveis como plantas venenosas, animaizinhos que limpam a terra como outros que a enchem de peçonha, os pulmões do caçador encheram-se de ar e o seu coração bateu regularmente. Então o homem preparou tudo o que era seu e dos seus, chamou a mulher e a filha e disse-lhes:

— Minha mulher, minha filha, vamos para outro lugar porque aqui não somos mais queridos e a sombra da mãe de Tchilombo paira ainda pela baixa atmosfera apesar de tanto tempo ter decorrido sobre o seu passamento. Vamos para longe, para onde não se oiçam as vozes da aldeia.

A mulher nada disse mas toda ela era satisfação. Tchilombo não disse nada mas toda ela era inquietação, e o pai da menina foi bater palmas à entrada do cercado do Soma, o qual mandou a seus homens fossem buscar a visita. Uma vez diante do Soma e depois de todas as saudações que as pessoas devem ao pai da sua aldeia, o caçador disse:

— Tata, vou partir para longe, para onde não se oiçam as vozes desta nossa aldeia e levo comigo a minha família. Não sei se me vem no agitar das copas das nossas velhas árvores ou nas lufadas mais fortes do vento que varre o pó desta terra, mas diz-me o meu ânimo que vá procurar a nascente do riozinho porque ali se encontra uma nova maneira de contar

e fazer a vida. A aldeia não ficará sem caçador, Tata, pois o rapaz filho do Mwene Ndaka ⁽¹⁾ que muitas vezes me acompanhou tem pés, mãos e olhos mais ágeis que todos os animais da mata.

E o pai da pequena Tchilombo saudou de novo o Soma e retirou-se para, enfim, se juntar aos seus e abalar dali para um destino incerto.

Só que fugir dum problema partindo para longe não é o mesmo que libertar-se dele. Às vezes é apenas fugir da vertente por onde se sobe ao cume com grande esforço, e lançar-se pela vertente por onde se desce aos trambolhões para chegar ao seu destino fatal, desfeito em pedaços.

Não importa. Quando uma decisão foi tomada é preciso levá-la a sério ou a frustração vem na nossa pegada, e o pai da pequena Tchilombo, com ela pela mão, e acompanhado da mulher da sua escolha, seguiu por isso sem mais hesitações rio acima à busca de uma nova linguagem que falasse da vida, a qual, dizem, brota das nascentes.

Andaram muitos dias. Comiam do que levavam, trocavam olhares de significados obscuros mas não pronunciavam palavras, pois as palavras podiam trazer a doença que haviam querido deixar na aldeia. O olhar da mulher era doce e terno quando se pousava nos largos ombros do caçador ou no seu rosto onde nasciam rugas inexplicáveis; era selvático e senhoril quando banhava a paisagem em redor, duma mirada circular; era miseravelmente faminto e cauteloso como o dum predador, quando afagava a pele brilhante e fresca da pequena Tchilombo.

(1) Mwene Ndaka: título de Corte que significa «O Senhor da Palavra», ou seja, «porta-voz» do rei.

E assim chegaram às nascentes donde dizem que brota um discurso de amor, de clareza, de evidências e não de palavras nem de olhares carregados do bafo dos espíritos. Beberam a sua água, banharam-se na sua frescura, e não encontraram nem evidências desconhecidas, nem a clareza que procuravam, nem outro amor que não fosse o que já entre eles se instalara. Mas sentiram-se repousados e tomaram isso por um remédio.

— Vamos nos instalar naquela pequena plataforma debruçada sobre o rio, estão a vê-la? — falou o caçador.

— Aquela que tem ao lado uma pedra alta atirando a sua sombra para cima dela, e à qual eu não conseguiria trepar? — perguntou a mulher, acrescentando depois: — Não gosto dela, marido. É agoirenta como as noites escuras em época de lua cheia.

— Eu não a acho agoirenta, meu pai, e posso trepar ao cimo da pedra com a facilidade de uma pequena lagartixa. Isso me divertirá.

O caçador parecia não as ouvir pois o que elas tinham dito se contradizia sem remédio. Deu por isso as suas instruções, como guia e construtor duma nova família:

— Mas há-de ser aqui que levantaremos as nossas casas. A tua casa, minha querida esposa, a tua cubatinha, minha pequena Tchilombo, uma bela cozinha, silos para o cereal porque faremos a nossa lavra no grande espaço que nos sobra na plataforma da Pedra Alta. Aqui nascerá hoje uma nova epata, que é a nossa residência. Aqui viveremos e receberemos visitas, porque eu vou caçar, vou procurar as aldeias vizinhas e distribuir partes da carne que apanhar. Um dia virá um belo rapaz duma linhagem sã e nobre e esse será o noivo da minha filha quando a idade lhes permitir tal ligação.

E assim aconteceu no princípio, quando as cubatas da epata do caçador se erguiam apenas do solo limpo e vermelho, meio acabadas, meio por acabar, sem saberem que a parte por acabar era como se comesse a parte acabada.

Não se apercebendo desse dilema que está entre «comer» e «ser comido», que é um mistério que reina sobre o nosso mundo mas sob o mando e o comando do mundo invisível, da mesma maneira tão inevitável quanto o foi sempre o princípio de que tudo o que tem começo acaba, o caçador entrou muitos dias depois no dia que Deus e os espíritos escolheram para iluminar todas as evidências escondidas atrás de suas máscaras de um ritual cansado, por uma esplêndida manhã quente, luminosa e sábia, e disse:

— Mulher, eu vou à caça visto que a nossa obra está avançada e que vocês duas amanharam já uma parte da lavra. Então, toma bem conta da Tchilombo na minha ausência que vai durar até ao entardecer. Que nada lhe falte! Que o dia seja um começo propício à fartura e ao bem-estar.

— Vai tranquilo, marido. Tomarei conta da menina com muita atenção.

E o homem partiu para a caça sozinho, desta vez — não seria a primeira, claro — por não ter ainda encontrado companheiros de caça. A mulher e a filha ficaram na residência executando as tarefas costumeiras daquela fase do trabalho. Poucas horas depois, a mulher chamou a pequena órfã, enquanto se sentava num tronco abatido, não longe da Pedra Alta onde o homem tencionava architectar o seu jango de forma um pouco especial e nova. Encolhida pelo receio que continuava a ter da sua madrasta, Tchilombo obedeceu à ordem dela e veio sentar-se ao seu lado. A mulher disse-lhe então com uma voz tão estranha

que a menina sentiu o coração aos saltos dentro do peito:

— Tchilombo, por favor me cata os piolhos da cabeça que são muito grandes e quase me comem toda — e assim dizendo baixou a cabeça ao passo que das suas entranhas que exalavam um cheiro pestilento ou do tórax que inchara inexplicavelmente saía agora um zumbido como um queixume raivoso. Tchilombo começou procurando os piolhos da cabeça entrançada da sua madrasta mas ela disse com aquela mesma voz que nada se parecia com a da esposa do caçador:

— Assim não, rapariga! São tantos que não acabarás nunca. Pega aquela pedra que ali está no chão e vai batendo com ela sobre as minhas tranças e o meu cabelo de forma a esmagar esses comilões às dezenas de cada vez. Vamos! Rápido ou eu... Ai! Ai! Ai!... Meus antepassados de garras afiadas ajudai-me! — lamentava-se a madrasta sofrendo do banquete que os piolhos lhe faziam no cocuruto. Tchilombo, a quem aqueles zumbidos assustavam e por isso se não condoía da madrasta, foi muito cautelosamente que empunhou a dita pedra e deu a primeira pancadinha na cabeça dela e...

... no mesmo instante a mulher sacudiu-se toda, roncou como uma fera carnívora, gritou de raiva e de fome, enquanto a pequena Tchilombo já preparada para tudo saltava dali e trepava ao cimo da Pedra Alta onde se aninhou tremendo. A mulher correu-lhe na peugada mas já não era a mulher do seu pai, nem mesmo uma outra mulher qualquer. Era sim um fabuloso nkissi-nkissi com corpo de leoa furiosa de garras esticadas, peito e cabeça de mulher desfigurada contudo pela magia a que se submetia, atirando-se para a frente e procurando atingir o cimo da Pedra Alta para apanhar a pobre menina.

Foi então que Tchilombo, órfã de sua mãe, longe da protecção do pai que não sabia por onde andava mas de que tinha a certeza ouvir as passadas pela mata fora, serenou seus medos e pôs-se a chamá-lo:

*Meu pai! Ó meu pai!
Que foste para longe
Para muito longe
À caça dos mbambis!*

*Eu sou Tchilombo
de minha mãe!
Meu pai! Ó meu pai!
desposaste uma leoa
Que se diz mulher!*

E de facto muito longe, mas não assim tanto, o caçador, pai de Tchilombo, sentiu mais do que ouviu a voz da sua filha trazida pelos ventos bons que sopram ao fim da tarde e o seu espírito sofreu uma pancada, tal era o tom de aflição desse juvenil apelo. Então deteve-se justamente no acto de disparar o seu canhangulo todo ornado de troféus, sobre um belo nunce que o aguardava para isso. Ouviu com toda a atenção o apelo de Tchilombo pela segunda, pela terceira vez, e arrancou do mais profundo da sua alma o grito do desespero que ecoou pela mata fora:

— ETCHÔÔÔ!...

O caçador lançou-se numa desarvorada corrida para casa em socorro da filha.

Entretanto na epata a mulher-leoa prosseguia seus ataques à Pedra Alta onde Tchilombo permanecia refugiada. Por fim, já cansada do insucesso, a bruxa, arquejando, deitou-se ao pé do tronco onde estivera sentada com a menina, olhou para ela uma última

vez, e enquanto seu corpo se transformava novamente na encantadora e misteriosa mulher do caçador, ela adormecia como se nada tivesse ali ocorrido.

O homem chegou a casa passado um breve momento, breve de mais para quem vem de longe mas não para quem a angústia pôs asas nos pés. E nesse estado esbaforido chegou, encontrando a sua epata na maior das tranquilidades, a mulher dormindo e Tchilombo mexendo a panela de pirão de milho pouxada sobre as três pedras da fogueira no seu equilíbrio tradicional.

Nada daquele espectáculo de serenidade podia agora enganar o caçador que bebera nas nascentes do ribeiro da aldeia a água das evidências e da clarificação das coisas brumosas. Oh, sim! Tudo o que via era a máscara duma verdade terrível e evidente contida por uma magia maligna.

Avançou para as suas criaturas e perguntou olhando sua filha que baixara o rosto para o fogo:

— O que foi, Tchilombo? O que se passou aqui?

Nesse mesmo instante a mulher acordou do seu sono e levantou-se bruscamente esfregando os olhos e murmurando:

— Ai meu deus, cochilei um pouco e quase me apagava como uma brasa não espevitada... — e vendo como Tchilombo enchia o seu rosto de medo e ficava calada sem ser capaz de responder ao pai, acrescentou: — Nada aconteceu, marido, tua filha estava com fome. Dei-lhe um pouco de funji que ainda tínhamos e por isso estamos um tanto atrasadas, preparando mais comida para ti.

Os olhos do homem fixaram-se nos olhos da mulher com toda a sua força interior e até clamando secretamente a ajuda dos antepassados, mas só viram uma paliçada para além da qual tudo o que houvesse

fica invisível. Assim ficaram bastante tempo, a mulher enfrentando o olhar fortíssimo do marido e ele enfrentando inutilmente uma paliçada. E como a nada conduz uma tão opaca troca de olhares, o homem depôs a sua arma, sentou-se e resignou-se a esperar pela ceia. Depois ficou em silêncio, pensando consigo mesmo, «Como hei-de eu descobrir a verdade se até a força das águas da nascente é detida por uma magia desconhecida que por aqui anda? Mas eu não posso acreditar no que me fizeram ouvir e me fizeram ver. Algo se passou de muito perigoso e isso me foi mostrado como a sombra da verdade mascarada que não é a sombra da máscara».

O homem deixou passar vários dias, ocupando-se em fazer certos aperfeiçoamentos espalhados pelo local da sua residência na plataforma da Pedra Alta. Quando saía para mais longe, para visitar uma família vizinha, por exemplo levava consigo Tchilombo até ver que o seu arzinho arrepanhado e amedrontado lhe desaparecia do rosto e da atitude; ou saía com a mulher mandando-a seguir à sua frente até descobrir que a silhueta do lado esquerdo naquele corpo bamboleante e belamente assimétrico era ligeiramente mais avermelhada que a do lado direito.

Soube então que as suas dúvidas eram mesmo inspiradas nas evidências que afinal estavam expostas para quem fosse capaz de vê-las.

Chegado a esse ponto o homem, numa certa tarde, disse para a mulher de forma a que Tchilombo também ouvisse:

— Prepara a minha merenda e o meu equipamento, mulher, porque amanhã eu vou partir para a caça e ficarei na mata pelos menos três dias e três noites. Quero que tomes conta da casa e da minha filha de maneira a que não haja sobressaltos como da outra

vez — e o caçador teve tempo de ver um breve e involuntário movimento dos dedos das mãos da esposa que se encarquilhavam por um instante apenas, dando às mãos o aspecto de uma pata de grande carnívoro, ao passo que Tchilombo deitava um rápido olhar para a Pedra Alta.

Na madrugada seguinte o homem recebeu a sua carga e despediu-se da sua gente, encaminhando-se para a mata e desaparecendo por entre a folhagem do baixo arvoredado e dos espinhos que se fecharam atrás dele como uma esteira que se desenrola em casa criando um lugar mais discreto. Aí se deteve e ficou à escuta reparando como a manhã estava pura e a transparência dos obstáculos que escondem as coisas não conseguia esconder os sons. Sentou-se, encostou-se a uma árvore, e ali ficou até à noite, mas assim que o Sol começou a esconder-se pressentiu um perigo e ergueu-se de imediato de arma na mão a tempo de ouvir a madrastra chamando a enteada e dizendo-lhe «Tchilombo, minha filha, vem catar os meus piolhos...». Correu para o atalho que encontrara uma vez e que o conduzia novamente a casa para uma excelente posição donde podia ver tudo e ouvir tudo tal como se tivesse bebido da água da clareza na nascente do riozinho finalmente liberta da magia que a aprisionara. E aí, com a arma apontada, viu tudo e ouviu tudo, como esperava. Viu Tchilombo saltar para o cimo da Pedra Alta perseguida de muito perto por uma mulher-leoa rosando e cuspiendo a sua raiva e a sua fome ficando a atirar-se obtusamente à Pedra Alta para apanhar a pequena Tchilombo sem conseguir chegar à sua altura; e ouviu o canto da sua filha chamando o pai que ela pensava andar já um tanto longe pela mata fora.

Apesar de a arma do caçador tremer pela emoção que lhe chegava até à ponta dos dedos e à ponta dos

cabelos, o tiro partiu certo e barulhento, atingindo a bruxa a meio de um dos seus disparatados saltos. A mulher-leoa caiu no solo limpo da plataforma conservando aquele misto de humanidade e magia: corpo e patas de leoa, peito e cabeça da mulher que fora a sua esposa apesar de desfigurada pela magia. Mas estava morta.

E agora tudo era clareza, evidência e amor na epata do caçador, sobretudo no abraço de ternura com que Tchilombo e o seu pai se embrulhavam um no outro pondo os dois corações a bater lado a lado.

O caçador e a filha arrumaram as suas coisas, que eram poucas e simples, embrulharam o cadáver da bruxa em velhos panos e capim fresco, tudo isso amarrado como um insólito pacote, deitaram fogo às cubatas que já estavam a ser habitadas por eles e partiram daquele lugar de magia e morte onde a vida triunfara apesar de todos os obstáculos.

— Para onde vamos, meu pai? — perguntava Tchilombo contemplando as chamas que iluminavam a sua alegria.

— Voltamos para a nossa aldeia, filha. É lá que vive a nossa gente. É lá também que vivem os pais malditos dessa bruxa que para lá foram com intenções criminosas. Temos que reencontrar a nossa gente, e viver a vida que ali floresce, assim como castigar a bruxaria dos familiares dela.

E regressaram à sua aldeia onde foram recebidos com uma grande festa. Entretanto o Soma mandou enterrar vivos, com a cabeça de fora, os pais da bruxa que enfeitiçara o caçador da aldeia.

E tudo isto é verdade porque me foi contado muitos, muitos anos mais tarde, nas nascentes donde brota a água do amor, da clareza e das evidências e vai por fim banhar a nossa aldeia.

O segredo de Tchimbaya

O seu nome soava sempre bem aos ouvidos de muitos povos porque ele era um grande caçador. Mas soava com o som magnífico da mpwita por todo o território do seu próprio povo. Todavia a gente do seu povo perguntava-se sempre que se murmurava o nome dele: «Tchimbaya... por onde andará o nosso Tchimbaya com o seu cão Ngongopa que ninguém os vê?» Era um povo onde a curiosidade não tinha dono mas era muito capaz de levantar segredos de fazer medo, segredos que tinham seus próprios donos, e que às vezes dormitavam lá bem no fundo do moyo desses donos à sombra do mundo privado de cada um deles. «Tchimbaya... por onde anda esse rapaz, com o seu cão Ngongopa, que só vêm às aldeias para trazer a carne das suas caçadas e para a distribuir segundo a mais rigorosa tradição?» e Tchimbaya, belamente acompanhado do seu cão, apesar da densidade do ar, dos aromas confusos, das brisas encorpadas que lhe chegavam vindas das aldeias com suas indiscretas interrogações e dos cantos descompassados da natureza seguia uma pista, algures mata fora na peugada da jovem impala.

E uma vez mais o caçador regressou pela madrugada à sua aldeia com o antílope sobre os ombros. Todas as famílias receberam seu naco de carne nessa gloriosa manhã de sol. Todos os velhos sorriram e no seu íntimo louvaram Tchimbaya e desejaram que tornasse a partir para outra caçada. As crianças engordaram mais um pouco. As mães produziram mais leite, as meninas gozaram os molhos bem nutridos do almoço e os rapazinhos ainda impúberes foram mais certos nas suas brincadeiras com o pequeno arco de flechas com que elas se treinam.

O Sol ia já alto quando Tchimbaya se sentou no tronco estendido na sombra da sua casa, bem perto do lugar onde a cunhada, cega de um olho, pilava pacientemente o milho com uma ligeira canção apenas pensada e batida pelo ritmo do pilão, e reparou como o galo da casa, seguido em fila pelas galinhas do seu serralho, passava por ela do lado do olho cego e debicava atrevida e impunemente os grãos de milho amontoados no balaio, sem que a cunhada desse pela coisa. O jovem caçador, seu cão Ngongopa dormitando aos pés, achou que aquilo tinha graça. Saberia o galo que a cunhada era cega exactamente do olho que lhe fazia frente?

Poucas horas depois Tchimbaya despediu-se da família que já desempenhava as diferentes tarefas da casa, pegou nas suas armas de caça, chamou Ngongopa que se levantou prontamente, e afirmando que ia passar alguns dias na mata foi-se dali com aquele passo elegante e seguro de quem conhece tanto o caminho de pé posto por onde passam os caçadores e os mercadores, como o caminho da boa sorte por onde andam aqueles que têm sucesso.

Alguns dias e algumas noites depois, sua atenção desconcentrada porque seguia apenas um caminho e

nada haveria que lhe despertasse mais interesse que a fresca verdura da folhagem tangando na cabeça das árvores; o sol brincando por entre folhas e raminhos tenros, a lua poisando adormecida e sonhando para ele, os cantos dos pássaros murmurando suaves trindades através do silêncio, Tchimbaya, o caçador, pegou no arco e nas flechas, chamou Ngongopa, e pôs-se em marcha com o seu moyo renovado e a vontade de viver mais forte que nunca.

Assim andou por algum tempo ao encontro do seu destino. E o destino apareceu-lhe sob forma de uma muito bela cabra do mato. Logo o caçador vibrou dentro dele e os nervos esticaram e contraíram seus músculos conforme o pedia a pose do lançamento da flecha. Tchimbaya desculpou-se perante o breve animal como faz um verdadeiro caçador e deixou a flecha partir com aquela rapidez que faz a flecha passar ao mundo das coisas invisíveis com uma mensagem de morte.

Mas a cabra do mato não morreu. Deu o seu grito de angústia olhando a flecha que a atravessara e seguia o seu caminho. Um tanto trôpego, o pequeno animal correu atrás da flecha, atrás da cabra lançou-se o rápido Ngongopa e Tchimbaya o caçador levou algum tempo a aperceber-se do que se estava a passar. Depois apercebeu-se, quando já não eram visíveis a flecha, a cabra e o cão. Apenas os rastros olfactivos que o caçador sentiu podiam debilmente orientá-lo.

E Tchimbaya seguiu o rasto confuso que lhe chegava às narinas frementes e atentas.

Seguiu o rasto durante todo o resto do dia. Caída a noite e fatigado como estava, encontrando uma acolhedora mulemba dos bosques, procurou o canto mais confortável, deitou-se e dormiu.

Na manhã seguinte, o caçador despertou com o primeiro raio de Sol. Ergueu-se sem hesitar, farejou o ar em todas as direcções, verificando que o rasto olfactivo havia desaparecido.

«Perdi Ngongopa, a cabra e a flecha...», disse consigo mesmo. «Não! Continuarei a procurá-los. A Mãe Natureza não engana os caçadores experimentados. Vou por ali.»

E seguiu a direcção que a sua mão lhe indicava passo a passo sobre aquele caminho cego, com a certeza de encontrar o seu destino.

Ao fim da terceira tarde de marcha, fadiga e quase desesperança, Tchimbaya deu com uma pobre velha sentada à sombra duma enorme árvore. Chegou-se a ela com a ideia de lhe perguntar o que queria saber, mas antes que falasse, a velha disse:

— Estou muito mal, Tchimbaya, meu filho. Estou coberta de bitacayas que comeram já quase metade do que foi o meu corpo. Pelos antepassados, cura-me!

O caçador compadeceu-se daquele sofrimento, esquecendo por instantes aquilo que perdera e que procurava sem sucesso. Acendeu uma fogueira, e pôs a catana a aquecer nas brasas. E enquanto esperava sentou-se ao lado da velha e fez-lhe um carinho.

— Ficarás boa daqui a umas horas, Mãe. Não te deixes abalar dessa maneira.

— Leio nos teus olhos, meu filho, que o abalo que te perturbou também está a diluir-se no tempo que já passou.

— Se assim é, a ti o devo, Mãe.

Passaram várias horas em amena conversa na qual ninguém falou dos seus males mas sim das coisas boas da sua vida. E a vida da mulher, tão velha era ela, encheu os ouvidos do caçador duma nova sabedoria.

Ao fim dessas horas, a catana ficara vermelha de fogo, pronta a operar. Tchimbaya foi buscá-la e voltou dizendo docemente:

— Estou pronto, Mãe, mas aviso que isto vai te doer.

— Sentirei apenas o prazer da cura, filho. Podes começar.

E o rapaz foi passando os braços e as pernas da velha sob a carícia tremenda da catana em brasa, destruindo sem falhas todas as ninhadas de bitacayas que ali se haviam alojado e daquela carne se alimentavam. Na madrugada seguinte, o sorriso que a velha tinha nos lábios secos estimulava o nascer de um sol sorridente.

— Curaste-me das bitacayas, Tchimbaya. Que Suko te seja propício. Agora é a minha vez de te presentear. Toma.

E a velha deu ao caçador duas das suas criaturas. Uma aranha e uma mosca, acrescentando:

— Toma estes dois companheiros, rapaz, e sabe que um deles é a mentira e o outro é o contrário da mentira, a que às vezes chamamos verdade. Segue sempre o que mais te agradar. Vai para a minha grande mulemba que é oca e velha como eu, desce pelas paredes até ao mundo invisível dos Omakissi, os monstros comedores de gente. Faz a tua aventura e se escapares tanto melhor. Mas lembra-te, já não és o mesmo Tchimbaya que aqui chegou com uma obsessão, dias atrás. Agora falas e compreendes a língua de todos os animais, talvez de todos os animais menos um... segredo esse que não podes contar a ninguém.

— Quem é esse um cuja língua não compreenderei, e porque é que não saberei compreendê-lo?

— Encontrá-lo-ás, meu filho, e por vezes não o compreenderás assim como ele não compreende o falar da mosca e da aranha. Agora vai.

E Tchimbaya foi. Entrou na árvore da velha e desceu pelas paredes de madeira podre, húmida, coberta de pequenos animais. Ele ouviu então vozes que diziam palavras, por vezes absurdas, palavras trocadas entre esses pequenos animais, e soube que era verdade. Agora conhecia a língua dos animais. Como se fosse ele próprio um dos mil habitantes do tronco, lá foi descendo até que chegou a um chão plano e verdejante, que compensava a triste escuridão do caminho. Sentou-se um pouco a descansar e ouviu as terríveis palavras dos monstros a que sempre chamamos Omakissi e que, felizmente para nós, a maior parte nunca os viu, e poucos já os ouviram. E essas palavras esfaimadas diziam: «O lindo rapaz está lá, sentado numa raiz da grande árvore. Que alguém acenda a fogueira e prepare o pirão dos belos convidados. Nós, os outros, vamos buscar o convidado.»

Tchimbaya ouviu as línguas deles saltitando untuosas nas enormes bocas e esperou.

Os Omakissi vieram e levaram o jovem para a mesa do banquete onde fumegavam já cem pratos de pirão quentinho — é verdade! O tempo naquele submundo não tem a cadência costumada e em geral lenta. Não. Ele decorre à velocidade que lhe mandam os espíritos antigos, tanto os bons como os maus, tal os Omakissi. Por isso o jantar estava pronto quando os monstros chegaram levando o caçador com eles.

Assim nenhuma daquelas criaturas se sentou diante do seu prato e o mais velho deles, indicando o acepipe, disse para o rapaz:

— Escolhe o teu prato. Todos menos um têm veneno de mbuta, a cobra-de-minuto. Assim que escolheres o prato errado morres e vais direitinho para o panelão que está no fogo à tua espera e depois para

os nossos esfomeados ventres pois é da tua carne que nós gostamos. Vai.

Tchimbaya olhou todos os pratos de pirão que fumegavam apetitosamente. Todos menos um. Esse parecia velho, seco e frio, feito da casca do grão de milho e não da sua farinha, e ficou hesitante. Esse prato não o tentava embora a sua fome até pudesse ser tentada por um pedaço de argila. Então lembrou-se dos seus companheiros, a aranha e a mosca, soltou-os e disse-lhes em segredo: «Ide e escolhei o meu prato.» A aranha e a mosca foram pois visitar e cheirar todos os pratos. De cada um, onde a mosca pousava, o pequeno animal exclamava: «Oh! Suku Yange! Que beleza, que perfume.» Até que chegou ao prato do pirão velho, fez uma careta, esvoaçou desnorteada e depois informou: «Tchimbaya. Era mentira dos Omakissi. Todos os pratos são bons menos este malcheiroso. Podes comer todos os outros.» Mas a aranha prosseguia a sua viagem pelos belos manjares e em cada prato abanava a sua misteriosa cabeça felpuda, dizia, «Este nunca. Tem veneno de mbuta» e passava para o seguinte, até que chegou ao prato malcheiroso, aspirou, e disse: «Aqui está a boa refeição, Tchimbaya. É o único que podes comer.»

O jovem caçador deu em murmúrio mil graças à Velha das bitacayas e à sua aranha e sentou-se em frente do prato de pirão velho que, apesar do cheiro e do gosto bafiento, começou calmamente a comer.

Decepcionados, os Omakissi disseram «oh...» e comeram, sem lhes tomar o gosto, os outros pratos de pirão fervente e cheiroso.

Terminado o banquete, o mais velho dos comedores de homem disse para o rapaz na sua língua antiga que o caçador percebeu sem dificuldade: «Almoçaste mal mas começaste bem. Ora nós sabemos

que andas por aí à procura do teu cão Ngongopa, da tua cabrinha do mato e da tua flecha. Pois nós vamos te devolver essas criaturas. Vem connosco.» Levantaram-se da esteira do almoço e seguiram por um caminho com o rapaz entre eles, até que chegaram a uma vasta mulola coberta de morros de salalé. Havia-os de todos os feitios, cores e tamanhos e o maior era o mais vermelho, o que mais parecia a própria forma do mundo astral e o mais bonito, tão bonito que prendeu os olhos do caçador suscitando na sua cabeça o pensamento precipitado de que ali estaria guardado o tesouro que procurava. Assim foi e de tal maneira que a mosca disse para Tchimbaya, «é ali, moço, naquele grande morro, que tudo está escondido. Só pode ser!» e ao mesmo tempo os monstros ordenavam-lhe, esfregando aquela espécie de mãos que eles têm, «Vai, jovem caçador. As tuas coisas estão aí num desses morros de salalé, talvez no maior, talvez no mais pequeno. Procura e quando achares que encontraste, deita-o abaixo a pontapé. Se acertares, continuarás vivo. Se te enganares vais direitinho para o panelão que te chama da fogueira no nosso acampamento, e serás o nosso repasto para mais logo, pois a tua carne, mesmo crua, tem o odor maravilhoso de um acepipe». «Vai então!», repetiu a mosca impaciente. «É mesmo no maior e mais bonito. A uma pessoa bonita só lhe cabem as coisas bonitas. Vai!»

Tchimbaya ponderou e fê-lo bem feito. Depois disse para a aranha:

— Vai tu, amiguinha, e procura o verdadeiro esconderijo das minhas coisas. A mosca não procurou, apenas deu o seu palpite.

— Assim farei, meu irmão, e será para já.

E a aranha, que também era caçadora, activou o seu faro e correu por todos os morros de salalé, en-

trou dentro deles, andou por lá, perguntou às formigas, e até ao último que visitou, saiu de lá na mesma cadência, dizendo sempre, «Aqui não estão». Mas ao sair do último, que não era o maior nem o mais pequeno, nem o mais bonito nem o mais feio, nem o mais bem formado nem o mais disforme, voltou para Tchimbaya e disse-lhe ao ouvido: «Estão naquele que é igual a todos os outros e diferente deles todos.»

Entretanto os monstros impacientavam-se e perguntavam: «Então, rapaz, procuras ou não procuras?», ao que ele respondeu:

— Já encontrei, ó Mais-Velhos. Vamos lá ver.

Os Omakissi foram com ele que estava já a deitar o morro abaixo a pontapé. E subitamente Ngongopa saiu das ruínas poeirentas, com a cabra do mato e a flecha que entregou ao dono.

Novamente frustrados os monstros disseram «oh...», mas desta vez, depois de conferenciarem entre eles para concluírem em voz baixa que o rapaz era esperto de mais para eles e por isso não lhe poriam mais enigmas e comê-lo-iam muito simplesmente, depois de bem fervido no panelão, acrescentaram: «Muito bem. Tens direito à vida mas vai para junto da árvore velha e espera lá por nós enquanto preparamos o nosso inocente jantar.»

Tchimbaya assim fez. Pôs a flecha na aljava, a cabriinha do mato ao ombro, chamou o seu cão e disse-lhe:

— Vamos para casa, amigo.

— E como é que o fazemos se estamos prisioneiros neste submundo, meu dono?

Sentaram-se dentro da árvore oca e o caçador disse para a aranha:

— Amiguinha, faz o teu trabalho.

No mesmo instante a aranha saltou sobre a mosca e comeu-a. Em seguida transformou-se numa jovem

trepadeira que se agarrou às paredes da árvore e ordenou ao rapaz e ao cão: «Subam para cima de mim.» Eles obedeceram prontamente e a jovem trepadeira começou a crescer com uma rapidez invulgar. Em poucos momentos tinham saído do submundo dos Omakissi e estavam sentados numa das raízes da árvore com a velha das bitacayas a contemplá-los. O rapaz entregou-lhe a aranha e a mosca com um bater de palmas muito cortês, e que já tinham voltado à sua forma inicial, levantou-se e foi-se embora de regresso a casa, onde chegou alguns dias depois, sem mais problemas.

E os tempos passaram à velocidade dos homens, o rapaz sempre silencioso, ouvindo as conversas dos gafanhotos, das galinhas e dos porcos e trocando com Ngongopa secretos e engraçados comentários. Foi assim que um dia, um infeliz dia, Tchimbaya e Ngongopa passaram por uma mulher que, com o filhote amarrado às costas, fazia para ele um terrível vai-e-vem que o punha a choramingar, escavando a terra da sua lavra. Ngongopa não resistiu e ladrou três vezes pondo Tchimbaya a rir perdidamente.

— Porque é que te ris de mim dessa maneira desabrida, meu irmão? — perguntou-lhe a mulher.

— Desculpa, minha irmã, mas é um riso inocente. Foram os latidos do meu cão que me fizeram rir.

— Porque é que os latidos do teu cão te fizeram rir, irmão, enquanto eu trabalho?

— Porque foi como se ele tivesse dito «ó minha irmã não embales tanto as costas, ou o teu filhote se transforma em manteiga!».

A mulher ficou zangada e achou o cão de Tchimbaya demasiado descortês e disse que ia queixar ao Soma tal desaforo. E assim fez.

O Soma ouviu-a, teve muita vontade de rir mas conteve-se e mandou chamar Tchimbaya para ralar

com ele, para lhe dizer que não devia ser descortês com as pessoas e devia pedir desculpa, pois era claro que a explicação que dera à mulher vinha da sua cabeça e não do latido do cão, coisa que nunca se viu.

Tchimbaya concordou para não dizer a verdade interdita, pediu desculpa e deu à mulher um presente para a compensar. E tudo se resolveu.

Mas na manhã seguinte, em casa do seu irmão e da sua cunhada cega de um olho onde morava, estava ele sentado perto da cunhada a vê-la pillar o milho paciente e ritmicamente. À frente dela o almofariz, nas suas mãos o pilão, à sua direita — o lado do olho cego — a quinda com os grãos de milho, do outro lado a quinda onde ela despejava a farinha que o pilão ia produzindo. E pelo quintal, debicando aqui e ali, passeavam as galinhas, os pintos e o orgulhoso galo da casa.

Até que o galo disse para as suas esposas:

— Ó minhas senhoras, vamos passar do outro lado da mulher onde está a quinda do milho.

— E porquê desse lado, Senhor nosso marido?

— Porque desse lado, queridas «garinas», é também o lado do olho cego que não vê nada se lhe roubarmos uns grãos da quinda. Aí está.

E enquanto o galo dirigia as suas companheiras para o cumprimento do ousado plano, Tchimbaya, que tudo ouvira, rebolava-se pelo chão perdido de riso!

Oh! Escândalo! A cunhada ergueu-se subitamente, perturbada pela fúria, e gritou para ele tapando o rosto:

— Porque te ris dessa maneira arrogante e trocista, meu cunhado? Por acaso viste as minhas nádegas enquanto eu pilava o milho?

Tchimbaya recompôs-se, sacudiu-se e respondeu cortesmente:

— Não, minha cunhada! Por Suko o de duas palavras! Não vi as tuas nádegas!

— Então porque riste, cunhado? Porquê? De certo viste as minhas nádegas e troças de mim! Ou me dás a resposta certa ou vou queixar ao meu esposo e ao Soma e vou espalhar o teu desaforo por toda a nossa aldeia!

— Não, cunhada, não faças isso. Se assim queres sou eu que vou contar a todos. Chama todo o Povo, mais o meu irmão e o Soma. Perguntar-lhes-ei se querem ouvir a minha resposta e se quiserem dá-la-ei para a minha desgraça e a vossa tristeza.

— Pouco me importa a tua desgraça e quanto à minha tristeza, só o meu marido e os meus filhos têm poder sobre ela. Vou chamar todas as pessoas.

Nessa noite todo o povo se reuniu debaixo da grande mulemba do chefe para ouvir a estória do rapaz e também o segredo de Tchimbaya, cuja revelação iria matá-lo como uma flecha mata uma cabra do mato ou pior ainda, como uma intriga mata um inocente só porque as pessoas não falam todas a mesma língua. As palavras têm dono...

A panela mágica

Havia um rapaz que viajava pelo mundo levando consigo apenas as tangas que vestia, que outra coisa não conhecia, uma panela vazia e ferrugenta, e toda a sua pobreza com a qual vivia desde que nascera. E assim tão carregado lá foi pelos caminhos da mata até se aperceber da fumaça que brotava de uma chaminé no cimo de uma bela casa. O rapaz pensou que era gente da terra, os que ali habitavam. Com efeito tratava-se de uma pequena residência com uma grande venda no andar térreo.

Ao ver este ambiente, de certo melhor que o do sonho do seu moyo que de grande só tinha a pobreza, o rapaz, decidido como era, arrumou três pedras, pegou na panela e foi colher água numa torneira que pingava na casa mesmo sem ninguém lhe pedir uma gota e com toda a paciência encheu o seu recipiente. Depois procurou lenha da mata e um pau que descascou pondo-o a brilhar em sua frescura. Acendeu a fogueira, colocou a panela com água sobre as três pedras e vai de mexer e remexer o pau às voltas na água como quem cozinha.

Dentro da venda um homem branco, meio distraído, observava-o sem muito interesse. Mas se o falar dos outros nos faz pensar o silêncio não o faz menos, e assim o homem levantou a cabeça para ver melhor e por fim só conseguiu perguntar-se «que diabo de coisa faz aquele rapaz a mexer a panela como quem cozinha se eu vejo muito bem que só tem água dentro?».

Mas a pergunta, de tão complexa que era a situação, não lhe trouxe a resposta. Então o branco saiu da sua inércia e veio ter com o rapaz. Inclinou-se sobre a panela e disse para si mesmo «Pois não. Não tem senão água já fervente. Que faz ele ali às voltas com o pau?» e por fim, sem reparar que o olho esquerdo do rapaz olhava para si ao passo que o direito olhava para a panela, bateu no ombro do jovem e interrogou-o francamente:

— Ó rapaz! Que fazes tu aí como um pateta a mexer uma panela de cozinha que nada tem para comer lá dentro?

— Estou justamente cozinhando meu jantar, branco.

— Mas a panela só tem água dentro e quanto a comida, nenhuma. Deves ser maluco, rapaz!

— Olha, branco. Maluco será quem não acredite nos poderes mágicos da minha panela. Verás: quando a água estiver suficientemente fervida, aparece o funji todo feito e a fumegar. Depois ainda faço um bom conduto.

— O quê?! A tua panela é mágica?!

— É exactamente isso. Queres jantar comigo, branco?

— Jantar contigo?... Disparate. O que eu quero é que me vendas a tua panela velha e ferrugenta!

— Ah! Não, senhor! Não tens dinheiro que chegue para cobrir o seu valor! Não penses nisso.

— O que estás a dizer, rapaz? Eu!? O comerciante mais abastado desta região. O que tenho chega para te comprar a panela, mais tu e toda a tua família! Vamos ao negócio. Está bem?

— Pois que assim seja porque sou caridoso. O que é que me dás pela panela?

— Metade do meu gado. São mil e duzentas cabeças do que há de melhor.

— Oh! Isso não é nada. Nem o teu gado todo! Se quiseres acrescenta a casa e a venda e a mercadoria que lá guardas. Se assim for vou pensar nisso...

— Estou de acordo — disse o branco. — Vamos ao negócio.

O branco foi-se embora com a sua panela mágica a caminho da cidade, com a intenção de ganhar muito dinheiro, e o rapaz foi tomar conta da sua venda e do seu gado.

Passados poucos dias o branco reapareceu carregando a panela, brilhando de limpezas e esfregadelas inúteis e com uma imensa fúria no bestunto. Imediatamente agarrou o rapaz, e sem lhe dar tempo de se defender meteu-o dentro dum saco de lona grossa, clamando:

— Seu filho duma cabra e grande trapaceiro. A panela então era mágica?!

Dentro do saco o rapaz, só dizia, ngu...ngu... ngu! pois o medo a primeira coisa que faz é, em geral, apoderar-se das palavras das suas vítimas, excepto uma, «Socorro» («tatyé!» na língua do rapaz) e que não é de grande préstimo pois pedir socorro a quem atentou contra si é quase o mesmo que dizer «obrigado».

— Pois agora — continuou o branco com o saco às costas — te vou afogar na água da lagoa.

E o branco começou a caminhar, mas de súbito se lembrou: «Ora merda! Não é que me esqueci de fechar

a porta da venda?! Tenho de lá voltar, mas este estu-
por pesa que nem chumbo. Depois disse para dentro
do saco: «Muito bem, rapaz. Ficas aqui tranquilinho
enquanto eu vou fechar a minha venda e guardar o
meu gado no curral. Não fujas!»

E o branco deu duas palmadinhas no saco e me-
teu-se a caminho de casa, deixando o rapaz amor-
talhado no saco sem saber como sair, apesar dos
esforços que fazia com as mãos e com o pés.

Foram exactamente esses esforços que lhe trouxe-
ram a solução. Não, não foi isso! Ele não conseguiu
abrir o saco. Mas enquanto estrebuchava dentro dele
e enquanto o branco se apressava a caminho de casa,
passou outro branco pelo lugar onde o saco se agita-
va aparentemente sozinho, e deteve-se a contemplá-
-lo com o maior espanto logo que o seu raciocínio o
informou de que dentro do saco algo de vivo se agi-
tava e queria sair. O homem aproximou-se hesitando
se seria uma criatura humana, um espírito mau ou
mesmo a alma duma pessoa. Passo a passo chegou-
-se ao saco, deu igualmente duas palmadinhas e per-
guntou a medo: «Quem está aqui dentro a estrebuchar
como um porco que vai para o matadouro?»

Aí o rapaz descobriu que tinha chegado a hora de
se salvar e respondeu imediatamente:

— Sou eu, senhor! Sou um rapaz negro que o meu
patrão resolveu levar ao Palácio do Governador a fim
de me casar com a filha dele que está à procura de
noivo e receber um prémio!

— Isso é mesmo verdade, rapaz? Vais então casar
com a filha do Governador?! — tornou o branco.

— Que Suku me valha neste momento de aflição!
É verdade, sim. E quem sou eu, pobre camponês sem
fortuna nem sorte, sem nível nem um Deus que me
defenda, sem saber ler nem escrever?

O branco que era ainda jovem, e que só tinha uma companheira preta com quem habitava e com quem se divertia, achou chegada enfim a sua oportunidade. E então disse:

— Então, eu vou te ajudar. Sais do saco, eu entro lá dentro e tu piras-te. Quando vier o outro senhor que te apanhou e vir que o saco continua a ter gente e a choramingar, ele mesmo pegará no saco, pô-lo-á às costas e entregará à filha do Governador um presente bem diferente do que toda a gente supõe, kwa!kwa!kwa! — riu por fim.

Fizeram a troca sem mais demora e o rapaz, deixando o branco dentro do saco bem fechado, correu para a se esconder. Mas aos primeiros passos avistou o outro branco que vinha também apressado.

Logo se escondeu e esperou enquanto o branco, com a sua grande barriga a dar a dar, prosseguia a caminho do saco e do seu destino.

O rapaz esperou pacientemente umas horas, enquanto o branco chegava ao saco, ficava muito contente perguntando, tás aí, rapaz?, e ouvindo a tímida resposta, tou sim senhor. Então pegou no saco, atirou-o para as costas que até parecia que tinha duas barrigas, uma à frente que era dele, outra atrás que era roubada, e pôs-se a andar para a lagoa para onde lançou a sua carga, exclamando: «Ah! Enfim, matei o sacana do preto que me enganou com a sua panela mágica!»

Pouco depois o rapaz surgiu-lhe por trás chamando-o. O branco parou e virou-se para ver quem era, mas assim que viu o rapaz vivo e bem desperto teve um tal ataque de espanto que saltou ao ar quase um metro, apesar da grande barriga que o impedira sempre de correr, e gritou: «Ai Meu Deus! Ai minha virgem Maria! Tu és o fantasma do rapaz,

não? E vens comer-me vivo, ou talvez na panela mágica.»

— Não senhor — volveu o rapaz —, nada disso, ó branco. Realmente me atiraste ao fundo da lagoa mas vieram os habitantes desse fundo e tiraram-me do saco. Perguntaram-me como é que eu tinha conseguido chegar ao fundo da lagoa dentro dum saco. Eu contei-lhes a nossa história e disse-lhes que foste tu que me mandaste.

— Mas que coisa mais espantosa, rapaz! Contudo tenho que te mandar para outra lagoa pois preciso matar-te.

— Não faças isso, ó branco. Todos aqueles habitantes do fundo da lagoa são os teus antepassados que me mandaram de volta com o recado de te chamar, pois tens lá no fundo uma formidável herança à tua espera e que está à guarda deles. Eles querem que vás lá buscar a herança e a tragas cá para cima, para ti.

— Ai Deus do céu abençoado! Então eu vou já para lá.

— Sim, tens que ir e tenho que ser eu a levar-te dentro de outro saco igual.

O branco já nem quis ouvir mais. Correu para a sua casa, apanhou outro saco igual, trouxe-o sempre a correr enquanto segurava a barriga com a outra mão, voltou, encontrou o rapaz à espera a fingir que já dormia.

— Acorda, preguiçoso! Eu vou entrar no saco, ata-o bem e lança-me à lagoa!

— Pois então — respondeu o rapaz —, vamos a isso. Entra no saco.

O branco não se fez rogado, entrou no saco, deixou-se fechar lá dentro, e gritou: «podes lançar-me». E lá foi ele pela água abaixo, servir de comida aos peixes que de facto habitam a lagoa.

O rapaz esfregou as mãos e voltou para a «sua casa», a «sua loja» e o seu gado, tudo isso à beira da estrada à espera de um dono, e aí se instalou para o resto dos seus dias.

E foi assim que tudo aconteceu.

À MANEIRA DE POST FACIO

A minha intenção no início deste trabalho havia sido simplesmente a de dar a público uma pálida ideia do que me vai pela memória sobre o «folclore», ou a chamada «literatura oral», ou ainda a «oratura» de tipo rural, entre alguns dos nossos povos de Angola, não tanto pelo prazer que essa literatura me tem dado como também pelo que ela nunca deu à maioria dos angolanos. Mas esperei a ocasião mais favorável e fui trabalhando. Como porém em Luanda se publica agora (como já se fez em ocasiões anteriores) uma quantidade de livros relativamente elevada, mas em linguagem estereotipada, à maneira Luandense, onde uma filosofia especial, ignorando que tem forma própria, flui e parte à aventura de boca em boca ou de página em página, em busca talvez das mesmas formas nascidas na vida tortuosa de Luanda, caídas em pára-quedas dos mesmos e miseráveis musseques de sempre ou de nunca, ou então do alto dos quartos e quintos andares onde os elevadores há muito mandaram suas vidas para os beirais de terceira idade, a população desta cidade grande de mais para ela pró-

pria, pequena de mais para as viaturas e o dinheiro que por ela circulam, dispõe de muito poucas fontes de cultura. E não cito como carências senão aquilo que nós, angolanos, podemos transmitir uns aos outros com a consciência gramatical tranquila. Mas a mim me põe a vibrar o processo de fusão cultural senão de lógica gramatical quando aquele rapaz, meu vizinho, conversando com o seu amigo Miguel lhe diz, eh! meu, ontem fui à tua casa te procurar, te encontrei não estavas. Pois é, responde o Miguel, vê lá tu, parente. Eu tinha ido ver o pobre do Francisco que lhe bateram na mãe dele, mas a rebentar, meu! Wao! — (não) diz o meu vizinho (mas pensa) ainda bem que minha mãe já não está cá em casa e foi com outro pai...

Desculpem, caros leitores, o encantador desvario desta conversa que vem da única fonte de palavreado desta juventude de Luanda e aqui para nós, ainda bem para ambos e para os leitores já que nenhum deles disse que, pela certa, o outro não passava dum *floccinaucinihilipilificador*⁽¹⁾, isto é, que não se ralhava com os problemas dum Francisco partido à porrada pela mãe.

Continuando: de súbito, numa noite de trovoadas e de guerra, eu (julgo...) a dormir na minha cama, soube pelo meu sonho que estava prisioneiro do ini-

(¹) Chamada «a palavra inútil» que só se encontra registada e definida no Dicionário de Oxford como «floccinaucinihilipilificatrix», sendo composta pelos termos latinos *fioci*, *nauci*, *nihili*, *pili*, que significam «a pouco», ou «a nada». Designa portanto alguém que tem o hábito de considerar as coisas como de pouco ou nenhum valor. (Citada por Robert A. Heinlein em *O Número do Monstro/I*, Livros do Brasil, Lisboa.)

migo, havia que fugir mas levando os nossos históricos tesouros. Meti-me à aventura, fugi, e fui acolhido conforme conta «O rapto das cidades». Este conto que me parece muito aceitável e verdadeiro (a escritora que me acolheu existe de facto como tudo o resto... ai se eu vos dissesse quem era!) ensinou-me o valor do sonho. Não é imaginação pura nem cópia da realidade mas é a mistura das duas controladas pela subconsciência (que na ocorrência era o orgulho de ser angolano e ter algo a fazer por isso).

Aí descobri uma nova fonte literária, eu que, como muitos dizem, levo a vida a sonhar ou a imaginar. E lá nasceu mais uma nova espécie de contos na minha literatura...

Até que, aparentemente esgotei esse milagre da transformação.

Parei de escrever por uns tempos para melhor me dedicar a aprender a sério, quer dizer, com óculos de filósofo. E recomecei a reler os meus muito estimados Jorge de Sena, José Saramago, Ítalo Calvino e outros. E ao mesmo tempo, quer dizer, no meio dessa leitura, caiu-me nas mãos *Um Homem Viajando Numa Noite de Inverno*, de Calvino. Em seguida respirei fundo e li *O Homem Duplicado*, de Saramago (e não pude deixar de sorrir da semelhança temática...). Por fim tive a sorte de apanhar as *Fábulas e Contos* de novo do meu Calvino, uma extraordinária recolha feita aqui e ali em Itália (numa Itália da há x anos), uma poderosa soma de contos deliciosos das várias regiões da Itália, com histórias tal como as conheci na minha infância europeia sem pretensões de terem uma origem, mas com parâmetros constantes que impulsionavam aquele conjunto, para mim, claro, como belos exemplos do folclore europeu, onde há sempre uma princesa (ou um príncipe) disponível

para casar com alguém da mesma classe ou com habilidades particulares; há muitas vezes um rei vizinho de um outro sem que se veja nenhum reino à volta (coisa que Calvino não deixa de anotar). É claro que o bem e o mal ao nível divino são muitas vezes os servidores de Deus (o Anjo) ou do Diabo (a bruxa) — no que se distingue bastante do maravilhoso de duas velhas lendas portuguesas que Jorge de Sena misturou numa só, fazendo uma obra-prima no género, *O Físico Prodigioso*.

Mas não me parece oportuno nem eu me pareço capaz de fazer aqui nem sequer o arremedo de um tratado sobre a matéria.

A verdade é que a leitura deste livro de Ítalo Calvino foi a gota de água: a páginas 136 surge-me um conto que narra as aventuras de três irmãs e uma avó doente que se deixaram comer pelo lobo mau mas acabaram vencendo porque a mais nova, a última a empreender a viagem para levar um cesto de comida para a avó, era a mais esperta, que à comida acrescentou algum pão ou parecido, repleto de pregos, o qual foi parar à boca do lobo criando-lhe dificuldades. Conhecem a história. Se pensarem bem talvez se lembrem da história do Capuchinho Vermelho, a menina que foi comida pelo lobo que já tinha comido a avó, até que os caçadores vieram, mataram o bicho e libertaram toda a gente, a avó incluída. Segundo a identificação que dá Calvino, é *El lobo e le tre putèle*, dizendo ser do Lago de Garda (*Due fiabucce popolari*), de Verona. Mas ele também sabe que a história que terá chegado ao Lago de Garda na Itália vinda da Alemanha é justamente o Capuchinho Vermelho, cujo final se aproxima mais de Grimm do que de Perrault. Mas deixemos esta polémica para regressar à nossa história que não é de Verona ou do Lago da Garda,

nem da Alemanha, porque é da Wila, bem no Sul de Angola!

Será mesmo e só?

É claro que não. É uma lenda popular de Angola, um país onde não há príncipes nem princesas nem reis mas sim outras realezas parecidas mas com outros nomes, na medida em que o meu narrador, do tempo colonial, acrescenta-se, era um jovem e não um velho, embora me dissesse que foi um avô dele que lha contou e que agora me oferecia o belo doce, com as palavras que ele tinha assimilado, tomado posse e manipulado à sua maneira: e aí encontramos nós os problema de um rapaz preto, portanto pobre ou servente ou camponês frustrado, a jogar com dois brancos e a vencer com a sua arma dando o tiro com o respectivo recuo, no qual ele ganhava sempre. O tiro era para ganhar a casa, a venda e o gado dos dois brancos, dando cabo de ambos, como criaturas gananciosas, e o recuo era enganá-los com o casamento com a «filha do Governador», as mais altas personalidades do país de então, equivalendo perfeitamente à lenda do Lago da Garda e talvez a todo o folclore da Europa, da princesa filha do rei.

Espero que o leitor saiba, muito antes de eu aqui o escrever, que

não há culturas puras...

Glossário

- Balaio: cesta.
Bessangana: senhora.
Bissapa: grupo de plantas selvagens.
Buala: aldeia.
- Camba: amigo.
Canhangulo: espingarda antiga.
Chana: terreno plano revestido de capim.
- Epata: família.
- Faine: alegre e denso.
Funji: farinha de mandioca ou de milho.
- Haka!: Poça!
- Jango: telheiro para dar sombra.
Jimi: penteado.
Jinguba: amendoim.
- Kandengue: miúdo; garoto; filho.
Katitinho: pedacinho.
Kimbo: residência familiar.
Kyanda: sereia.
- Mbambi: pequena cabra do mato.
Moyo: a força da vida.
Mpwita: tambor.
Mulola: riacho (geralmente seco) na chana.
Muringue: jarro em cerâmica para água.
Muxito: tufo de plantas espinhosas.
Mwata: grande senhor.
- Nkissi: figura mitológica; espírito.
Nunce: pequeno antílope.
- Olongo: o maior dos antílopes.
Omakissi: plural de nkissi.
- Quinda: o mesmo que balaio.
Quinguila: cambista clandestino(a).
- Salalé: térmite.
Sanga: vaso grande para água.
Sundu ya menye!: insulto grave.
Surukuku: serpente venenosa.

Colecção Letras Angolanas

1. *Geração da Utopia*, Pepetela
2. *O Gravador de Ilusões*, José Mena Abrantes
3. *Mestre Tamoda*, Uanhenga Xitu (Agostinho Mendes de Carvalho)
4. *O Noctívago — e outras estórias de um benguelense*, Luís Kandjimbo
5. *Mungo — Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem...*, Uanhenga Xitu (Agostinho Mendes de Carvalho)
6. *O Ano do Cão*, Roderick Nehone
7. *Tempos do Ya Kala Ya — Ascensão e Queda de Bartolas Matias*, Ismael Mateus
8. *Filhos da Pátria*, João Melo
9. *Na Curva do Cão Morto*, José Mena Abrantes
10. *Momentos de Aqui*, Ondjaki
11. *Entre a Morte e a Luz*, Aníbal Simões
12. *Um Anel na Areia*, Pepetela
13. *O Desejo de Kianda*, Manuel Rui
14. *O Assobiador*, Ondjaki
15. *Colonizados e Colonizadores*, Raúl David
16. *A Saúde do Morto*, Luís Fernando
17. *A Mensagem do Cristal de Rocha*, Eugénia Neto
18. *Gentes do Mato*, Manuel Pedro Pacavira
19. *Mingota*, Manuel Pedro Pacavira
20. *Tempos Sem Véu*, Roderick Nehone
21. *Sobras da Guerra*, Ismael Mateus
22. *Cenas do Feitiço*, Moisés Mbambi
23. *O Regressado da Lavra do Maiombola*, Lopes Faria «Kizakazaka»
24. *O Julgamento do Homem — fábula para novas idades*, Timóteo Ulika
25. *Gente Que Anda Por Aí*, Henrique Abranches
26. *The Serial Killer* (contos risíveis ou talvez não), João Melo
27. *A Caixa de Chifre Preto — crónica histórica romanceada*, António Setas
28. *A Clave da Insatisfação*, Aníbal Simões
29. *João Kyomba em Nova Iorque*, Luís Fernando
30. *Quantas Madrugadas Tem a Noite*, Ondjaki
31. *A Cabeça de Salomé*, Paula Tavares

GENTE QUE ANDA POR AÍ
Autor: HENRIQUES ABRANCHES

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

HENRIQUES ABRANCHES

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

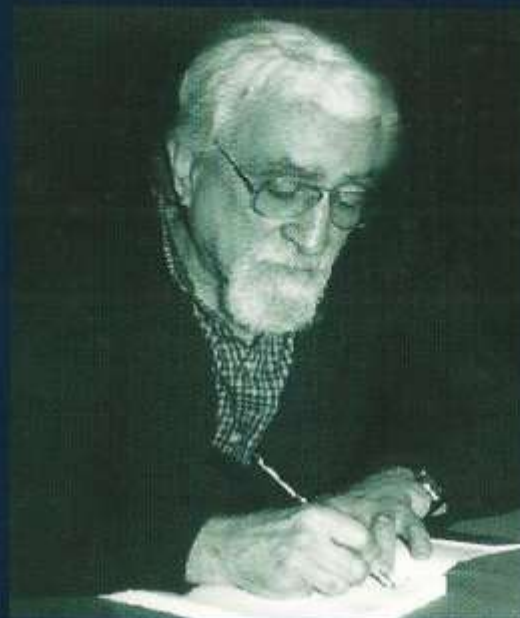
Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



Henrique Abranches nasceu em Lisboa em Setembro de 1932 e foi para Angola logo após a Segunda Guerra Mundial. Em Sá da Bandeira (actual Lubango) inicia-se na actividade política literária, na pintura e nos estudos etnográficos. Mais tarde, já em Luanda, escreve principalmente poesia e textos de etnologia para a Sociedade Cultural de Angola e para a revista da Associação dos Naturais de Angola, na época dirigida por António Jacinto. Preso pela Pide, escreve na prisão o esboço do seu primeiro romance, *A Konkhava de Feti*, que consegue fazer sair do país. É enviado para Lisboa com residência fixa, onde colabora com a Casa dos Estudantes do Império dando palestras, escrevendo e fazendo trabalho político. É membro fundador da União dos Escritores Angolanos e da UNAP (União Nacional dos Artistas Plásticos), de que foi presidente. As suas obras *A Konkhava de Feti* e *O Clã de Novembro* (em três volumes) foram galardoadas com o Prémio Nacional de Literatura. Dedicar-se ainda à expansão da Banda Desenhada através de escolas de sua iniciativa. Com mais de 50 títulos publicados abrangendo temática variada, tem de momento no prelo um pequeno livro de contos.

